

**MARCOS LUIZ CUMPRI**

**DA NOÇÃO AO TEXTO: UM ESTUDO  
ENUNCIATIVO DA PRODUÇÃO TEXTUAL**



ARARAQUARA – SP.  
2008

MARCOS LUIZ CUMPRI

# DA NOÇÃO AO TEXTO: UM ESTUDO ENUNCIATIVO DA PRODUÇÃO TEXTUAL

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

**Orientador: Dra. Leticia Marcondes Rezende**

**Bolsa: CNPq**

ARARAQUARA – SP.  
2008

Cumpri, Marcos Luiz

Da noção ao texto: um estudo enunciativo da produção textual /  
Marcos Luiz Cumpri – 2008

124 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa) –  
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras,  
Campus de Araraquara

Orientador: Letícia Marcondes Rezende

I. Lingüística. 2. Língua Portuguesa. 3. Textos. I. Título.

MARCOS LUIZ CUMPRI

# *DA NOÇÃO AO TEXTO: UM ESTUDO ENUNCIATIVO DA PRODUÇÃO TEXTUAL*

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

**Orientador: Dra. Letícia Marcondes Rezende**  
**Bolsa: CNPq**

Data de aprovação: 03 / 03 / 2008.

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

**Presidente e Orientador:** Dra. Letícia Marcondes Rezende

**Membro Titular:** Dra. Márcia Cristina Romero Lopes

**Membro Titular:** Dra. Marília Blundi Onofre

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
**UNESP – Campus de Araraquara**

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora Letícia, pelo desafio constante, pela liberdade intelectual e por me fazer pesquisador.

Ao CNPq, por me manter funcional durante a pesquisa.

À Dra. Márcia Cristina Romero Lopes, à Dra. Maria Isabel de Moura Brito e à Dra. Marília Blundi Onofre, pelas impagáveis contribuições dadas ao longo desta trajetória.

Aos professores do programa, por me permitirem fazer lingüística junto a eles.

Aos funcionários da seção de pós-graduação, por todo o apoio técnico.

Aos meus amigos, por serem amigos.

Aos que acreditaram e aos que duvidaram, pela motivação.

Aos que amo, por me fazerem melhor.

### **Sobre a Escrita...**

*Meu Deus do céu, não tenho nada a dizer. O som de minha máquina é macio.*

*Que é que eu posso escrever? Como recomendar a anotar frases? A palavra é o meu meio de comunicação. Eu só poderia amá-la. Eu jogo com elas como se lançam dados: acaso e fatalidade. A palavra é tão forte que atravessa a barreira do som. Cada palavra é uma idéia. Cada palavra materializa o espírito. Quanto mais palavras eu conheço, mais sou capaz de pensar o meu sentimento.*

*Devemos modelar nossas palavras até se tornarem o mais fino invólucro dos nossos pensamentos. Sempre achei que o traço de um escultor é identificável por uma extrema simplicidade de linhas. Todas as palavras que digo é por esconderem outras palavras.*

*Qual é mesmo a palavra secreta? Não sei é porque a ousar? Não sei porque não ousar dizê-la? Sinto que existe uma palavra, talvez unicamente uma, que não pode e não deve ser pronunciada. Parece-me que todo o resto não é proibido. Mas acontece que eu quero é exatamente me unir a essa palavra proibida. Ou será? Se eu encontrar essa palavra, só a direi em boca fechada, para mim mesma, senão corro o risco de virar alma perdida por toda a eternidade. Os que inventaram o Velho Testamento sabiam que existia uma fruta proibida. As palavras é que me impedem de dizer a verdade.*

*Simplesmente não há palavras.*

*O que não sei dizer é mais importante do que o que eu digo. Acho que o som da música é imprescindível para o ser humano e que o uso da palavra falada e escrita são como a música, duas coisas das mais altas que nos elevam do reino dos macacos, do reino animal, e mineral e vegetal também. Sim, mas é a sorte às vezes.*

*Sempre quis atingir através da palavra alguma coisa que fosse ao mesmo tempo sem moeda e que fosse e transmitisse tranqüilidade ou simplesmente a verdade mais profunda existente no ser humano e nas coisas. Cada vez mais eu escrevo com menos palavras. Meu livro melhor acontecerá quando eu de todo não escrever. Eu tenho uma falta de assunto essencial. Todo homem tem sina obscura de pensamento que pode ser o de um crepúsculo e pode ser uma aurora.*

*Simplesmente as palavras do homem.*

**Clarice Lispector**

CUMPRI, Marcos. L. **Da noção ao texto: um estudo enunciativo da produção textual**. 2008. 124 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa)- Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008.

## RESUMO

Este trabalho propõe, em linhas gerais, um estudo da organização das noções e dos domínios nocionais de textos dissertativos com base no tema “o ciúme nas relações humanas”. A reflexão teórico-metodológica que nos sustenta é a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) de Antoine Culioli.

As noções por serem complexos sistemas representacionais das propriedades físico-culturais condicionaram-nos a verificar como elas são organizadas e expressas lingüisticamente e, concomitantemente a isto, como essa organização se dá por meio dos arranjos léxico-gramaticais realizados pelos sujeitos enunciadoreis.

Além disso, observamos os percursos enunciativos percorridos pelos sujeitos enunciadoreis a fim de averiguarmos até que ponto a construção e a organização dos domínios nocionais influenciam no desenvolvimento textual.

Por fim, o que colocamos em pauta foi, se não as principais operações que se manifestam no momento em que os interlocutores dão sentido e significação a seus textos por meio de suas percepções de cunho cultural (as noções), pelo menos, algumas reflexões que apontam para relevância da inserção do sujeito (enquanto um ser dotado de uma cultura de ordem sócio-psicológica) na discussão estabelecida pela lingüística textual a respeito da escrita do texto.

**Palavras – chave:** noção. domínios nocionais. enunciação. operações enunciativas. texto.

## ABSTRACT

*This work proposes, in general lines, a study about the organization of notions and the notional domains of texts based on "jealousy in human relations". The theoretical reflection which provides us with support is the Theory of Enunciative and Predicative Operations by Antoine Culioli.*

*The notions, for being complex representational systems of psycho-cultural properties, conditioned us to verify how they are organized and expressed linguistically and, in addition to this, how this organization is given by the lexical- grammatical arrangements made by the enunciator.*

*Besides that, we have observed the enunciative routes traversed by the enunciators so that we are able to check out how much the construction and the organization of notional domains influence in the textual development.*

*At last, what we put in discussion was, if not the principal operations that appear in the moment in which the interlocutors give sense and signification to their texts throughout their perceptions of cultural character (the notions), at least, some reflections that point out to the relevance of the insertion of the individual (as someone doted of a social- psychological culture) in the discussion established by textual linguistics about the production of the text.*

**Keywords:** notion. notional domain. enunciation. enunciative operations. text.



## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	11
<b>I - Um olhar sobre a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas</b>	15
1 Alguns pressupostos teórico-metodológicos fundamentais	23
2 O processo enunciativo	23
2.1 A <i>lexis</i>	23
2.2 A relação predicativa	24
2.3 A relação enunciativa	25
3 Operações de determinação	26
4 A modalidade	26
5 O aspecto	29
6 A ambigüidade e o processo de desambigüização	32
7 Definindo alguns termos da TOPE	34
7.1 Extração	34
7.2 Flechagem	34
7.3 Varredura	35
7.4 A paráfrase	35
8. Conclusão	35
<b>II - A noção: dos conceitos aos domínios</b>	38
1 Introdução	38
2 Noção: a representação	38
2.1 Tipos de noções	42
2.1.1 A noção do tipo $\alpha$	44
2.1.2 A noção do tipo $\beta$	45
2.1.3 A noção do tipo $\gamma$	48
2.2 As noções e as palavras	49
3 Uma primeira conclusão	52
4 Domínios Nocionais	52
4.1 A classe de ocorrências	53
4.2 A construção do domínio nocional	53
4.3 O centro atrator	54
4.4 Identificação e Diferenciação	56
4.4.1 Identificação	56
4.4.2 Diferenciação	56
4.4.3 Interior, Exterior, Fronteira	57
4.4.4 A Fronteira	58
4.4.5 O problema da Fronteira	60
4.4.6 O gradiente	61
4.4.7. A negação	61
4.4.8 Um exemplo de construção do domínio nocional por meio da modalidade	63
5. Conclusão	64

<b>III - As noções extraídas dos textos selecionados</b>	67
1 Os textos de baixo desempenho	67
2 Os textos de alto desempenho	74
<b>IV - Uma análise da produção textual sob a ótica nocional</b>	87
<b>Considerações finais</b>	116
<b>Referências bibliográficas</b>	120

## Introdução

A dissertação que aqui trazemos tem, em seu bojo, o resultado de uma pesquisa que abordou a questão da produção textual partindo de reflexões que norteiam as propostas de Antoine Culioli e seus colaboradores, as quais vêm a constituir a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), cuja meta maior é o estudo da articulação da linguagem com as línguas naturais.

Esta infinda trajetória iniciou-se a partir da crença de que o texto é uma seqüência de representações que resultam de um conjunto de operações realizadas por um sujeito enunciador que, numa situação de enunciação (que inclui os interlocutores e um momento) busca constituir um sentido. Assim, visamos a traçar os rumos pelos quais as organizações das percepções físico-culturais (as noções) fomentam a formulação e o desenvolvimento dos textos de caráter dissertativo.

A intenção de fundamentar um trabalho teórico sobre uma reflexão de ordem epistemológica e evidente fez-se presente por acreditarmos que o conhecimento teórico está vinculado ao conhecimento prático, e, ambos, consistem em descrever e explicar uma realidade lingüística, sendo que a natureza da lingüística e o seu objeto são constantes que sustentam uma concepção de ciência da linguagem.

Tal estudo privilegiou a busca dos processos percorridos pelos sujeitos ao lidarem com língua e linguagem ao invés de se constituir enquanto um trabalho lingüístico que se encerra em si próprio. Assim, tentamos averiguar até que ponto a construção e a organização dos domínios nocionais levando em conta a atitude do sujeito em relação ao que ele enuncia e para quem ele enuncia afeta o desenvolvimento textual.

Partindo de um corpus de um conjunto de 72 redações separadas em baixo e alto desempenho pela fundação Vunesp de candidatos que versaram sobre o tema “*O ciúme nas relações humanas*” trazemos as análises de quatro textos que representam esse conjunto maior focando duas questões principais:

A primeira delas foi a de verificar como as noções (junção das experiências culturais, sociais e psicológicas dos indivíduos enquanto sujeitos enunciadore) são

organizadas e expressas lingüisticamente e por conseqüência como essa organização se dá por meio dos arranjos léxico-gramaticais realizados pelos sujeitos enunciadorees.

A segunda foi observar se a construção e a organização das noções, de fato, influencia no desempenho dos textos, qualificando-os ou como de alto desempenho ou como de baixo desempenho.

Como resultado, tentamos chamar ainda mais a atenção para a relevância da inserção do sujeito (enquanto um ser dotado de uma cultura de ordem sócio-psicológica) na discussão estabelecida pela lingüística textual a respeito do bom texto.

Logo, a nossa contribuição caminhou no sentido de mostrar que o ato da reflexão acerca da linguagem encerra o mais alto grau de sua riqueza, uma vez que a nossa proposta teórico-metodológica tenta teorizar exatamente essa reflexão, e, dessa forma, o ato da observação faz-se um caminho necessário para que o sujeito adentre o complexo universo da linguagem. Em outras palavras: acreditamos que é por meio dos observáveis que se chega à teorização e à conscientização daquilo que está sendo abordado.

Dado ainda o notório esforço que os sujeitos enunciadorees fazem com a linguagem ao produzirem e reconhecerem textos, fizemos um estudo que, além de ter buscado esse sujeito dentro do âmbito lingüístico, tenha deixado registrado se não a certeza de que se chega a operações generalizáveis por meio da análise das particularidades, das variáveis e das exceções da língua; pelo menos a intrínseca relação que há entre os ajustes lingüísticos realizados pelos sujeitos enunciadorees e o processo de construção da significação verbal escrita.

Vale ressaltar a nossa árdua e incansável meta de demonstrar que a língua é, de fato, um sistema dinâmico capaz de lidar com todo e qualquer tipo de enunciado se alicerçando em determinados conceitos que fundamentam uma estabilidade teórica ancorada em ajustes lingüísticos, ou seja, para a TOPE, a produção lingüística é também o resultado de um trabalho de montagem e desmontagem dos textos, marcas e valores, que em seguida, têm seus significados construídos e reconstruídos por meio das atividades lingüísticas, entre elas, categorias gramaticais de modo e de aspecto.

A hipótese primária de que as noções - complexos sistemas representacionais das propriedades físico-culturais e das propriedades dos objetos - são organizadas por

meio das marcas assertivas que ora aproximam, ora distanciam sujeito e enunciação conduziu-nos a realizar análises e manipulações que acabaram demonstrando que, apesar deste movimento e da constante preocupação com a originalidade textual, os sujeitos em questão (os vestibulandos) constantemente se remetem ao senso comum de suas culturas, sejam eles produtores de textos de alto desempenho, sejam eles produtores de textos de baixo desempenho.

A segunda hipótese de que os atos de linguagem são agenciamentos de formas a partir dos mecanismos enunciativos que o constituem, isto é, de que o valor referencial de um texto não é um dado, mas um construto, conduziu-nos, por sua vez, a verificar se o que faz de uma redação um texto de alto desempenho eram questões mais ligadas à organização nocional do que correção gramatical por exemplo.

Assim, traremos nas próximas páginas uma pesquisa de ordem enunciativa para a qual a própria noção de sujeito enunciador é uma instância construída juntamente aos processos constitutivos do enunciado por ele (o sujeito) inscrever-se dentro de um todo complexo que pode ser denominado enquanto um processo de co-enunciação.

O primeiro capítulo traz uma noção geral dos principais pontos da TOPE. Com este item de caráter introdutório pretendemos elucidar, minimamente, os mais significativos preceitos da teoria culioliana, e para tal, lançamos mão tanto de textos introdutórios, divulgadores e anfitriões da teoria quanto de coletâneas de aulas do próprio professor Culioli. Merecem destaque neste capítulo a noção de sujeito dentro da teoria, os conceitos de língua e linguagem, os processos constitutivos do enunciado, o conceito de atividade epilingüística e as noções de modalidade e aspecto.

O segundo capítulo encerra em si, de forma esmiuçada, os estudos de Culioli a respeito da noção e da organização dos domínios nocionais. Para consecução de tal capítulo, foram consultados, sobretudo, textos e livros focados sobre o tema. No âmago desta seção abordamos, entre outras coisas, os conceitos, os tipos de noções e a questão do interior, do exterior e da fronteira. Vale ainda ressaltar que este capítulo emerge como uma tentativa de elucidarmos um pouco mais o campo das noções no tocante à suas representações e organizações.

O terceiro capítulo traz uma abertura das noções dos textos que originaram o corpus deste estudo. Primeiramente, em cada texto foram coletadas noções de ciúme

que se enquadrasse num esquema primitivo <ciúme – ser - x>. Num segundo momento tentamos aproximar tais noções dos pólos positivo e negativo, o que resultou em dois gráficos percentuais. A partir do levantamento dessas noções também pudemos fazer algumas considerações a respeito da hipótese de que as noções - sejam elas em textos de baixo desempenho, sejam elas em textos de alto desempenho - se repetem por serem parte de um construto cultural.

O quarto e último capítulo é, além do trabalho de análise de quatro textos a partir dos conceitos abordados nos capítulos anteriores, uma reflexão a respeito da escrita do texto que tem como objetivo algo nada muito distante de uma singela contribuição aos estudos lingüísticos de base enunciativa.

# Um olhar sobre a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas

## 1 Alguns pressupostos teórico-metodológicos fundamentais

A construção de um objeto teórico fundador da chamada ciência lingüística - a língua - tem sido o grande desafio dos lingüistas desde há muito. Entre eles, o lingüista francês Antoine Culioli (1924) assume um papel tão ímpar quanto urgente dentro dessa ambição. Levando isso em conta, este primeiro capítulo tem como desafio trazer reflexões que norteiam as propostas de Culioli e seus colaboradores, as quais vêm a constituir a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE). De início, vale ressaltar que algumas questões são fundamentais para que possamos melhor explicitar os parâmetros teórico-metodológicos que permeiam esta linha de reflexão.

Questões como: o que diferencia a lingüística enunciativa da abordagem tradicional e o que são lingüística, linguagem, línguas para a TOPE, entre outras, serão, pelo menos em parte, respondidas neste item introdutório.

Os estudos de base culioliana, tanto no Brasil como no exterior, vêm provando que esta teoria, diferentemente das abordagens mais tradicionais, está mais preocupada com o “caminho” do que com a “chegada”. Trata-se de uma reflexão que dá maior “voz” aos processos percorridos pelos sujeitos que estão lidando com língua em linguagem do que à língua pronta e acabada.

O objeto “língua”, aqui, toma forma diferente daquela clássica que propõe um estudo das variações e oposições, pois a TOPE aproxima-se do que seria um estudo das invariantes no qual o conceito de fala (*parole*) se confunde, intencionalmente, com o de enunciação. E o termo enunciação, por sua vez, não é apenas o ato individual da linguagem (ato das realizações e manifestações da língua), mas o próprio conceito de comunicação humana provido de regras enunciativas, ao contrário do que se pode pensar da TOPE enquanto um rompimento da norma.

Em outros termos: é uma teoria do mapeamento das invariantes (operações elementares subjacentes à atividade de linguagem) por meio da diversidade das

línguas naturais. E mais, o que de fato interessa a Culioli são as atividades cognitivas e representacionais, pois ele acredita que a apreensão da linguagem só é possível por meio de textos e que a atividade da linguagem é a busca da construção de um discurso homogêneo<sup>1</sup> e a partir do ato da observação (marca característica desta reflexão) reduz-se a heterogeneidade de todo o domínio lingüístico. (Culioli, 1976).

A TOPE é a própria teoria dos observáveis, por meio dos quais chegar-se-á à teorização dos mesmos, ou seja, é o todo que contém em si a explicação da parte, e vice-versa. Isto é, faz-se, portanto, necessário que aqueles que a estudam criem uma teoria dos observáveis antes de construir um modelo teórico daquilo que está sendo observado.

Entre os vários objetivos que Culioli e seus colaboradores vislumbram alcançar, assume um destaque peculiar a construção de um complexo, coerente e desambigüizado sistema de representações dos significados no qual as noções do enunciador tornam-se bem formuladas, isto é, no qual os enunciados apresentem significados.

Das várias particularidades da teoria de Culioli, também merece especial destaque o seu objetivo de fundamentar um trabalho teórico sobre uma reflexão de ordem epistemológica, evidencial, pois para ele o conhecimento teórico está vinculado ao conhecimento prático, e, ambos, consistem em descrever e explicar uma realidade lingüística, sendo que a natureza da lingüística e o seu objeto são constantes que sustentam uma concepção de ciência da linguagem que vem sendo apresentada e discutida ao longo seus trabalhos (artigos, conferências, aulas).

No tocante ao lingüista, neste projeto lingüístico, ele deve necessariamente ser capaz de compreender problemas relacionados às definições de outra disciplina. Ou seja, ele (o lingüista) não deve ser simplesmente um descritor, mas sim fazer parte de um processo que vai muito além nos aspectos culturais, pois, um grande número desses aspectos sempre estará presente nos estudos das línguas naturais.

Várias diferenças saltam aos olhos quando pensamos nessa teoria comparada ao estruturalismo saussuriano, por exemplo. Uma prova disso é que para Culioli a

---

<sup>1</sup> A hipótese base aqui é a de que a atividade da linguagem é uma atividade que produz e reconhece formas - não no sentido morfológico do termo, mas sim no abstrato.



dicotomização (língua /fala, aceitável / inaceitável, certo/ errado), é menos importante do que a realização de um trabalho lingüístico que transforme o aceitável em inaceitável e o inaceitável em aceitável, visto que os valores atribuídos às dicotomias são sempre sutis e ténues aos olhos desse lingüista.

Logo, a TOPE é a teoria que define a disciplina lingüística na sua homogeneidade<sup>2</sup>, ponto de vista diferente daquele definido por Saussure, o qual insiste na definição de língua como objeto.

Por outro lado, para Culioli, não basta ficarmos quebrando os paradigmas pré-estabelecidos lingüisticamente, mas também procurarmos percorrer os caminhos que levam aos mecanismos que permitem fazer esse tipo de manobra. Não se trata, então, de apenas transformarmos em aceitável uma frase do tipo “X descozinhou o arroz”. É necessário que forcemos essas modificações por meio da manipulação dos elementos da língua dentro de uma atividade metalingüística<sup>3</sup>, a qual é consciente, produzida e controlada pelo lingüista e que, além disso, permite-o representar os arranjos num texto, os quais não são acessíveis diretamente.

Percebemos, portanto, que mais importante que invalidar velhas dicotomias, é buscar os mecanismos que as produzem, mecanismos esses que são encontrados nos processos de construção das mesmas. Logo, chegar a esses mecanismos a partir das observações construídas no decorrer da atividade metalingüística é uma das metas desta linha de pensamento.

Com efeito, os mecanismos ou processos que constituem o enunciado também são ferramentas que fundamentam a teoria da enunciação. Como ressalta Rezende (2000), léxico e gramática - os quais atuam na delimitação das unidades comunicativas - não são dados prontos, mas sim construtos oriundos da atividade da linguagem pertencentes a uma determinada língua. O significado de um enunciado é construído por meio de modulações de sentido, e essas modulações dialogam entre si e com um

---

<sup>2</sup> Culioli, insiste na fundamentação da lingüística enquanto um trabalho teórico e reafirma a necessidade de um sistema de representação que suporte a generalização (1990, 2000)

<sup>3</sup> Citando Geraldi (1991), uma das características essenciais da linguagem é a reflexividade (a capacidade de remeter a si mesma) e sendo assim ele destaca três ações que os sujeitos fazem em relação a ela: ações *com* a linguagem (atividade lingüística) ações *sobre* a linguagem (atividade epilingüística) e ações *da* linguagem (atividade metalingüística).

determinado conteúdo predicativo, o qual fornece a espessura dialógica necessária à construção da representação.

Tendo em mente que o elo de ligação entre o intra e o extralingüístico é construído por meio de operações de constituição (operações de referenciação) do enunciado (o intralingüístico), versaremos sobre as próximas páginas, o fundamental da teoria enunciativa.

Vignaux (1995) ao discorrer sobre o postulado culioliano, destaca três marcas fundamentais dessa teoria. São elas:

(i) A interdição da dicotomia artificial entre língua e fala (*langue x parole* para Saussure)

(ii) A escolha de um nível mais profundo como método de análise, assim denominado por relações primitivas<sup>4</sup>.

(iii) A oposição de contradições intrínsecas em relação a uma dada marca partindo das observações de agenciamento das frases (a superfície) para ligá-las (as frases) a um esquema primitivo de constituição (as relações primitivas) e reciprocamente, a partir deste esquema retornar, assim, à superfície para derivar uma ou várias famílias parafrásticas<sup>5</sup>.

Dizer que a TOPE é o estudo da articulação entre linguagem e línguas naturais é o mesmo que dizer que essa perspectiva lingüística objetiva a atividade da linguagem apreendida por meio das línguas naturais. E, fazendo um breve confronto com a lingüística tradicional<sup>6</sup>, podemos dizer que enquanto essa última parte da língua estanque, pronta e acabada, sem tangenciar os processos constitutivos de construção da mesma, a TOPE parte exatamente desses processos que são para Culioli a principal ferramenta de um estudo lingüístico.

Explicitando mais detalhadamente essas duas vertentes articulatórias, isto é, a língua<sup>7</sup> e a linguagem<sup>8</sup>, diríamos que:

---

<sup>4</sup> Cf. item 2.1 deste capítulo.

<sup>5</sup> Cf. item 6 deste capítulo.

<sup>6</sup> Nos referimos aqui ao estruturalismo saussuriano, o qual optou por uma abordagem mais concreta das línguas naturais, uma abordagem que privilegiasse tanto o caráter fisiológico, quanto uma análise sincrônica das mesmas.

<sup>7</sup> Culioli não dá uma definição específica do que é a língua dentro de sua teoria. Isso se dá, talvez, pelo fato de ele preferir falar de uma “prática lingüística”.

A linguagem apesar de ela não poder ser apreendida diretamente (daí seu caráter inacessível), algumas marcas podem ser encontradas dentro do texto (isto é, dentro da língua) produzidos pelos sujeitos que registram a transição das representações mentais da linguagem para as representações textuais (enunciativas). Portanto, aqui ela é vista não como um resultado, mas como um trabalho tanto lingüístico quanto dos sujeitos (que elaboram a realidade por meio de suas percepções). De acordo com Franchi (1977), ela é um trabalho que dá forma ao conteúdo de nossas experiências, trabalho de construção, de retificação do vivido.

Em outras palavras, a linguagem aqui é tida como uma atividade de (re) construção que se realiza por meio de operações resultantes da produção de enunciados num determinado momento (tempo), num determinado lugar (espaço), por um determinado (co) enunciador (sujeito), o qual (re) constrói significações por meio da (re) interpretação da realidade; ou como diz Rezende, “o conceito de linguagem, enquanto atividade de representação (psicológico), referenciação (sociológico) e regulação (psicossociológico) é sinônimo de reflexão, cognição, pensamento e se constitui na porta de entrada para a reflexão interdisciplinar”. (2000, p.1)

Citando, também, Culioli (1976), a atividade de linguagem caracteriza-se pela capacidade humana de construção de representações mentais baseadas nos universos extralingüístico e lingüístico e que dão origem às noções<sup>9</sup> com suas propriedades particulares, a atividade de referenciação refere-se à relação entre elementos do domínio lingüístico e elementos do domínio extralingüístico e a atividade de regulação caracteriza-se por aproximações das representações dos sujeitos enunciadores por meio das referências construídas por cada um.

Mencionando novamente Vignaux (1995, p. 570), ele vê a linguagem dentro desta teoria enquanto um sistema aberto no sentido de que é possível trabalharem-se

---

<sup>8</sup> Dentro dessa reflexão a linguagem é vista como uma atividade simbólica existente em todos os seres humanos, portanto é uma instância social em que o outro é constitutivo do próprio material simbólico a ser expresso. De acordo com Rezende (2000), a linguagem é entendida como uma atividade, como uma prática, uma capacidade pertencente a todos os seres humanos, de construir símbolos, representações, dos processos de síntese (indução) e de elaborações de análise (dedução).

<sup>9</sup> Cf. capítulo 2.

ajustamentos entre os enunciadores, entre as idéias, entre os estados de conhecimentos e as expressões que se fazem recuperadas (*repères*<sup>10</sup>)

Já a língua é um sistema que se apresenta na forma de texto e é dependente de quem a fala, pois o sujeitos são seres imersos nos sistemas lingüísticos de suas línguas. Logo, a atividade da linguagem também está vinculada a esse texto, fato este que nos leva a concluir novamente aquilo que já foi dito antes: língua e linguagem são vinculadas e articuladas.

Se língua remete a texto, obviamente texto remete a enunciado, o qual é, além da própria representação do dado, é um objeto empírico que permite aos sujeitos diferenciá-lo daquilo que ele não é (não enunciado). A manipulação dos enunciados, por sua vez, leva-nos à realização de uma atividade que, para Culioli, é o centro da atividade lingüística: a atividade epilingüística<sup>11</sup>.

A atividade epilingüística é uma atividade não representada; e ainda que não representada, refere-se a um diálogo interno, e assim, a criação e o reconhecimento das significações estão íntima e indissociavelmente ligados a esse diálogo interno ou, em outras palavras, a já conhecida atividade epilingüística (ou atividade metalingüística inconsciente). Nas palavras de Rezende:

Para que haja processo de produção e reconhecimento de significações, é indispensável a existência de um diálogo interno, quer dizer, de uma relação especular. É necessário aproximar como diferentes ou quase-identicos dois (no mínimo) conteúdos predicativos ou modulações e extrair, em conseqüência do diálogo ou do monólogo, a sutileza da diferença responsável pela configuração de um tal significado, que resultará, então, em uma terceira modulação ou conteúdo predicativo. (2000, p. 60)

---

<sup>10</sup> Os termos *repérage*, *repère*, *repéré* são de difícil definição no português, pois dizer recuperação, recuperar, recuperado não seria muito elucidativo no sentido de definir exatamente a que esses termos remetem dentro da TOPE.

<sup>11</sup> Auroux (1989) atribui a origem da expressão atividade epilingüística a Culioli, o qual utiliza tal termo para designar o saber inconsciente que todo falante tem. E ainda para Culioli, a linguagem é uma atividade que supõe, ela mesma, uma incessante atividade epilingüística (ou em outros termos, uma atividade metalingüística inconsciente).

Em suma, essa atividade, independentemente de ser consciente ou não é o momento em que os sujeitos param para refletir sobre os recursos expressivos que estão usando. Tratam-se portanto de operações lingüísticas que estão sempre presentes nas atividades verbais e que se manifestam de modo privilegiado nas relações de gerenciamento de sentido, como por exemplo, as hesitações, as autocorreções, as reelaborações, as rasuras, as pausas, as repetições, as antecipações, os lapsos, entre outros.

Do outro lado, há o que a teoria chama de atividade metalingüística consciente, ou na nomenclatura da própria teoria, a atividade parafrástica, a qual possui regras controláveis pelo próprio lingüista e, além disso, representa a tentativa (do lingüista) de simular as glosas<sup>12</sup> produzidas pelos sujeitos (enunciadores).

A produção e reconhecimento de enunciados pressupõem uma constante montagem e desmontagem de marcas, arranjos e relações, e os significados estão sempre sendo (re) construídos na incessante busca da compreensão (de si e do outro). A essas manipulações Culioli chama de atividade parafrástica, ou parafrasagem, as quais também são entendidas como manifestações da atividade epilingüística, pois também são meios pelos quais buscamos o equilíbrio tanto interno (eu comigo mesmo), quanto externo (eu com o outro).

Acreditando que a tríade: língua, enunciador e situação é indissociável e, que além disso, os sujeitos (enunciadores / co- enunciadores) realizam operações no intuito de construir significados lingüísticos com a língua (por meio da representação, regulação e referenciação) numa dada situação (espaço), num dado momento (tempo), constatamos que a enunciação seria mais ou menos algo como:

(i) um conjunto de co-localizações de enunciados que, por sua vez, exhibe a ação simultânea de dois sujeitos, um primitivo e outro designado pelo discurso, cujo objetivo é o de transmitir sentidos.

(ii) um fenômeno único, sobre o qual se é preciso considerar um campo adjunto ao da enunciação que é definida como co-enunciação, isto é, o lugar do jogo,

---

<sup>12</sup> Glosas, dentro da TOPE, são enunciados produzidos pelo sujeito enunciador com o intuito de explicitar para o sujeito co-enunciador o sentido de um enunciado anterior.

dos ajustamentos desejados ou não, obtidos ou não (palavras acidentais, lapsos, jogos de palavras, mal-entendidos e ambigüidades).

A enunciação, portanto, pressupõe, a existência de um percurso marcado de operações, nas quais um sujeito enunciador, numa situação de enunciação, (por meio de ajustamentos) busca, no discurso, significar e constituir sentidos.

Vale lembrar que mais pertinente do que o termo enunciação é o termo co-enunciação, pois tanto emissor quanto receptor assumem dois papéis, visto que emissor é também seu próprio receptor e que o receptor é um emissor em potencial. Logo, cada um (emissor e receptor) constrói ao mesmo tempo a produção e a recepção do outro, fato esse que leva esta teoria a falar sempre de sujeitos co-enunciadores.

Sendo a co-enunciação o momento em que cada um constrói ao mesmo tempo a produção e a recepção do outro, constatamos que o diálogo é a dimensão fundamental da comunicação, mas não uma transmissão de informação linear e retilínea, e sim uma atividade comunicativa arraigada no ajuste, no agenciamento textual feito por um sujeito que é reconhecível e interpretável por outro de várias maneiras.

O enunciado assume um sentido muito peculiar nesta reflexão, pois ele é tido como o arranjo das formas (lexemas, orações, expressões, timbre, acento e entonação), que são marcas de operações subjacentes à atividade de linguagem. É o elemento mais observável aos olhos do lingüista, pois ele é o possuidor das propriedades que nos levam aos caminhos tanto da descoberta da significação, quanto dos processos (operações, mecanismos) que produzem o próprio significado.

Culioli (2002) é categórico ao dizer que o enunciado é

[...] um agenciamento de marcadores, que são eles mesmos o traço das operações, isto é, ele (o enunciado) é a materialização de fenômenos mentais aos quais nós não temos acesso, e por isso, nós lingüistas, não podemos fazer nada além do que dar uma representação metalingüística, isto é, abstrata deles (p. 27)<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> Optamos por traduzir tanto esta como as demais citações provenientes de textos em língua estrangeira que compõem nosso trabalho.

Assim, a lingüística enunciativa deixa de eleger o conceito de frase como o foco da análise em proveito do conceito de enunciado, o qual, de acordo com Culioli, engloba todas as produções dos sujeitos falantes (orais e escritas). Portanto, não é a produção languageira que mais chama a atenção desse lingüista, mas a significação do enunciado no que respeita ao resultado das condições de produção. O grande problema é o que se refere à comunicação, a qual é definida como uma significação complexa entre enunciados (textos), uma situação de enunciação, um sentido<sup>14</sup> e os valores referenciais<sup>15</sup> (CULIOLI, 1999a, p.47)

O enunciador (sujeito, locutor, falante, entre outras categorizações) realiza operações de quantificação, qualificação, modalidade, aspecto e diátese e o resultado dessas operações são enunciados numa relação situacional específica com o co-enunciador, o qual é geralmente o interlocutor. Trata-se de uma relação que tem exercido uma força determinante no processo enunciativo.

## **2 O processo enunciativo**

A difícil tarefa de se construir um plano acerca de um sistema dinâmico (ao invés de estático) que lide com todo e qualquer tipo de enunciado requer determinados conceitos que fundamentem uma estabilidade teórica plástica ancorada nos ajustes lingüísticos. Assim, Culioli destaca que o processo enunciativo requer três fases fundamentais: a constituição da *lexis* (também chamada de relação primitiva), a relação predicativa e a relação enunciativa.

Explicitemos mais detalhadamente essas três fases:

### **2.1 A *lexis***

---

<sup>14</sup> O sentido aqui é visto com a relação entre os objetos lingüísticos que remetem aos objetos extralingüísticos com suas propriedades físico-culturais.

<sup>15</sup> Os valores referenciais: a quantificação, a modalidade e o aspecto serão tratados, respectivamente, nos itens 3, 4 e 5 deste capítulo.

A *lexis* é uma forma primitiva, não ordenada, pré-assertada, não modalizada e não predicada que assegura que todo ato de linguagem seja colocado inicialmente em forma, o qual, por sua vez, assegurará as relações entre as coisas e dar-lhes atributo, colocando-as em movimento. E esse colocar em forma só é possível se imaginarmos o que seria um esquema primitivo que garanta essa oportunidade permanente de ser colocado no dizível antes mesmo que haja realização por meio de uma proposição.

De uma forma simplista diríamos que o esquema primitivo da *lexis* vislumbra provar que há uma relação R que se pode abstrair na forma de uma tripla  $\langle x R y \rangle$ , pois de acordo com Culioli, tal esquema comporta três lugares vazios, sendo que dois deles são argumentos (x e y, ponto de partida e ponto de chegada respectivamente) e o outro é o predicado (R). Trata-se portanto de uma relação de orientação, pois a *lexis* é um esquema inicial suficientemente geral que assegura a relação entre esquemas de funcionamento sintático e os efeitos semânticos ligados a esses funcionamentos. É a própria preocupação com o sistema de efeitos semânticos que está na origem da escolha do esquema de *lexis*, o qual é indissociável da noção de orientação que lhe é inerente.

## 2.2 A relação predicativa

A predicação é, em linhas gerais, a ordenação dos termos da *lexis* pelo sujeito enunciador, pois no momento em que ele decidir qual será o termo de origem, ele estará estabelecendo uma predicação com os outros termos. Em outras palavras, a partir dos arranjos de uma dada *lexis*, estabelecer-se-á uma relação predicativa que organizará a partir de um termo de partida os outros dois termos.

Considerando que a predicação é o momento de organização dos elementos da *lexis* pelo sujeito (co)- enunciador no intuito de determinar em torno de qual termo o enunciado será organizado, diríamos que apesar de ela (a predicação) ser a própria redistribuição da *lexis*, não há qualquer relação entre a organização da *lexis* e a do enunciado, pois vários enunciados podem possuir uma mesma *lexis* (em virtude de seu caráter gerador de formas derivadas). E no momento em que o sujeito determina a



organização do enunciado, emergem três tipos de relações, ou efeitos semânticos: a de localização, a de identificação e a de diferenciação.

A relação de localização surge quando um termo de origem é escolhido (o termo localizador, ou como comumente denomina-se na TOPE, centro atrator<sup>16</sup>) e se torna o 1º ponto de referência para o resto da relação construída. Culioli (1974) ressalta o caráter abstrato desse tipo de relação, pois o emprego dos dois argumentos (X e Y) necessita de um localizador e de um localizado.

Já a relação de identificação decorre diretamente da localização. Ela é ao mesmo tempo uma triagem e é também o que coloca e confirma a estabilidade do que é localizado. Localizar significa, de um lado, a necessidade de trilhar entre os objetos localizados ou localizáveis e, por outro lado, significa a própria possibilidade de poder fazer essa operação. Trata-se de uma atividade sobre referências que implica uma atividade de diferenciação. Toda localização se resume em identificar e, então, extrair um objeto ou uma situação entre outras, e deste modo, construir a referência a um certo tipo em um domínio determinado. Trata-se de estabelecer uma relação de diferenciação baseada na alteridade: aquilo que é, será preciso sempre considerá-lo em relação ao que é outro.

E por fim, a relação de diferenciação, refere-se ao tipo de relação por meio do qual propriedades distintas diferenciam uma ocorrência da outra.

### **2.3 A relação enunciativa**

A relação enunciativa (a última das três fases do processo enunciativo), de acordo com Culioli (1985), é uma situação determinada e definida por um conjunto de parâmetros que formam um pacote de relações entre o sujeito do enunciado e o sujeito enunciativo de um lado e o momento ao qual se refere o enunciado e o momento da enunciação do outro. Sendo assim essa relação não se dissociam das relações predicativas, pois os enunciados não têm significação fora da atividade dos

---

<sup>16</sup> Cf. capítulo 2, item 2.3.

enunciadores, os quais, como já explicitamos anteriormente, são os responsáveis pela construção dos valores referenciais do enunciado.

Dito de outra forma, no enunciado, a validação da referência vai depender do ponto de vista daquele que enuncia em relação ao que ele supõe ser o pensamento ou a posição de seu interlocutor e o que ele visa construir como sentido, deslocando um certo número de significações anteriores, presentes ou possíveis. Daí, a importância, neste nível, das modalidades a fim de assegurar esses jogos de deslocamentos.

A relação enunciativa é na verdade um conjunto de relações, pois a relação enunciação – enunciado, envolve tanto sujeito enunciador (aquele que produz a enunciação) e sujeito do enunciado (formado pelo sujeito enunciador durante a produção do enunciado) quanto tempo da enunciação (momento da produção do enunciado) e tempo do enunciado (momento remetido pelo enunciado).

Sendo a teoria das operações predicativas e enunciativas uma teoria da prática por trabalhar com categorias generalizáveis como a determinação, a modalidade, o aspecto e o tempo, comuns às diversas línguas e inerentes ao processo de comunicação, e também, considerando que a relação enunciativa faz com que um pré-enunciado passe a um enunciado por meio dessas categorias, explicitaremos mais detalhadamente cada uma delas.

### **3 Operações de determinação**

Diríamos que se tratam de operações de determinação quantitativa e qualitativa e que representam marcas de operações que dão à noção diferentes graus de especificidade.

As noções, por serem predicáveis, não possuem propriedades de extensionalidade, e, por assim dizer, são enquadradas numa categorização qualitativa, fato este que desencadeia as operações de quantificação e qualificação.

### **4 A modalidade**

A modalidade é uma categoria gramatical que se apresenta quer por uma relação do enunciador à relação predicativa, quer pela relação do enunciador com o co-enunciador (relação intersubjetiva), ou seja, é a atitude do sujeito enunciador face àquilo que enuncia e face ao co-enunciador (interlocutor).

Quanto à tipologia da modalidade, Culioli (1976, 1985) distingue três tipos básicos, embora ele mesmo admita que uma operação de modalização possa pertencer a mais de um tipo.

A modalidade 1 subdivide-se em quatro subgrupos:

Assertivo: o enunciador valida o conteúdo da relação predicativa como verdadeira ou como falsa, afirmando ou negando. A modalidade será afirmativa, quando o enunciador asserta positivamente, e será negativa quando ele entender que não há nenhuma relação entre sujeito e predicado.

Exemplos:

*“A tecnologia já produziu remédios para aliviar a dor, para tirar a fome e até para acabar com a tristeza, mas não irá encontrar uma vacina que proteja os homens contra o ciúme.”*

*“Sentimento controlável ou incontrolável, o ciúme não agrada o seu emissor...”*

*“Em suma, não existe uma cura para o ciúme...”*

Interrogativo: a interrogação emerge quando o sujeito enunciador não se sente capaz de validar por si só aquilo que ele enuncia, isto é, quando ele não assume seu texto nem como verdadeiro nem como falso.

Exemplos:

*“Mas afinal ciúme é um sentimento ou uma doença?”*

*“Por que as pessoas se referem a seus parceiros empregando pronomes possessivos, equiparando-os a, por exemplo, um objeto?”*

*“... mas quem nunca sentiu ciúme?”*

Injuntivo: é o subgrupo daquilo que não nem assertivo e nem interrogativo. Trata-se de uma modalidade que permanece no campo da sugestão, do pedido.

Exemplos:

*“Portanto não deixe o sentimento chamado ‘ciúme’ dominar o seu coração e todo o seu ser.”*

*“[...] você pode entrar em desespero com o tal do ciúme, por isso tome cuidado.”*

*“Vamos lutar para que isso não venha acontecer em nossas e demais famílias.”*

Hipotético: a hipótese (positiva ou negativa) é colocada pelo enunciador de uma forma absoluta.

Exemplos:

*“Por se tratar de um sentimento natural, o ciúme pode ser tratado com naturalidade.”*

*“O ciúme é uma inveja ou uma raiva de certas atitudes da sua pessoa amada.”*

*“O sentimento do ciúme é frio...”*

A modalidade 2 instaura uma relação entre o sujeito enunciador e o conteúdo da proposição representada pela relação predicativa, sendo que o sujeito não exprime uma certeza daquilo que ele está predicando. Trata-se de uma avaliação essencialmente quantitativa por oscilar entre o provável, o improvável, o certo e o incerto. E essa incerteza por parte do sujeito faz com que ele se coloque à mesma distância entre a validação e a não-validação daquilo que ele enuncia.

*“Parece que a paixão carrega implícita uma dose de ciúme.”*

*“O ciúme parece uma ‘coisa’ normal, mas dizem que pode ser excesso de amor ou um grande sentimento de possessão, até mesmo uma doença.”*

A modalidade 3 é aquela que incide sobre a relação predicativa e, por isso, tem como objetivo a quantificação dessa relação. A polaridade verdadeiro / falso não é válida aqui. Trata-se de constituir uma dimensão apreciativa ou afetiva sobre o caráter da polaridade (certo / errado, por exemplo) do conteúdo da relação predicativa centrada no sujeito enunciador. Por intermédio dessas modalidades vão se construir em língua todas as distâncias, as avaliações, as asserções não assumidas pelos sujeitos e reciprocamente todos os julgamentos auto-centrados (eu, eu penso que...; eu não digo pessoalmente que...).

Exemplos:

*“Então existe alguma formula para controlá-lo (o ciúme)? Óbvio que não.”*

*“É legítimo considerarmos também que amor e ciúme não dependem um do outro.”*

*“Ao mantermos um relacionamento, devemos fazer por merecer.”*

Por fim, a modalidade 4, ou modalidade intersubjetiva, diz respeito às relações entre sujeitos, sujeito enunciador e sujeito do enunciado. Ela agrupa o desejo e a permissão e incide sobre o sujeito do enunciado, em oposição à modalidade 2 que é focada sobre toda a relação predicativa.

*“Ciúmes sim mas com inteligência.”*

## 5 O aspecto

O aspecto, em linhas gerais, é o resultado da articulação de vários domínios, (entre eles, o da temporalidade e o da transitividade), ou como Culioli o defini: “o resultado das relações transcategoriais”.

É notório que toda interação verbal subentende a (re) construção da referenciação, a qual necessita de modulações de tempo e espaço; e essas modulações são realizadas pelas operações aspectuais.

Das principais questões que concernem ao aspecto dentro da TOPE de acordo com Culioli, Fuchs e Pêcheux (1970), a que merece destaque é a que se refere às relações entre as marcas aspectuais de um verbo e aos determinantes que são aplicados a um argumento e, sendo assim, Culioli (1978) destaca 4 domínios referentes ao aspecto:

1. o domínio nocional<sup>17</sup>
2. operações de determinação quantitativa / qualitativa<sup>18</sup>

<sup>17</sup> Culioli (1983b) descreve o domínio nocional como um “constar de ocorrências” e como algo quantificável.

<sup>18</sup> Culioli (1975) explica essas operações referindo-se a (1) relações entre compreensão e número (no inglês por exemplo, o termo *any* em enunciados positivos tem o sentido de qualquer (todo) e em

3. a modalidade

4. a categoria da topologia temporal.

Expliquemos mais detalhadamente cada um deste quatro domínios:

Para Culioli (1999) uma categoria é assim definida como uma correspondência entre um conjunto de operações sobre um complexo domínio nocional e as marcas destas operações. Desta forma, o lingüista lista as quatro principais operações e domínios que concernem a este respeito.

O primeiro domínio é o da noção, ou mais precisamente, da noção predicativa, pois se trata, como apresentaremos no capítulo 2 desta pesquisa, de um conjunto estruturado de propriedades físico-culturais munidas de uma topologia. Assim, a partir de uma propriedade  $p$ , construir-se-ão classes de ocorrências ( $p'$ ,  $p''$  de  $p$ ) onde toda ocorrência  $p'$  de  $p$  tem, por meio da construção, uma vizinhança e há uma outra ocorrência  $p'$  de  $p$ . Percebemos, assim que  $p$  é representado por um aberto e  $p'$  é constituído (do francês, *fermé*).

O segundo domínio engloba as operações de determinação quantitativa/qualitativa, de tal forma que a avaliação do grau de intensidade ou extensidade (acabamento) é o que se pode chamar de um modo de processo remetido a uma topologia construída a partir da topologia sobre o primeiro domínio e da topologia sobre o segundo domínio.

O terceiro domínio é o da modalidade, o qual trata da interrogação e do eventual. Segundo as línguas, a relação do aspecto aparece de forma privilegiada onde a razão das noções implicadas possui configurações variáveis, e a correspondência com um jogo de marcadores está longe de ser regular, daí a complexidade do problema.

O quarto e último domínio é o que Culioli chama de categoria dos instantes (ou a categoria da topologia temporal). Para ele é um tanto difícil falar de “*instantes*” pelo fato de denominar-se qualquer instante, uma ruptura entre qualquer coisa que termina e qualquer coisa que começa. Ou seja, é difícil saber a passagem de um estado de

---

enunciados negativos assume o sentido semelhante a “nenhum” em português; (2) operações de totalização, como por exemplo o enunciado “todos patos têm patas nadadeiras”; e (3) operações concatenadas, como em enunciados do tipo “eu gosto de certos tipos de filmes” (isto é, dentre os diversos gêneros existentes, apenas alguns me agradam).

tempo a outro, a qual só será possível se se fizer uma classe de ocorrências ordenada com poder de continuidade.

O autor ainda ressalta que o mais importante aqui é construir um sistema de representações que estejam em correspondência com o sistema de representações (e de operações) dos sujeitos enunciadores.

A abordagem dos mecanismos referentes à relação verbo – complemento (objeto, argumento) que interferem nos fenômenos aspectuais requerem a tomada da problemática referencial definida dentro da TOPE como sendo ora de caráter *denso*, ora de caráter *compacto* e ora de caráter *discreto*.

Analisemos mais detalhadamente cada um deles:

O *denso* se aplica a noções que se referem à realidade com a qual nós podemos realizar operações, possivelmente de caráter discreto, mas somente em termos de um enumerador, sem o qual não podemos realizar individualizações.

Por exemplo, quando eu tenho algo como “uma xícara de café”, o termo xícara é o próprio enumerador, sendo assim, tenho a discrição realizada.

O *compacto* aplica-se àquilo que é indivisível no senso mais estrito do termo. Enquanto o *denso* consiste daquilo que é indivisível e daquilo que é não-individualizável, o *discreto* do individualizável, o *compacto* inclui operações de localização.

Por exemplo: A letra C é seguida pela D. (há a necessidade do complemento). e

João é seguido por Pedro (não há a necessidade do complemento, pois algo do tipo “João é seguido” é aceito).

Por fim, o *discreto* é aquilo que é individualizável e quando há individualização, surgem espaços vazios, lacunas. Mas o fato é que entre um objeto e outro deve, necessariamente, haver uma continuidade, isto é uma classificação ordinária (tal qual, primeira, segunda, terceira ocorrência)

Exemplos típicos do caráter discreto são os verbos “rasgar” e “quebrar”, os quais propõem uma fissura entre um ponto e outro. Por exemplo, quando eu digo “o lápis foi

quebrado ao meio”, eu estou trazendo à tona uma individualização entre duas partes de um mesmo objeto.

Em síntese, o aspecto é o espaço construído por uma trajetória desde um momento origem até um momento visado e os jogos temporais introduzidos na aspectualidade do processo permitem a modulação em vários níveis, entre eles, o da certeza, o do possível, o do hipotético e o do improvável.

## **6 A ambigüidade e o processo de desambigüização**

De acordo com Antoine Culioli (1973), o texto é visto como uma seqüência de representações que resultam de um conjunto de operações realizadas por um (suposto) sujeito enunciador que, numa situação de enunciação (que inclui os interlocutores e um momento), busca constituir um sentido.

Para ele, a noção de ambigüidade é fundamental dentro de sua teoria, pois, a enunciação é definida como um conjunto de co-localizações de enunciados que, por sua vez, exhibe a ação simultânea de dois sujeitos, um primitivo e outro designado pelo discurso, cujo objetivo é o de transmitir sentidos.

Desta forma, a ambigüidade é entendida na teoria das operações predicativas e enunciativas enquanto a diferença entre um semantismo produzido e um semantismo reconstruído, tal qual define Antoine Culioli e Catherine Fuchs (1982, 135-137), ou seja, “um fenômeno que pode estar ligado a uma diferença de sentidos (gramatical / lexical), às categorias enunciativas ou ainda aos fenômenos referenciais (ambigüidade do re/dicto ou de transparência / opacidade)”.

Como fazer então para resolver o aparente problema causado pela ambigüidade?

Independentemente das inúmeras hipóteses que podem ser feitas a esse respeito, acreditamos que ao verificarmos os traços dos sujeitos enunciadores do dizer e as estratégias enunciativas (entre elas, as marcas lingüísticas) que eles utilizam na construção da significação durante o ato enunciativo, estaremos nos projetando



também nessa rede de enunciações em cadeia, constituindo-nos como co-enunciadores de todo esse processo.

Uma maneira interessante é lançar mão de paráfrases e glosas para explicar o texto, para desambigüizá-lo sob os pressupostos da TOPE, já que, podemos dizer que se trata de uma teoria da produção de texto. Nas palavras de Culioli:

A atividade de produção e de reconhecimento de enunciados se faz sempre entre os sujeitos colocados nas situações às vezes empíricas e ao mesmo tempo ligadas às representações imaginárias do estatuto de alguns sujeitos para remeter ao outro, para remeter a uma sociedade, para remeter ao texto, para remeter aquilo que se poderia chamar de “um discurso intertextual”, esta espécie de discurso ambiente com os valores que estão ligados às palavras. (CULIOLI, 2002, p.92)

Assim, acreditamos que não podemos ser co-extensivos a nós mesmos, e, com isso, devemos dar vazão ao trabalho de linguagem por meio da parafraseagem e da desambigüização e, desta mesma forma, cremos que a atividade discursiva é sempre interpretativa, mesmo que, aparentemente, em sua materialidade lingüístico-discursiva, ela se represente como informativa.

Desta forma, a ambigüidade e, conseqüentemente, a reflexão que se pode fazer sobre ela no estudo do texto, faz-se importante já que a lingüística dita enunciativa a considera como a riqueza da linguagem visto que o mais importante, ainda de acordo com esta linha lingüística, é a reflexão. Segundo Culioli, pouco importa o sentido primeiro de um enunciado, já que se está teorizando exatamente esta reflexão, uma vez que a língua é linear, mas as operações não.<sup>19</sup>

O trabalho (esforço metalingüístico) do sujeito no sentido de reconhecer e interpretar a ambigüidade torna-se importante ao habilitá-lo para a produção (fala e escuta, redação e leitura) de textos orais e escritos, e, de acordo com Rezende (2007), é esse o objetivo do ensino de língua portuguesa segundo as diretrizes curriculares.

---

<sup>19</sup> Na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas de Antoine Culioli, linguagem é uma capacidade inata de construir representações, referenciá-las e regulá-las.

Embora, o que vemos no atual contexto seja o oposto, ou seja, ainda segundo a mesma autora, alunos produzindo textos artificiais e, muitas vezes, mecânicos.

Ao nos depararmos com um enunciado tido como ambíguo, remetemo-nos diretamente à idéia defendida por Culioli (1976, 1985, 2002) sobre a indeterminação da linguagem, às questões ligadas à subjetividade do enunciador e à (re) construção do sentido, pois não podemos deixar de considerar que o sujeito primitivo desta enunciação tinha a noção do seu referente (o que Culioli chama de semantismo produzido), e que no momento em que se posicionou como sujeito enunciativo (o do discurso) na criação do enunciado, provavelmente, produziu a ambigüidade de sentido na enunciação (o que Culioli chama de semantismo reconstruído). Assim podemos observar que o enunciador tem um referente pré-construído e que o ambigüiza no momento que o reconstrói para dar sentido à enunciação, pois a ambigüidade muitas vezes está envolvendo uma questão cultural, o extralingüístico (para mostrar um pouco a visão tradicional). E uma forma de trazer à tona o processo de desambigüização seria um posicionamento de transição entre um critério de natureza extralingüística e um critério lingüístico formal, haja vista que a ambigüidade representa bem a linguagem enquanto perturbação do ambiente, o desequilíbrio.

## **7 Definindo alguns termos da TOPE**

### **7.1 Extração**

A *extração* é o tipo de operação que possibilita ao sujeito enunciador isolar um ou mais elementos de uma classe de ocorrências. Logo, ela está diretamente relacionada ao domínio nocional por se dar como extensão desse domínio.

### **7.2 Flechagem**

A *flechagem* é uma operação posterior a uma extração. Logo, ela se manifesta quando entre duas ocorrências a segunda for igual à primeira. Citando Culioli, a operação de flechagem indica que “a segunda ocorrência tem a propriedade de ser idêntica à ocorrência extraída”. (1990, p. 182)

### 7.3 Varredura

A *varredura* (ou totalização) é uma operação que está diretamente associada à questão da noção, pois ela (a varredura) está ligada à construção de uma classe de ocorrências abstratas de uma noção. (CULIOLI, 1985).

Diferentemente da *extração* e da *fechagem*, as quais se detêm sobre uma determinada ocorrência *x*, a varredura percorre um conjunto de ocorrências sem selecionar qualquer elemento. Logo, ela atua sobre cada elemento pertencente a um conjunto ou sobre a totalidade este conjunto.

### 7.4 A paráfrase

A paráfrase, embora de extrema importância nos estudos lingüísticos, principalmente os de bases semânticas, é uma noção de difícil precisão e definição.

Para Fuchs (1982), a paráfrase é, ao mesmo tempo, um ato imediato da consciência lingüística dos locutores (pois, para ela, saber uma língua subentende a produção e identificação de frases “como tendo o mesmo sentido”) e um produto de construção teórica.

Em poucas palavras, a atividade parafrástica é atividade lingüística dos sujeitos: um trabalho de interpretação e de reformulação de enunciados. Trata-se também tanto da relação estabelecida entre um enunciado e suas reformulações quanto da relação entre todos os enunciados virtualmente equivalentes numa dada língua.

Fuchs ainda vê a paráfrase (ou texto-segundo) como uma espécie de tradução (e até mesmo interpretação) inter-línguas que é realizada a partir de uma reformulação que restaura (bem ou mal) um dado texto (texto-fonte).

## 8. Conclusão

Diríamos, portanto, que a teoria culioliana refere-se a uma teoria da enunciação na medida em que ela se dá como objeto que enuncia a ela mesma, pois, o enunciado, aqui, não é considerado como um resultado de um ato de linguagem individual ancorado apenas num eu, num aqui e num agora, mas como um agenciamento de formas a partir dos mecanismos enunciativos que o constituem, os quais permitem que eles (os enunciados) sejam analisados dentro de um quadro de um sistema de representação formalizável como um encadeamento de operações das quais ele é o maior traço.

O que talvez melhor justifique a defesa de uma teoria das operações predicativas e enunciativas é o fato de que o termo “operação” faz jus à hipótese de que o valor referencial de um enunciado não é um dado, mas um construído, o que significa que estudar a enunciação é também estudar as modalidades de constituição deste valor.

Percebemos também que os mecanismos enunciativos que fundamentam os objetos de análise da TOPE: as línguas naturais, não são externos a elas, fato que também não faz da teoria culioliana uma teoria da pragmática<sup>20</sup>. Logo, todo agenciamento dessa reflexão teórica é sempre de ordem enunciativa e os sujeitos enunciadores não constituem uma instância pré-construída exterior aos processos constitutivos do enunciado, ao contrário, eles são os próprios frutos desses processos operacionais por realizarem um papel bem variável de um enunciado a outro se inscrevendo dentro de um todo complexo que foge à simples dicotomia emissor / receptor para, assim, assumirem funções híbridas, pois o sujeito ora será um emissor para si, ora para o outro (o diferente dele) ora um receptor do outro, ora de si próprio.

---

<sup>20</sup> O termo pragmática está sendo usado aqui para se referir à área lingüística que estuda os significados lingüísticos determinados e dedutíveis de condições dependentes do contexto extralingüístico: discursivo, situacional, etc.

Sumarizando este capítulo teórico, registraremos uma reflexão de Culioli que bem define o seu ponto de vista em relação à lingüística:

Eu direi que a lingüística tem por objetivo a atividade da linguagem apreendida por meio da diversidade das línguas naturais (e por meio da diversidade dos textos orais ou escritos). Eu insisto sobre estes dois pontos: de um lado, eu afirmo que o objeto da lingüística é a atividade de linguagem (ela própria definida como operações de representação, de referenciação e de regulação); de um outro lado, eu afirmo que essa atividade nós apenas podemos apreender, a fim de estudar o seu funcionamento, através de configurações específicas, de organizações em uma dada língua. A atividade de linguagem remete a uma atividade de reprodução e de reconhecimento das formas, formas essas que não podem ser estudadas sem os textos, e esses não podem ser independentes da língua. (CULIOLI, 1990, p.14)

## **A noção: dos conceitos aos domínios**

### **1 Introdução**

Este capítulo traz um panorama da questão da noção dentro da teoria enunciativa culioliana, o qual tratará desde os tipos de noção até os domínios nocionais. Por se tratar de um capítulo de cunho teórico, não traremos aqui uma manipulação direta do corpus que fora selecionado como fonte desta pesquisa. Nem por isso, deixaremos de fazer uma pequena ponte entre alguns enunciados isolados e a teoria da noção, a qual será a grande meta que tentaremos alcançar nas próximas páginas.

Ressaltamos ainda que este capítulo emerge da nossa necessidade de compreender a questão da noção e dos domínios nocionais dentro da teoria culioliana. Assim, as páginas a seguir são versadas com base em anotações de leituras de textos que abordam o tema, bem como traduções de reflexões de Culioli (versadas por meio de Liddle) e Vignaux.

Falar sobre a noção dentro da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas é coisa fundamental, pois, todos os conceitos, as representações, as considerações e os domínios traçados dentro do campo nocional são de central importância para essa reflexão, a qual é, principalmente, focada nos escritos e seminários do lingüista francês Antoine Culioli.

Por se tratar de um assunto tão extenso quanto urgente dentro dessa reflexão de trabalho, dividiremos nosso texto em alguns subitens na tentativa de melhor deixarmos expostas as nossas intenções teórico-metodológicas.

### **2 Noção: a representação**

Já reconheceu Culioli a complexidade ao representarmos e, sobretudo, definirmos noções. Isso se dá, principalmente, pelo fato de tanto a noção, quanto sua

representação não serem dadas. Por isso, o grande objetivo, e talvez, o maior desafio dentro deste quesito, é construir um sistema metalingüístico de representações, pois para Culioli, noções são por si só representações que para serem aplicadas, dependerão do que a noção é.

Talvez o maior problema, ou melhor dizendo, a maior inquietação referente à noção surge do confronto da suposição de que a predicação é a unidade básica organizadora e geradora de comunicação dentro da diversidade das línguas naturais, ou como Rezende mesmo a define:

...a predicação é o múltiplo, que ao mesmo tempo é uno, e ela é também o uno, que ao mesmo tempo é múltiplo (...) e ainda, Predicação é sinônimo de fala. Desse modo, toda a predicação é uma fragmentação que caminha para a dispersão da representação ou para a sua agregação (o exemplar, o tipo). (REZENDE, 2000, p. 214 – 215)

E como resultado desse confronto emerge a necessidade de se introduzir a noção de predicado, ou simplesmente noção para que seja satisfeita essa necessidade.

Tendo isso explicado, vale a pena registrarmos uma das inquietações do lingüista ao dar uma explanação a respeito da definição de uma noção: “não é um conceito, é uma representação: um sistema de representação ou representações organizados de uma certa maneira” (CULIOLI, 1976).

Fazendo um paralelo com questões filosóficas, Culioli (1997) cita Hegel ao definir uma noção, pois, para o filósofo, esta seria a multiplicidade desenvolvida e ao mesmo tempo a unidade reencontrada.

Ainda uma outra origem do termo noção é dada por Culioli no sentido de que ele a vê como “uma insatisfação com a lexicologia e a lexicografia as quais rejeitam qualquer ajuste ou metáfora, qualquer senso de heterogeneidade na constituição e significação das palavras” (CULIOLI, 1995, p.34 e CULIOLI, 1981, p.50). Portanto, as noções seriam, assim, respostas às ambas dificuldades no sentido de que elas (as noções) são:

Complexos sistemas representacionais das propriedades físico-culturais. Ou seja, propriedades de objetos resultantes das manipulações necessariamente à parte das culturas e desse ponto de vista, examinar noções inevitavelmente implica falar de problemas da alçada de disciplinas que não podem ser reduzidas unicamente à lingüística. (CULIOLI, 1995, p. 34 e CULIOLI, 1981, p.50)

Um conjunto que se pode expressar, como por exemplo: ler, leitura, livro, leitor, livraria, etc. O que significa que não podemos reduzi-lo a uma unidade lexical. A unidade lexical pode servir como um meio de entrada de dicionário, mas é só. (CULIOLI, 1995, p. 34 e CULIOLI, 1981, p. 53-54)

Decidimos chamar noção esse feixe de propriedades físico-culturais que nós apreendemos por meio de nossa atividade enunciativa de produção e de compreensão de enunciados. (CULIOLI, 1999b, p.9)

De um lado, trata-se de uma forma de representação não lingüística, ligada ao estado de conhecimento e à atividade de elaboração de experiência de cada pessoa. [...] De outro, trata-se da primeira etapa de uma representação metalingüística. (CULIOLI, 1999b, p.8-9)

Logo, a noção pode ser assim descrita enquanto um conceito que se refere ao nível das representações mentais, isto é, ao nível das representações que não são acessíveis diretamente. Trata-se também de uma propriedade situada na articulação do lingüístico (e porque não dizer metalingüístico) e do extralingüístico em um nível de representação híbrida.

O que está sendo enfatizado aqui é o fato de que cada termo dentro de uma língua natural refere-se a um número de propriedades físico-culturais não necessariamente universais; portanto, elas variam de uma cultura para outra, de uma matéria para outra. Isso fica mais evidente ainda no domínio das categorias gramaticais (gênero e número por exemplo) nas quais certas operações são encontradas em todas línguas por serem ou de ordem extralingüística ou por estarem associadas à linguagem.



De acordo com CULIOLI (1995) há 3 principais caminhos abertos pelos estudos feitos sobre noção que acabam por provar a indissociável necessidade de seu estudo dentro das tendências lingüísticas focadas na questão da enunciação:

1. As palavras não representam noções, portanto, a noção não é expressa e tão pouco representada no nível lexical.
2. A existência de diferentes níveis de noção, fato este, que torna necessária a elaboração de um coerente aparato metalingüístico de suas representações, assim como
3. As relações entre as ocorrências e os tipos de noções.

Fuchs e Pêcheux<sup>21</sup> distinguem dois tipos básicos de noções:

1. Um primeiro tipo que é representado pelas unidades lexicais e
2. Um segundo tipo representado por derivações construídas (uma nominalização, por exemplo).

Logo, uma primeira conclusão que podemos tirar a respeito da noção, é que ela pode ser tratada tanto como um simples morfema, quanto como um sintagma que funciona dentro de uma relação estabelecida com outras noções, de forma que o funcionamento está estritamente estabelecido pelas condições da produção discursiva nas quais essas noções agem.

Para Culioli (1974), a noção emerge num contexto já previamente composto por representações onde as propriedades nocionais simplesmente determinam quais operações podem ser diretamente realizadas.

Em suas próprias palavras:

Uma noção não tem quantidade nem qualidade, não é positiva nem negativa (para limitar nossa descrição de quantificação e modalidade), mas é compatível com todos os valores que as operações de determinação enunciativas e predicativas acarretam. (CULIOLI, 1995, p.33 e CULIOLI 1976)

---

<sup>21</sup> Lexis e meta-lexis – applications au problème de déterminants.

Se tomarmos por exemplo uma questão do tipo: “Alguém abriu a janela?” estaremos vendo claramente demonstrados possíveis valores predicativos (positivo / negativo por exemplo) sem que tenham sido dados tais valores (positivo / negativo) ao enunciado, pois nesse tipo de enunciado fica assertada a noção de um predicado (a qual não é nem positiva, nem negativa) mas que é compatível com qualquer um desses dois pólos.

## 2.1 Tipos de noções

Culioli (1978) propõe uma classificação tripartite das noções:

1. Tipo  $\alpha$ : é o tipo de noção que se refere às propriedades físico-culturais definidas em termos de extensão e de um caráter predicativo. Em outros termos, é o tipo nocional referente ao domínio lexical.

2. Tipo  $\beta$ : é o tipo de noção que se refere às noções das categorias gramaticais, entre elas, o modo e o aspecto.

3. Tipo  $\gamma$ : é o tipo de noção que encerra em si as relações estabelecidas entre as noções do tipo  $\alpha$ . O qual, de acordo com as escolas de Benveniste e Freud pertencem ao “conteúdo de pensamento”

Dentro do domínio do léxico, pensando-se em termos de um campo semântico ao redor de uma raiz (base), há um conjunto de representações que variam conforme a língua. Em inglês, por exemplo há os termos *read*, *reader*, *reading* (ler, leitor e leitura, respectivamente). Logo, qualquer que seja a cultura, sempre haverá um sistema de representação baseado em feixes de propriedades físico-culturais. Quando esses feixes são de ordem física, eles geralmente são filtrados pelas culturas. E quando eles são de ordem cultural, há uma correspondência no domínio da realidade.

Quando examinamos um termo, sempre somos amparados por um conjunto de associações que permitirá um número  $x$  de construções. Logo, o termo analisado jamais tem total liberdade de movimento pois são exatamente os seus diferentes graus

de restrição e liberdade que permitem e proporcionam diferentes construções de enunciados.

Por exemplo, quando eu ouço ou leio a palavra *molhado*, imediatamente eu a associo a pressuposições culturais, ou seja, a cadeias de causalidade e de valoração (indiferente, bom, ruim) que vêm a adicionar um ponto de vista subjetivo: apreciando, repudiando, ou demonstrando indiferença.

Temos assim, um sistema real de representações que se estrutura de acordo com critérios plenamente estáveis, ou seja, exatamente o que Culioli vem a denominar como sendo o nível lexical: as palavras são um tipo de sumário desses sistemas nocionais de representação. Logo, esses sistemas são espécies de coletores, pois com uma única palavra pode se referir a uma noção e essa palavra tem a capacidade de evocar toda a noção, mas não por meio de uma relação simétrica, pois uma noção só estará parcialmente contida numa palavra: não há relação de termo por termo.

Em suma: sempre é possível ter-se um sistema baseado na palavra, mas tal palavra não é capaz de assegurar tal sistema.

O termo “categorias gramaticais”, dentro da tradição lingüística européia, encerra, entre outras, as categorias de tempo, modalidade, aspecto, número e determinação. Trata-se de um termo que é uma construção representacional que culminará num enunciado do tipo:

Paulo - lentilhas - comendo

Assim, estabelecemos uma relação e uma especificação, e, com isso, construímos uma representação, mas uma representação que não é lexicalizada. É mais ou menos como algo do tipo:

“É verdade”, “é possível”, “ele freqüentemente faz isso”, etc.

Surge assim a possibilidade de construir-se um objeto separado da realidade:

“O fato de”, “a idéia de que”, “espera-se que”... Paulo coma lentilhas.

Resumindo: estamos lidando aqui com o “conteúdo de pensamento”, portanto, podemos dizer que se trata de uma noção.

### **2.1.1 A noção do tipo $\alpha$**

De acordo com Culioli, as noções de caráter lexical evitam dois grandes perigos dentro da lingüística:

1º. Trabalhar com semântica geral (a qual é comum a todas as representações da espécie humana; motivo esse que levou Culioli a introduzir a restrição de um sistema complexo de representação baseado nas propriedades físicas e culturais).

A questão torna-se ainda mais complexa e complicada quando passamos para os níveis das representações, pois nesse momento se torna inevitável a questão: “Há metáforas universais?”

Culioli responde a essa indagação da forma mais pragmática possível, pois ele afirma que é impossível resolvermos esse problema pelo simples fato que, para decifrarmos esse enigma, seria necessário que estudássemos todo um conjunto de questões pertencentes à semiologia, fato este que pressuporia uma pesquisa coordenada.

Sintetizando: o primeiro perigo é este – a semântica geral e todos seus acarretamentos.

2º. Trabalhar com unidades inteiramente constituídas. Nesse quesito, Culioli examina duas de suas principais características:

A. Elas já estão sintaticamente categorizadas (nome, verbo, advérbio). Logo, corre-se o risco de se carregar uma categorização historicamente clara, mas que não tem, necessariamente, nada a ver com a realidade do fenômeno que está sendo observado: não há garantias de que essa categoria seja de alguma forma frutífera.

B. As palavras são uma espécie de captadores no que referem ao campo da significação: elas estão associadas à história e à cultura de uma determinada comunidade falante de uma dada língua.

Como já foi dito anteriormente, as palavras são apenas materiais de suporte para as noções, uma vez que palavras não representam noções. Vejamos um exemplo que talvez deixe este conceito um pouco mais claro:

O termo *comer* refere-se a uma certa maneira de se alimentar, o qual, semanticamente, pode se opor a *devorar*. Surge aqui uma oposição entre comer para animais (devorar) e comer para humanos (comer).

Por razões diversas, a TOPE leva-nos a perceber as palavras por uma ótica na qual elas não podem ser usadas como unidades pré-construídas e como propriedades já prontas. Daí surgem os maiores problemas das noções do tipo  $\alpha$ : a falta de orientação ao lidar com conceitos já prontos, uma concepção pertinente da semântica geral e uma apreensão feita por meio de palavras categorizadas em nomes, verbos, etc.

### **2.1.2 A noção do tipo $\beta$**

A problemática de se transpor categorias peculiares de uma língua (as quais são erroneamente vistas como universais) para outra deve ser considerada e abordada em dois aspectos:

1. o aspecto referente às noções gramaticais.
2. o aspecto referente às categorias gramaticais.

Vale a pena fazermos algumas considerações iniciais a respeito do termo categoria:

Tradicionalmente, categoria é a atribuição de alguma propriedade predicativa que nos dá o princípio classificatório. Podemos falar de categorização dentro do nome e do verbo por eles serem partes constituintes do discurso (fala). Na terminologia inglesa, por exemplo, o termo categoria é usado para designar aquilo que era uma parte do discurso e que depois passou a ser designado como “classe sintática”. Já na tradição europeia, o termo “categorias” dentro da expressão “categorias gramaticais” é usado para se referir a categorias maiores da atividade languageira (ou linguagística): aspecto, modalidade, número, determinação, etc. Vale ainda dizer que as categorias gramaticais são comumente representadas por marcadores e os interlocutores por suas vezes interagem entre esses marcadores.

Observando mais detalhadamente a questão aqui tratada, perceberemos que há todo um conjunto de fenômenos relacionados a esses marcadores que caracterizam as categorias gramaticais numa dada língua. Tomando por exemplo o caso do aspecto, perceberemos que, por um lado, há uma noção propriamente dita em relação às propriedades aspectuais: pontualidade, interatividade, continuidade, etc, e por outro, quando temos uma forma verbal conjugada, certos valores são marcados por formas específicas (perfeito / imperfeito, por exemplo) que estão fora do domínio das noções.

Vale também dizer que problemas relacionados ao aspecto estão ainda associados a problemas de quantificação e qualificação: tratam-se de alguns problemas como por exemplo, o da conação. Muito freqüentemente tem-se o valor conativo ligado à noção em si ou àquilo que pode ser designado como uma noção, por exemplo quando nos esforçamos para fazer ou conseguir algo:

“Estou vendendo meu carro” = “Estou tentando vender meu carro”

Tomemos brevemente algumas outras construções:

“Levar a uma conclusão...”

“Está começando a...”

Com a construção “levar a uma conclusão” pretende-se enfatizar o atingido, o fim contemplado; com a construção “está começando”, enfatizar-se-á a incompletude, o contínuo.

Já na frase: “A carta está escrita”, a ênfase está na estabilidade, o processo se deu de tal forma que ele se tornou irreversível (não podemos dizer por exemplo “A carta foi “desescrita”). Logo ocorreu uma transformação em algum lugar que não nos permite retornar ao ponto inicial como se pode fazer por exemplo com uma frase do tipo: “Alguém abriu a janela” cuja forma reversa é “Alguém fechou a janela”.

No tipo de noção  $\beta$  encontrar-se-á também aquilo que a tradição dos estudos relacionados à TOPE denomina, em inglês, como *gnomic aorist*<sup>22</sup>, isto é, quando se está lidando com verdades gerais (universais) em várias línguas e que uma outra forma, além da do presente, surge. Isso ocorre quando um enunciado puder ser apreendido de uma forma não relacionada a todo evento particular.

Por exemplo o provérbio: “Deus ajuda a quem cedo madruga” tem como ponto de partida uma experiência do mundo físico, onde se tem a idéia de que “o mundo é daqueles que levantam cedo” e logo, isso se dá como um resultado de um processo que “aplaine” diferentes ocorrências onde, procede, de uma certa forma, que elas não aparecem em suas individualidades em relação uma com a outra.

De acordo com Culioli (1990, p. 183), pode-se encontrar uma forma tanto particular (aorist) quanto uma forma denominada, no inglês, por “*granular scanning*”. (varredura<sup>23</sup> em português) e, no entanto, cada ocorrência é preservada, pois a mesma é tomada em sua individualidade, mesmo que seja considerada e/ou apresentada como fictícia, e assim, finalmente, constrói-se uma conclusão geral a respeito dela, como algo do tipo: “aconteceu que...”.

Adentrando o problema da performatividade, perceberemos que também se trata de uma questão relacionada ao aspecto por introduzir censuras (do inglês *strictures*) sobre ela.

Vejamos um exemplo tomado da língua inglesa no qual uma forma progressiva não pode ser usada com um performativo, exceto quando for uma recusa:

“I refuse to obey such orders” (Eu me recuso a obedecer tais ordens)

e

---

<sup>22</sup> O termo *gnomic aorist* refere-se à noção de uma expressão proverbial que indica uma verdade atemporal. É como dizer algo do tipo “O sol nasce pela manhã”, isto é, esse fato independe de marcas temporais como ontem, hoje, amanhã.

<sup>23</sup> Cf. capítulo 1, item 7.

“So you are refusing to obey” (Então você está se recusando a obedecer)

Concluindo este subitem, podemos afirmar que noções nunca são puras no sentido de que se poderia falar do aspecto sem se relacionar essas noções a outros problemas, pois elas (as noções do tipo  $\beta$ ) sempre estão ligadas, entre outras coisas, à modalidade e à determinação.

Em termos gerais, podemos falar então que nos são dadas ferramentas de uma  $R\mu$  (representação metalingüística), a qual nos possibilita falar sobre esses problemas sem estarmos presos pelas especificidades de uma determinada língua.

Ao mesmo tempo que trabalhamos com categorias gramaticais baseadas em marcadores que interagem (fato este que estará numa relação incomum de correspondência, ou seja, não uma relação de termo por termo), trabalhamos também com noções que nada mais são que representações da ordem da atividade corpórea.

Enfim, o estudo que um lingüista pode comprometer-se a fazer, será sustentado precisamente na relação entre as noções e as categorias gramaticais, pois como frisa Culioli, o lingüista deve sempre dar um passo para trás na língua no sentido de buscar interesse pelas áreas que não são necessariamente classificadas como sendo partes constituintes da atividade denominada lingüística.

### **2.1.3 A noção do tipo $\gamma$**

O terceiro nível ( $\gamma$ ), o qual é definido dentro da TOPE como sendo pertencente ao “conteúdo do pensamento” e como sendo uma rede de relações entre noções do tipo ( $\alpha$ ), corresponderá àquilo que vem a ser um enunciado, por exemplo com <meu irmão – vir – amanhã> no qual estabelece-se simplesmente a relação entre <irmão>, <vir> e <amanhã> onde cada um desses termos é destinado a grupos de feixes (propriedades) e assim podem ser trabalhados e variantes de caráter semântico ou lexical podem ser introduzidos.

Logo, um número de termos ( $\alpha$ ) pode ser combinado para nos dar noções complexas, sendo que o nível ( $\gamma$ ) é aquele que se preocupa com essas questões. Com



o “conteúdo de pensamento”, tem-se um conjunto de termos constituintes a serem processados, ou toda uma proposição que será processada ao se propor, ao rejeitar, ao desejar ou ao assertar uma questão.

Em síntese, trabalhar-se-á nesse nível sobre o fenômeno observável extraído de situações conversacionais.

Fazendo um breve resumo dos tipos nocionais, verificamos que o tipo nocional ( $\alpha$ ) pertence ao domínio lexical e que é um conjunto de propriedades físico-culturais estruturadas, o tipo ( $\beta$ ) é uma rede de noções gramaticais e o tipo ( $\gamma$ ) é uma rede de relações entre noções do tipo ( $\alpha$ ).

## **2.2 As noções e as palavras**

As noções apesar de serem percebidas dentro da TOPE por meio de palavras, não são equivalentes ao conjunto lexical de uma dada língua. O problema que se instaura aqui é o de procurar por propriedades gerais e estáveis que são encontradas, de qualquer forma, por meio do estudo de fenômenos sempre observados no contexto de línguas específicas por meio de conjuntos lexicais.

Se por um lado estar-se-á lidando aqui com a estrutura de um sistema organizado de propriedades físico-culturais, por outro, esse não é um fato generalizável. Se o procedimento acarreta em mostrar que por trás dessas representações há propriedades generalizáveis, isto é generalizável. Para a gramática, o mesmo se aplica, pois se se estudam noções gramaticais como “descobridoras” de categorias, estar-se-á tratando com um dado generalizável.

No tocante às noções, Culioli deixa clara sua preocupação em relação às propriedades e relações que envolvem as mesmas, portanto, ele ressalta em seus estudos que, a priori, sua busca pelas noções se restringe ao campo das ocorrências, ou seja, seu foco é o estudo do comportamento verbalizado da atividade cognitiva, cujo material é a língua, e assim, necessariamente, o texto, e também a palavra.

Com a ironia que lhe é peculiar, esse mesmo lingüista é categórico ao afirmar que sua preocupação aqui não é ver como as pessoas ensinam a amarrar os sapatos sem a verbalização, logo, a ele, interessa muito mais o estudo de algo do tipo:

A: “Está é uma mochila”

B: “Eu chamaria de pasta, mochila é mais para estudantes”

Logo, ele enfatiza que nessa situação enunciativa pode-se observar que a todo momento estão emergindo palavras, bem como, expressões discursivas cujo intuito é o de expressar o pensamento humano, fato este que mostra a preocupação que se tem em ajustar e arranjar a comunicação.

Ainda para Culioli são justamente as ocorrências de noções que proporcionam todo este trabalho feito por ocasião desta preocupação, pois para ele, são as palavras e os textos que nos dão acesso às noções, embora, como já dissemos várias vezes neste texto, não há qualquer equivalência entre palavra e noção. Aliás, esta é um grande característica das noções: a falta de equivalência entre elas e as significações que as representam.

Talvez, dizer que construímos noções (no sentido de que elas não são um dado, mas sim um trabalho lingüístico) por meio de ocorrências de noções, seja um dos maiores esclarecimentos que podemos dar a respeito da questão aqui neste trabalho. Por outro lado, também não se pode deixar de mencionar que, por toda a experiência cognitiva abordada nos estudos lingüísticos dessa ordem, os tipos (no caso os três já mencionados e explanados anteriormente:  $\alpha$ ,  $\beta$  e  $\gamma$ ) são os que proporcionam a comparação entre ocorrências e o próprio tipo nocional.

Teoricamente é correto afirmar que há ocorrências pertencentes ao universo fenomenológico: são ocorrências ditas empíricas. Elas são sempre ocorrências de algo por serem ocorrências de uma noção parcialmente construída. E ainda, ocorrências são comparadas a um tipo que nunca é estabilizado mas que existe em relação a outras noções. A partir disso, ocorrências ditas abstratas podem ser construídas.

Tomando uma criança como exemplo, percebemos que mesmo antes da fala (ato da verbalização) ela sabe como fazer várias coisas (cortar um pedaço de papel por

exemplo mesmo antes de ser capaz de dizer: “veja como eu sei cortar esse pedaço de papel”). Logo, isso o que acabamos de descrever, prova que todo ato pode representar algo independentemente da verbalização, pois o ato pode representar a si próprio. Ainda nesse assunto, Culioli ressalta que a única distinção que deve ser feita é entre “saber como designar” e “saber como representar”.

Um outro exemplo:

Ao diferenciarmos um cachorro de um lobo por meio de oposições do tipo: um vive em casas e o outro nas florestas, estamos construindo uma noção.

Portanto, podemos dizer que: “as ocorrências de uma noção são dispersas no sentido que elas são representações ao mesmo tempo que representam uma dispersão desde que cada uma das ocorrências tenha propriedades próprias”. (CULIOLI, 1995, p.42)

Culioli, ainda dentro do universo das noções, faz uma consideração sobre os tipos, ou seja, o arquétipo, o protótipo, estereótipo e o tipo  $\emptyset$ .

Na atividade simbólica da espécie humana, a construção daquilo que foi denominado “protótipo” parece ser fundamental e inato, principalmente se consideramos que a origem do termo “proto” refere-se àquilo que é primeiro, primordial, logo, grande parte da atividade cognitiva humana é encontrada na capacidade de saber como isolar as propriedades pertinentes que capacitam o homem a comparar eventos, aparentemente não relacionados a tipos, fato este que nos permite construir representações abstratas (as quais são representativas) separadas da realidade. De fato, Culioli bem observa que não é possível haver qualquer atividade simbólica sem esse tipo de habilidade.

Os arquétipos são, de acordo com Culioli, tipos primitivos que se encontram nos seres humanos e são associados a problemas metafísicos.

Já os estereótipos são tipos que têm sido constantemente alterados por causa do preconceito originando em cultura.

Portanto, é observável que:

1. a noção de uma ocorrência é uma ocorrência *de* alguma coisa.
2. a noção de uma ocorrência está relacionada à noção de tipos.
3. a elaboração de um tipo nunca chega a um fim e, por isso,
4. a consequência que podemos tirar de 3 é que há uma tipificação contínua.
5. os tipos são sempre sujeitos para uma forma de regulação, a qual é uma atividade da linguagem, como consequência também.

### **3 Uma primeira conclusão**

Os estudos de Culioli sobre o campo nocional, além de demonstrarem que toda noção supõe uma seqüência de determinações (1987a), também mostram que há duas principais formas de referenciação, as quais caracterizam a noção: a primeira é uma ramificação resultante de relações internacionais criadas pelos enunciadores e a segunda refere-se às propriedades físicas, culturais e antropológicas inter-relacionadas de forma a se referirem à multiplicidade de virtualidades, isto é, a um “domínio nocional”.

### **4 Domínios Nocionais**

Apesar de simplista, dizer que um domínio nocional é o domínio das ocorrências de uma noção, define exatamente a centralidade dos estudos referentes aos domínios nocionais dentro da TOPE, pois o foco deste tipo de estudo é analisar as representações nocionais com vistas à construção de um domínio nocional centrado.

Em linhas gerais, os domínios nocionais são constituídos por ocorrências abstratas de uma noção tipificada, sendo que cada ocorrência possível e imaginável é intercambiável e identificável com outra ocorrência qualitativamente identificável.

Vale ressaltar a importância em se saber individualizar e distinguir ocorrências mesmo sendo elas qualitativamente uniformes (ainda que a uniformidade esteja sempre

sujeita à influência de relações intersubjetivas), intercambiáveis e identificáveis umas com as outras.

Emerge aqui um ponto crucial: o fato das ocorrências serem identificáveis umas com as outras não faz com que elas sejam idênticas, pois mesmo sendo todos os seres humanos capazes de classificar e tipificar, não significa que classificação e tipificação serão feitas por todos os membros humanos de uma determinada comunidade.

#### **4.1 A classe de ocorrências**

Considerando que para Culioli, a palavra *classe* além de ter uma conotação híbrida e também possuir propriedades de extensionalidade, podemos relatar o objetivo das operações que constroem uma classe de ocorrências, que é, em linhas gerais, o de criar fenômenos quantificáveis e com isso ser capaz de processá-los de forma que eles possam ser reduzidos a eventos, isto é, de forma que eles possam ser representados por pontos e ao mesmo tempo realizar uma operação de qualificação.

Exemplificando, se tomarmos uma unidade lexical como trigo, por exemplo, poderemos fazer associações do tipo: um tufo de trigo, um grão de trigo, uma rama de trigo, etc. Teremos então tipos e variedades de trigo.

Já se tomarmos uma relação predicativa do tipo  $\langle x - \text{ler um livro} \rangle$ , onde  $x$  indica as possibilidades de preenchimentos, poderemos ter as seguintes associações: a idéia de ler um livro, o fato de ler um livro, a maneira de ler um livro, etc.

Por meio dos dois exemplos dados acima, pudemos constatar que se é possível, por meio desses procedimentos, especificar e ao mesmo tempo individualizar uma operação que nos habilita a trabalhar com ocorrências, eventos ou pontos.

#### **4.2 A construção do domínio nocional**

Ao verificarmos as relações existentes entre designação e representação (no que se refere à representação nocional e à construção de um domínio nocional centrado)

seremos levados a levantar duas hipóteses. Uma associada a questões institucionais e à designação por si só – como por exemplo o uso do termo *professor* em construções como “*para ser professor...*”, “*ele só tem aparência de professor*”, *ele só tem o título de professor*” – e outra que carrega determinadas funções – “*ele é o que eu chamo de um verdadeiro professor*”, “*ele é todo professor*”.

Ainda nesse assunto, a primeira hipótese levantada pode derivar uma situação do tipo “*ele não é um verdadeiro professor*”, por meio da qual construímos uma representação da noção “ser professor” e então selecionamos uma ocorrência empiricamente situada em relação a dados sujeitos numa dada situação espaço-temporal sem que haja equivalência entre a idéia de um sujeito e a idéia geral construída.

Já na segunda hipótese, a designação põe o valor essencial, isto é, a característica central em evidência. E ao designar, estar-se-á predicando uma noção centrada.

Culioli, por fim, expõe a tão propalada problemática da arbitrariedade do signo lingüístico por meio de um predicado como “*Ele é o que se costuma chamar de professor*”, pois o consenso (o qual fica explícito, no português por meio da partícula *se*) não garante que ser um professor é ser alguém como “ele”, isto é, a designação não necessariamente implica uma equivalência essencial. Logo, a única exigência aqui é a concordância designada por um certo nome e, por outro lado, há a noção cuja designação é equivalente àquilo que ela designa: trata-se de um movimento, assim definido por ele mesmo, como sendo perpétuo e inevitável.

### **4.3 O centro atrator**

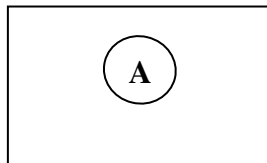
Quando se fala em domínio dentro da TOPE, deve-se ter em mente que este seja necessariamente centrado, pois ele, indubitavelmente, contém uma ocorrência com um status privilegiado que serve como seu centro atrator (organizador).

Um centro atrator (CA) refere-se a algo que provem de ocorrências fenomenológicas e que são comparadas a um tipo que é o predicado por excelência e

quase sempre representa um arquétipo platônico<sup>24</sup>. Logo, quando usamos um termo para designar algo, nós certamente o centramos, pois o relacionamos a um valor considerado como prototípico, tipificado.

De certa forma, podemos dizer que o CA é inerente à nossa atividade mental, pois todos precisamos fazer comparações a um centro<sup>25</sup> (tipo). E no que se refere ao DN, todas ocorrências são comparadas a um CA de forma que podemos chamá-las de intercambiáveis, qualitativamente indistinguíveis ou qualitativamente diferentes ou comparáveis.

No que se concerne ao problema que há em se construir a *Fronteira*, isto é, delinear aquilo que contem propriedades que pertencem a duas partes opostas, Culioli propõe a seguinte ilustração:



Considerando que, assim como na matemática, o complemento de A é exatamente aquilo que não é A, o problema emerge no ato da negação, pois apesar desta ter diferentes tipos de modulações (da fraca à forte), nunca, nenhum estudo chegou a resultados satisfatórios que tracem uma Fronteira confiável dentro da lingüística. Nas palavras de Culioli (1995):

A proposta de que exista uma propriedade e uma linha divisória (margem) é algo não satisfatório. Quando lidamos com o fenômeno da Fronteira, devemos construir a Fronteira, explicar como é construído o conceito de uma fronteira. Assim como para o conceito de Fronteira, fazem-se necessários soluções e argumentos construídos. (p.49)

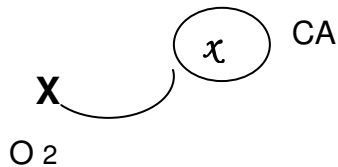
<sup>24</sup> O arquétipo platônico é a idéia que o ser humano tem da coisa em si, seja um objeto, uma pessoa, um sentimento. Logo, a coisa em si é a imagem desse arquétipo, considerando, é claro, que para a filosofia, todo o arquétipo é sempre uma abstração.

<sup>25</sup> Para Culioli, falar em centro é falar do mínimo daquilo em que os interlocutores concordam (mínimo senso comum) e, também, do produto de interação homem - meio ambiente e homem-homem (relação pragmática). Centrar algo, é ligar esse algo às nossas práticas sociais e assim estabelecer divisões, como por exemplo, bom / mau.

## 4.4 Identificação e Diferenciação

### 4.4.1 Identificação

Culioli mostra que para haver identificação, deve existir uma ocorrência 2 no que diz respeito ao centro atrator (ou organizador). Observemos e interpretemos a ilustração abaixo:



Para o lingüista, a ocorrência não circulada pode concordar completamente com a ocorrência circulada, e assim coincidente, teremos representado uma operação que pode ser vista a partir de duas perspectivas diferentes.

Exemplificando: Se perguntarmos “Isto é um...?” diante de uma ocorrência fenomenológica, seria o mesmo que perguntar “A designação daquilo que eu estou lhe mostrando corresponde ao designato deste nome que tem tais e tais propriedades?”. Eis aqui realizada uma operação de identificação.

Assim verificamos que, para que haja uma ocorrência de identificação, é tão e somente necessário que as ocorrências tenham propriedades em comum com as do centro atrator, isto é, é fundamental que o predicado em questão se refira à noção em sua forma mais pura.

### 4.4.2 Diferenciação



Considerando que uma ocorrência contenha uma certa dose de alteridade, Culioli observa a possibilidade em se construir zonas dentro de um domínio. Exemplificando:

Ao tentarmos identificar duas ocorrências (**i** e **j** por exemplo) entre si e ao mesmo tempo com o centro atrator (**x**), estaremos lidando com uma zona, assim definida por Culioli, aberta e que para ser fechada necessita de um rompimento, ou seja, de uma fissura, pois, para ele, o fechamento subentende a separação entre duas zonas.

O lingüista ainda considera que a alteridade faz emergir uma dupla construção: por um lado surge o que ele considera como sendo o CA de um ponto fictício dado metalingüisticamente no qual exibir-se-á uma zona aberta e uma alteração (uma transformação, por exemplo) e por outro uma ocorrência com uma alteração, mesmo que mínima.

Resumindo, o que realmente faz-se necessário para que ocorra a diferenciação é o rompimento entre duas ocorrências. Logo, deve emergir um espaço vazio no qual não haja ocorrência, e por assim dizer, sem valor.

#### **4.4.3 Interior, Exterior, Fronteira**

Considerando a necessidade de fazermos algumas considerações a respeito dessa tríade esquemática da noção, diríamos que:

O Interior é aquilo que é construído ao redor do CA e que além de ser aberto, contem ocorrências identificáveis com o CA ou o tipo.

O Exterior é o que contem um possível centro no qual lidamos com antônimos tipificados. Por exemplo: baixo / alto , grande / pequeno. Além disso, ele esvazia, isto é, anula o interior.

Já a Fronteira é sempre um campo vazio, não há termo que pertença a ele. Por exemplo, quando alguém diz algo do tipo: “eu não tenho a menor idéia”, fica evidente que todas as possibilidades de haver qualquer indício da mais ínfima idéia foram esgotadas. Temos ai então um campo vazio.

Utilizando as próprias palavras de Culioli (1983) , concluímos que:

Por um lado, nós temos um centro atrator e então, por meio da diferenciação, identificação e alteração, construímos uma rede que contem *nem tudo* ou *em parte*, a qual nos habilita trilhar pelo lado **I** (Interior), pelo lado **E** (Exterior), e pelo lado **F** (Fronteira). Assim, encontraremos por exemplo: **IFE**, **IF** em relação a **E**, **I** em relação a **FE**, **F** e **IE** vazios. Então há propriedades associadas com noções que processamos. Trabalhar com a relação ausente / presente não é o mesmo que trabalhar com a relação cru / cozido. Nós sabemos o que é carne crua, mas nós não sabemos quando ela está cozida!... (CULIOLI, 1995, p.54)

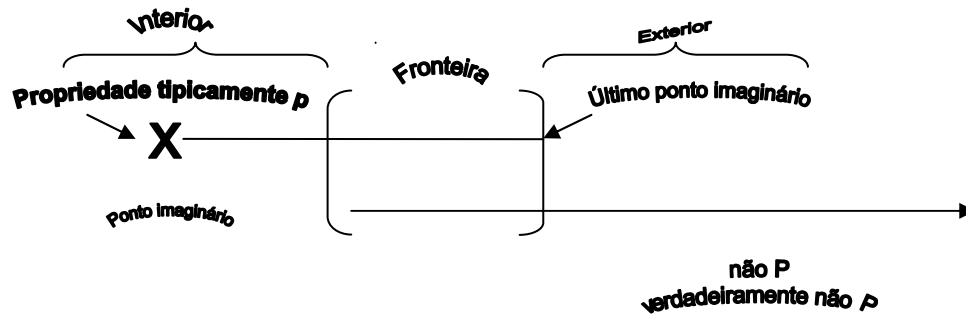
Por meio da observação de que o aparente antônimo cru / cozido é falso, pela ausência de reversibilidade (visto que não se pode “descozinhar” algo), podemos verificar que propor a representação que percorresse todas ocorrências possíveis e imagináveis de noções do tipo  $\beta$  (o tipo das categorias gramaticais) é algo impossível.

#### 4.4.4 A Fronteira

Lançando mão da problemática da fronteira, Culioli (1983) a designa enquanto um construto, o qual, além de ser uma condição fundamental para se estabelecer um intervalo, pode ser também um valor vazio. Logo, há duas zonas de maneira que assegure um estado em cada uma delas.

Ressaltemos também que se tratam de duas zonas que podem ter uma partição introduzida entre elas sem que essa fissura pertença a qualquer um dos lados.

Uma outra forma de conceituarmos este processo é a de imaginarmos uma sobreposição por meio da qual separaríamos as duas zonas e ao mesmo tempo as manteríamos em contato sem qualquer sobreposição.



De um lado temos um ponto  $p$  dentro de uma mesma zona que contém um ponto final imaginário. Do outro lado há o que Culioli chama de “não  $p$ ”, “realmente não  $p$ ”, “totalmente não  $p$ ”. À esquerda temos “cada vez menos não  $p$ ” até chegarmos a um ponto que não seja “não totalmente  $p$ ”.

Assim, definimos uma zona aberta sem alteração (à esquerda), isto é, trata-se de  $p$ , nada mais, nada menos. À direita está a zona composta por tudo que tem propriedade “daquilo além de  $p$ ” sem alterações.

Resumindo, a Fronteira traz uma disjunção entre  $p$  num lado e  $p'$  noutro; e quando trabalhamos num sistema de dois valores, estaremos construindo uma Fronteira vazia.

Exemplificando: a Fronteira seria algo semelhante a interruptor de energia, onde, ter-se-iam os lados positivo / ligado / esquerdo / interior e negativo / desligado / direito / exterior com a possibilidade de movimento de um lado para o outro.

Portanto, diríamos que o lado esquerdo da Fronteira é o seu Interior e o lado direito é seu Exterior. Registremos, também, que o Interior é aberto. Assim também como o é o Exterior. Na verdade, o Exterior é o Interior do complementar. O complementar será fechado se o Interior for aberto, assim, o complementar será: Fronteira + Exterior. Se escolhermos o Exterior, o complementar será: Interior + Fronteira.

Por fim, devemos dizer que:

- 1º - O complementar possui dois valores, onde um é complemento do outro.
- 2º - Trabalhando com  $p$  e  $p'$  estaremos evitando o problema da ambigüidade.
- 3º - O complementar, assim como a noção em si, não é um dado.

4º - O complementar pode ser tanto o complementar do Interior (a zona mais fechada + o Exterior), quanto o Exterior, ou seja, o complementar da zona + fechada (Interior e Fronteira).

#### 4.4.5 O problema da Fronteira

Para Culioli, o hábito em lidarmos sempre com dois ou mais valores distintos (positivo / negativo, verdadeiro / falso) cria-nos problemas ao construirmos uma Fronteira, principalmente problemas associados à modalidade, a qual, muitas vezes, estabelece uma zona sem valores definidos. Como exemplo disso, podemos analisar o russo, no qual, em muitos casos, o imperfeito tem um valor conativo (ex.: *esperando para fazer algo*) em relação ao perfeito que pode ter um valor de realização (ex.: *esperando por, procurando por*) e com isso, fogem à zona na qual o evento toma lugar, tem tomado lugar e até à zona que não estabelece nenhuma relação com o evento.

Para Vignaux (1995), falar de domínios nocionais e de centros atratores (organizadores) destes domínios implica estabelecer fronteiras dos mesmos. Trata-se de um jogo de propriedades que, às vezes, um sujeito escolhe enunciar para autenticar a identidade de uma situação, de um evento, ou de um estado, em conseqüência de um domínio e que é necessário o diferenciar de outras propriedades susceptíveis de se deslocar em direção a outros domínios.

Vignaux ainda ressalta que identificar é necessariamente diferenciar, pois qualquer identificação de propriedades tem seu *complementar*; tratam-se das propriedades que diante de um espelho, poderão ser ditas como “outras”. A noção de complementar está presa à tipologia, pois o complementar de um conjunto A, por exemplo, não é A, mas sim está na extremidade de A, isto é, na sua fronteira. Há, então, um interior que remete a um exterior, o um e o outro sendo complementares.

A construção do interior, o qual fundará o domínio, requer a ordenação de um conjunto de propriedades a partir de um ponto de referência que permitirá o pôr em relação. E o ponto de referência assume o status de centro organizador (atrator). Por um lado as propriedades serão reagrupadas para serem trazidas novamente para este

centro, ilustrando a noção: trata-se da operação de identificação; por outro essas propriedades convergem para um certo tipo de predicado e será estabilizada uma limitação do mesmo fato que o transposição de certas propriedades conduzirá a um outro tipo de predicado: trata-se da situação de diferenciação.

#### 4.4.6 O gradiente

O termo gradiente (ou escala) surge dentro dos estudos da enunciação, principalmente nos referentes à construção de domínios nocionais, como uma inquietação em relação a se trabalhar, como o próprio Culioli define, com tudo ou nada. Para ele, nada nos previne que ao verificarmos que X é identificável com Y em graus (níveis) cada vez menores, X contenha cada vez menos propriedade P, mesmo numa escala muito pequena.

Logo, toda vez que construímos um gradiente, estamos tomando um caminho em direção a um nível cada vez menos forte (ou mais fraco) até chegarmos a um último ponto imaginário antes da Fronteira. Esse caminho deixa clara uma orientação no sentido de que não há um ponto final real, mas sim imaginário.

Vale lembrar que o caminho inverso também é verdadeiro, sendo que por meio dele podemos chegar a níveis cada vez mais fortes. Por exemplo, quando eu digo que “a água está cada vez mais gelada”, estou criando um movimento em direção ao congelamento dessa água.

Por fim, faremos aqui uma ilustração a respeito da questão do gradiente para assim fecharmos este assunto. Quando eu digo “o bolo estava quente”, tenho, assim, a *lexis* <bolo> e <estar quente>, onde o estar quente pode ser posto em diferentes níveis:

- O bolo estava *um pouco* quente.
- O bolo estava *muito* quente.
- O bolo estava *quase* quente, etc.

#### 4.4.7. A negação

A negação, por estar presente em todo lugar - na análise de valores alternativos, no Exterior, na ausência, no vazio - assume uma amplitude maior do que imaginamos dentro dos estudos lingüísticos, pois em todos esses processos nós realizamos operações de negação.

Culioli (1984) afirma que ao nos preocuparmos com o fenômeno da negação, podemos tomar apenas duas atitudes: ou procuramos eliminá-la ou a consideramos como sendo primitiva. Para o mesmo lingüista, a negação não pode ser construída como um derivado e, logo, ele se vê obrigado a compreendê-la enquanto algo primitivo, isto é, quando construímos um Exterior, o fazemos baseado na noção que apreendemos na sua forma positiva como um Interior.

Nesse quesito, Culioli distingue dois tipos de negação. Um primeiro que se refere a valores negativos tidos em predicados como *medo* e *ódio*, os quais não se comportam como um segundo tipo de predicado que contenha uma negação como em “*não gostar*”, por exemplo. Portanto, no primeiro tipo, estamos explicitando um valor negativo que se refere a considerações semânticas, e no segundo, um valor negativo que envolve considerações sintáticas.

Devemos dizer também, que em alguns casos a negação será construída, e em outros, ela será um dado baseado em experiências negativas já mencionadas anteriormente.

No francês, temos a negação realizada pelo uso do *ne ... pas*, na qual, o *ne* refere-se a uma operação primitiva de negação: ele indica uma operação que inverte a orientação; trata-se de um inversor. Mas em alguns casos, o processo pode ser o contrário; em outros, o inversor desfaz o estado previamente estabelecido; e ainda em outros, ele é suspenso, por exemplo, quando eu digo “não abra a janela”, é o mesmo que “deixe que a janela fique fechada”. Já o *pas* é um marcador de mínima ocorrência, logo, ele significa uma ocorrência abstrata, pois se trata da mínima quantidade positiva da ocorrência de uma dada propriedade.

Resumindo este item, faremos das palavras de Culioli, as nossas:

Cada vez que encontramos uma operação primitiva da negação, associadas a isso há operações de construção solicitando-na, num dado

domínio o qual construímos como sendo positivo, nós, realizando alterações e esvaziando operações, construiremos um predicado negativo. Trata-se, portanto, de um problema de complexidade gigantesca. (CULIOLI, 1995, p.72)

#### **4.4.8 Um exemplo de construção do domínio nocional por meio da modalidade**

Tendo em mente que a modalidade<sup>26</sup>, sobretudo em línguas como a língua inglesa, é um fenômeno lingüístico que atribui ao verbo sentidos diversos e ajustáveis aos diferentes contextos enunciativos, levantaremos, nesse item, algumas observações associadas à noção e à modalidade, expressa pelo verbo modal *can* (poder).

Observando, primeiramente, um predicado como “X could have left the window open” (X poderia ter deixado a janela aberta) em relação a um predicado do tipo “X left the window open” (X deixou a janela aberta), podemos construir um domínio nocional que é a relação entre <X> e <deixar a janela aberta> e, também, dar alguns valores a essa predicação. Valores do tipo: “X a deixou meio aberta”, “X não a fechou bem”, “X não a deixou aberta”.

Numa primeira instância, a asserção positiva “X left the window open” quer dizer que o falante, enquanto um enunciador, ressalta a idéia de que foi X quem realmente realizou o evento, restando assim, apenas uma verdade, a qual, elimina todas as outras possibilidades.

O período “X could have left...” (X poderia ter deixado) pode ser lido de duas formas diferentes: uma primeira que indica que X poderia ter deixado a janela aberta mas não deixou e assim ela não ficou aberta; e uma segunda que indica que poderia ter sido X a deixar a janela aberta, mas na realidade quem fez isso foi outra pessoa que não X.

Percebemos, assim, que o modal *can* (*could* no passado) indica a possibilidade de existência de um valor que valida a relação que nós estabelecemos com a situação,

---

<sup>26</sup> Ressaltemos que a modalidade foi brevemente abordada no primeiro capítulo deste trabalho no item 4.

e, por assim dizer, constitui uma operação desprovida de um centro e que necessita ser centrada.

## 5. Conclusão

Para finalizar este capítulo, achamos pertinente trazer algumas reflexões a respeito da noção e do domínio nocional, entre elas, algumas de Vignaux<sup>27</sup>. Para o lingüísta, o que permite diferenciar ou relacionar as propriedades que concernem à noção é o fato de que elas são emprestadas ora da cultura, ora do senso comum, ora da experiência de mundo. E os domínios são os caracterizadores dos objetos e dos fenômenos do mundo real. Sendo assim, ele propõe duas questões a esse respeito. São elas:

1. Como distinguir essas categorizações mentais que vão remeter ao mundo físico, cultural, ou ao antropológico, desses modos de categorização que a lingüística ou a lógica nos habituou a descrever?
2. Como avaliar as estruturações, quer dizer, as constituições desses domínios nocionais no acaso das modulações enunciativas?

E para respondê-las, recorremos a Culioli (1978):

Defrontar-se com o problema da noção é pois encontrar, de um lado, os feixes de propriedades físico-culturais ou propriedades do objeto (de organização) e, por outro, por meio das marcas de asserção (há, é que, a negação, a interrogação), o problema de construção de um complementar. E desse modo voltar ao problema do predicado, quer dizer, de qualquer modo *trata-se de trabalhar tomando como ponto de partida uma relação predicativa não saturada (p, p')* que somente ela permitirá apreender o domínio nocional. As propriedades que regem o domínio sairão de diversas categorias: Enumeremos de modo não

---

<sup>27</sup> VIGNAUX, G. Entre linguistique et cognition: des problématiques de l'énonciation a certains développements tirés de l'oeuvre d'Antoine Culioli.



exaustivo alguns dos domínios que constituem as categorias nocionais (...). Sendo dada uma categoria nocional,  $P$  distingue-se uma propriedade  $p$  segundo o domínio:

- semântico: *ser cachorro, ser líquido, ler*
- noção gramatical: aspectualidade, modalidade
- noção quantitativa/qualitativa: avaliação do grau de intensidade ou extensividade (acabamento, finalização)...

E ainda...

... Trata-se de poder tratar do que se costuma chamar tradicionalmente de *lexema ou semantema de um modo operatório*, quer dizer, coloca-se de início a hipótese de que há propriedades constitutivas, regras de construção de um domínio nocional, que vão se encontrar de qualquer modo. Essa hipótese poderia se revelar muito forte, mas até o presente, revelou-se adaptada e o desafio é bastante importante porque isso permite religar problemas de determinação a operações consideradas à parte, como a modalidade e a aspectualidade. (CULIOLI, 1990, p.52-3)

Assim, uma noção é definida sempre que ela permitir a criação de um domínio de sentido e referência; e só será operatória na atividade linguagística na medida em que ela (a noção) legitimar relações de predicação, as quais construirão esse domínio.

As ocorrências linguagísticas, no tocante a um domínio, é, ao mesmo tempo, forma de manipulação e trabalho sobre a representação intracultural desse domínio, fato este que implica na maneira como ele é construído, criando-se, assim, a necessidade de diferenciar ocorrências lingüísticas de ocorrências fenomenológicas<sup>28</sup>.

Já a situação linguagística remete a algo que seria, um enraizamento de procedimentos lingüísticos no interior de estruturas cognitivas, isto é, ações sobre

---

<sup>28</sup> As ocorrências fenomenológicas são sempre tributárias das formas e das modalidades de nossas aprendizagens do mundo, mas essas modalidades serão ponderadas de modo diferente, segundo as culturas.

nossas representações dos conhecimentos. E essas representações impõem restrições do funcionamento linguagístico.

Culioli resume essa manipulação dos conhecimentos nos fatos de linguagem de duas formas:

Uma primeira forma que seria a da *estabilidade*, a qual refere-se às regularidades de ajustes entre locutores e entre enunciados proporcionado que cada sujeito se encontre, compreenda e comunique.

E uma segunda que seria a *deformidade*, a qual atribui à atividade linguagística determinados jogos de deformação, jogos esses que são modificações permanentes dos domínios de significado, de opiniões ou de concepções aparentemente estabilizados.

Por fim, para encerrarmos nosso texto, deixaremos aqui uma reflexão interessante que Rezende, citando Vignaux (1995) faz ao respeito do domínio nocional e que, assim, encerra toda a ideologia que tentamos colocar neste capítulo:

O domínio nocional evoca a idéia de conteúdo de pensamento, por um lado, reunindo objetos de conhecimento e, por outro, colocando-os em relação para efetivamente representar uma certa relação entre eles. Essa relação será sempre aquela que o enunciador escolhe. Isso implica em um esquema: objetos são escolhidos, propriedades lhes são atribuídas, e finalmente o conjunto é composto, organizado, estruturado. O resultado vai se traduzir segundo uma certa composição de significações delimitadas em relação a outras (não delimitadas). Podemos, então, falar em fronteira, interior e exterior de um domínio. Tudo isso é focalizado em direção a um ponto de vista cognitivo, em direção a uma espécie de *centro* do domínio, que será o alto grau da noção. (REZENDE, 2000, p. 104)

## **As noções extraídas dos textos selecionados**

Neste capítulo trazemos destacadas as principais noções de ciúme encontradas nas 72 redações que propomos como o corpus do nosso trabalho. Vale ressaltar que cada redação está identificada com uma letra e um número, pois o trabalho de coleta realizado pela fundação Vunesp separou 24 textos de cada área acadêmica, ou seja, 24 redações de candidatos a cursos da área de exatas (E), 24 da área de humanas (H) e 24 da área de biológicas (B). Relembramos ainda que cada área tem as redações divididas em baixo e alto desempenho.

Por fim, no que se refere às noções, tivemos como critério básico de seleção aquelas que se encaixavam numa pequena fórmula por nós estabelecida como <ciúme – ser – x>. Sem mais, vamos às noções encontradas:

### **1 Os textos de baixo desempenho**

E01:

<ser - sentimento>

<ser- difícil de ser ignorado>

E02:

<ser - sentimento angustiante que perturba e machuca>

<ser - sentimento inerente à humanidade>

E03:

<ser – o mais discreto dos sentimentos>

<ser - sutilmente dominador>

<ser - sentimento que nos antipatiza e nos isola da sociedade>

E04:

<ser - característica humana>

<ser - sentimento expresso exageradamente por uns e discretamente por outros>

E05:

<ser - coisa primordial das relações>

<ser - sentimento que atrapalha a relação e faz com que o amor e o relacionamento acabem>

E06:

<ser - sentimento ligado ao gostar de alguém>

E07:

<ser - sentimento inerente ao ser humano>

<ser - algo que pode virar doença>

<ser - benéfico desde que não seja em excesso>

E08:

<ser - sentimento que faz parte das relações humanas>

<ser - algo saudável ou não>

E09:

<ser - sentimento que está ligado ao amor>

<ser - medo de perder a suposta felicidade>

<ser - sentimento inevitável>

<ser – um dos sentimentos mais contundentes do ser humano>

<ser - sentimento variável de acordo com a intensidade do amor>

E10:

<ser - sentimento normal entre casais desde que seja com moderação e tolerância>

<ser - sentimento insignificante>

E11:

<ser - sentimento que mais corrói as pessoas>

<ser - conjunto de outros sentimentos, entre eles: raiva, ressentimento, frustração>

<ser - sentimento que tem a ver com a perda da posse da pessoa>

E12:

<ser - sentimento que repercute de maneira incisiva na vida pessoal do ser humano>

<ser - sentimento natural>

<ser - sentimento tido como vergonhoso para alguns>

H01:

<ser - algo que faz bem>

H02:

<ser - inveja ou uma raiva de certas atitudes da pessoa amada>

<ser - algo bom para você saber que alguém gosta de você>

H03:

<ser - amor, ódio, raiva, incompreensão, insegurança, possessão, individualidade>

< ser - não doença>

H04:

<ser - sentimento que toma conta do seu psicológico e aumenta a angústia>

H05:

<ser - sentimento que nos faz sentir furiosos, nervosos e até mesmo descontrolados>

< (pode) ser - excesso de amor ou um grande sentimento de possessão, ou até mesmo uma doença>

<ser - sentimento frio>

H06:

.....

H07:

<ser - forma de demonstrar à pessoa amada o quanto a ama, e quer proteger o seu espaço>

H08:

<ser – sentimento não ensinado>

<ser - falta de alguma coisa que não se ganhou, principalmente carinho>

H09:

<ser - sentimento que pode tornar-se muito intenso e perturbador>

<ser - sentimento que tem o ressentimento como um ingrediente básico>

H10:

<ser - sentimento ruim que maltrata as pessoas, fere sentimentos e cria várias confusões>

<ser - doença que causa dor nos seres humanos>

<ser -sentimento bom no amor desde que controlado>

H11:

<ser - sentimento normal, mas ele tem dois tipos de características, uma que caracteriza um ciúme doentio e outra que caracteriza um ciúme oculto>

H12:

<ser - um mal do qual todos sofremos>

<ser - sentimento que se relaciona com desconfiança e possessividade>

<ser - sentimento que sem ser “dosado”, traz problemas>

B01:

<ser - sentimento de quem ama o seu próximo>

<ser - algo bom nas relações amorosas, desde que sem exagero>

B02:

<ser – problema>

<ser - falta de autoconfiança>

<ser - sinônimo de depressão>

B03:

<ser - sentimento psicológico de várias proporções e fatores variados>

< pode ser - avassalador ou sutil>

<ser - algo importante nas nossas relações, desde que com moderação>

<ser - algo agradável>

<ser - um afago que a humanidade necessita para se sentir melhor>

B04:

<ser - sentimento ruim>

<ser - sentimento que predomina entre irmãos, amigos e casais>

<ser - algo inesperado>

B05:

<ser - sentimento ou doença?>

< ser - sentimento que pode levar ao desespero>

B06:

<ser - algo que submete os seres humanos a situações que fogem do racional>

<ser -um domínio que não segue a lógica>

<ser - de cunho emocional>

<ser - combustível para o surgimento de outros sentimentos malignos>

B07:

<ser - sadio ou doentio>

<ser - sentimento que pode se tornar muito intenso e perturbar o comportamento do indivíduo>

<ser - algo natural, compreensível, difícil de ser ignorado>

<ser – algo que instiga perseverança, frustração, raiva, necessidade de ação, impotência>

B08:

<ser - algo que aparece do nada e se manifesta intensamente sem que possa ser controlado>

B09:

<ser - sentimento que se não for controlado, atrapalha a evolução dos seres humanos>

<ser - sentimento que faz parte dos sentimentos humanos>

<ser - fraqueza humana exagerada>

B10:

<ser- sentimento sutil ou avassalador>

<ser – um dos sentimentos mais contundentes do ser humano>

<ser - obsessão quando a pessoa vê necessidade de agredir a outra>

<ser - sentimento muito relativo, pois, para alguns, significa amor, e para outros, desconfiança>

<ser - algo essencial para um bom relacionamento, desde que seja limítrofe>

B11:

<ser - sentimento bastante petulante>

<ser - sentimento que pode ser bom, desde que faça com que o outro se sinta protegido, amado e cuidado>

B12:

<ser - coisa do passado>



Nas 36 redações analisadas, verificamos que apenas uma delas não traz uma noção explícita de ciúme. As demais, como pudemos constatar acima, trazem uma diversidade considerável de definições do termo, portanto, ilustraremos abaixo algumas primeiras conclusões:

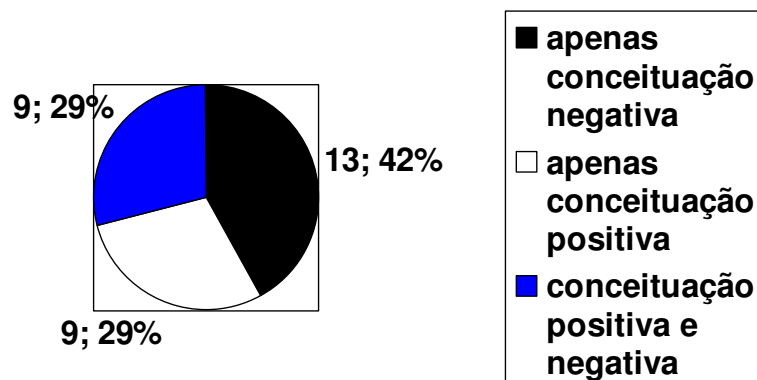
As redações: E01, E02, E03, E06, E11, H04, H05, H09, H12, B02, B05, B06 e B12, trouxeram noções predominantemente negativas de ciúme.

As redações: E09, E10, H01, H03, H07, H08, B01, B03 e B11 trouxeram noções predominantemente positivas de ciúme.

Portanto, os textos identificados como: E05, E07, E08, E12, H10, H11, B07, B08 e B10, trazem uma mescla de noções positivas e negativas.

O gráfico a seguir traz uma visão mais ampla dessa contagem:

Tabela 1



Exemplificação:

A. Conceituação negativa:

“O ciúme é um sentimento que gera confusão dentro do lar, não é companheiro da paz, trazendo desunião da família e a separação do casal.” (E01)

“Deveras o ciúme é um sentimento angustiante que perturba e machuca.” (E02)

“Muitas desgraças também acontecem por ciúme, já é comum ver na TV mortes por esse motivo.” (H12)

“O ciúme para alguns psicólogos é considerado uma doença. As pessoas que sofrem desse problema não têm limites, elas expõem seus parceiros ao perigo...” (B02)

“O ciúme torna-se um combustível para o surgimento de outros sentimentos malignos, o indivíduo isola-se da sociedade e passa somente a se alimentar da vingança” (B06)

#### B. conceituação positiva:

“O ciúme é um dos sentimentos mais contundentes do ser humano” (E09)

“Há pessoas que utilizam o ciúme para ter total garantia de si próprio, segurança do companheiro(a)...” (H07)

“Ciúme serve para bastante coisas , como ter ciúme de algo ou de algum objeto, esse tipo faz bem, para nos manter alerta de tudo.” (H01)

“O ciúme em nossas vidas começa bem cedo, na disputa entre irmãos. Nessa fase ele não passa de um sentimento de quem ama o seu próximo.” (B01)

“Com sutileza (o ciúme) é agradável, um afago cuja humanidade necessita para se sentir melhor.” (B03)

## **2 Os textos de alto desempenho**

E25:

<ser - sentimento intrínseco ao homem>

<ser - um mal>

<ser – benéfico e essencial, desde saudável>

<ser - paradoxal como o amor e repressor como o medo>

<ser - dominador como a desconfiança>

<ser - uma doce fera que reside nos corações inebriados>

E26:

<ser - uma manifestação de um sentimento de posse>

<ser - sentimento intrínseco ao ser humano>

<não ser - sentimento normal se levar-nos a atos de extrema barbárie>

<ser - um sentimento normal se controlado>

<ser - sentimento que envolve várias situações cotidianas>

E27:

<ser - causador de estragos irreparáveis>

<ser - sentimento aceitável desde que em doses moderadas>

<ser – doentio>

E28:

<ser - sentimento que é ingrediente indispensável nas ações humanas>

< ser - o perpetuador gênico de um indivíduo>

<ser - um sentimento que desenvolvemos desde pequenos e que é incentivado pela sociedade, isto é, a posse>

<ser - sentimento que ocorre quando aquele que ama percebe que não é proprietário do ser amado>

<ser parte de todo ser humano que ama e também do próprio amor>

<ser - sentimento fundamental na valorização do ser amado e na revitalização do amor>

E29:

<ser - um dos únicos sentimentos que mantém sua real consistência>

<ser – forma de se expressar>

<ser - uma insegurança que possuímos, um medo de perda e da ausência de algo que para nós tornou-se indispensável>

E30:

<ser - um dos sentimentos humanos mais freqüentes nas relações do cotidiano, sejam elas amorosas ou não>

<ser sentimento que costuma estar presente em amizades em relações amorosas>

<ser - sentimento que raramente resulta em bons resultados, os mais comuns são os sentimentos de raiva, dor, ressentimentos ruins.

<ser - sentimento que está presente em nossos dias, em nossas ações, assim como a alegria, o amor, a saudade, enfim, os sentimentos humanos>

E31:

<ser - sentimento perturbador e intrigante>

<ser - motivo de brigas, desentendimentos e até mesmo separações>

<ser - um sentimento difícil de ser explicado, porém fácil de ser sentido>

<ser - um sentimento muito comum em todos os tipos de relações e diz respeito à honra e à vaidade do homem>

<(pode) ser - uma mistura de raiva e frustração, medo e orgulho ferido>

<ser - um sentimento que ataca com maior freqüência e vigor nas relações amorosas>

<ser - um sentimento comum e venenoso>

<(pode) ser – destruidor>

E32:

<ser - um sentimento intermediário e de equilíbrio cuja função é ser alicerce na prevenção de sentimentos desajustados>

<ser - um sentimento que está presente em nossa convivência desde a infância>

<ser - um sentimento usado como inspiração de sentimentos egoístas e possessivos que desestabilizam o relacionamento>

<ser - um sentimento mal utilizado e administrado>

<ser - um sinal de alerta para os psicólogos>

E33:

<ser - um mal que se confunde com a inveja>

<ser- sentimental>

<ser - um sentimento que permeia nossas vidas e está presente em todas as relações afetivas>

< (pode) ser - ingênuo ou doentio>

E34:

<ser - a ausência da razão>

<ser - aquilo que causa desentendimento entre duas pessoas>

E35:

<ser - um sentimento que deveria ser estudado de forma mais ampla>

<ser - um sentimento que consome as pessoas e destrói as relações de trabalho, de amizade e principalmente amorosas>

E36:

<ser - um sentimento que fez e faz parte de toda a história humana>

<ser - uma erupção abrupta do ID para Freud>

<ser - um sentimento capaz de romper os alçozes do Superego e do senso da sociabilidade>

<ser - um sentimento inerente à condição de ser humano>

H25:

<ser - um sentimento presente nos relacionamentos humanos>

< (parece) ser - um sentimento implícito à paixão>

<ser - um sentimento de posse que faz com que a pessoa que o sente, enxergue o companheiro como um frasco onde ele pode despejar toda a sua insegurança>

H26:

<ser - uma insegurança inerente ao ser humano>

<ser - uma insegurança nos relacionamentos>

<ser - depressão, ressentimento, vingança, despeito>

H27:

<ser - um sentimento que atormenta os corações apaixonados e sofredores por conta da dor de serem, supostamente, enganados>

<ser - um fardo pesado quase sem explicações lógicas>

<ser - um sentimento que quando ataca, parece ser infundável>

<ser - um sentimento que cria um obstáculo à saudável convivência social>

H28:

<ser - um sentimento criado pelo amor>

<ser – protetor de seu criador contra as intempéries sentimentais>

<ser - um sentimento que acorrenta a si o objeto de paixão de maneira doentia>

<ser – estrangulador da paixão, perfurador do coração e destrutor do que o amor construiu>

<ser - uma espécie de variante do egoísmo>

<ser - insegurança e sentimento de posse>

H29:

<ser - um dos sentimentos mais primitivos do homem, presente nas relações amorosas, cotidianas e até mesmo materiais>

< (pode) ser excessivo ou saudável>

<ser - uma válvula de escape para outras emoções negativas>

H30:

<ser - uma das características que dominam a alma do homem>

<ser - um conceito de ciúme é misturado com o da inveja, pois ambos nascem de um desejo (aliado à raiva) de ter algo que pertença a outrem>

<ser – posse>

<ser - mais aceitável e mais natural que a inveja>

<ser - insanidade, depressão, doença, , ressentimento, desespero, desconfiança, provocação, raiva, ódio, perdição>

<ser - algo que a sociedade tem>

H31:

<ser - um sentimento que pode existir entre relações entre parentes, amigos e amantes>

<ser - neuras, atos desesperados, insegurança, solidão, receio da perda>

< ser - constante e perturbador nas relações amorosas>

<ser - um sentimento naturalmente humano>

H32:

<ser - um sentimento que desde há muito permanece vivo nas relações humanas>

< (pode) ser tanto escondido e discreto, quanto explícito e declarado>

<ser - um sentimento poderoso>

<ser - um tempero que “apimenta” a relação para muitos>

H33:

<ser - sentimento possessivo e obsessivo>

<ser - a incapacidade de atender às exigências do outro>

<ser - perda da noção da individualidade do outro, invasão do espaço alheio, controle e exercício do poder sobre o parceiro>

<ser - perda da cumplicidade, da amizade e do respeito>

H34:

<ser - um sentimento ressentido, avassalador>

<ser - um sentimento que se mostra presente nas relações amorosas>

<ser - de um caráter efêmero que vai da sutileza à possível tortura>

<ser - um sentimento que está cada vez mais no cotidiano>

<ser - um sentimento que pode ser prejudicial aos relacionamentos>

<ser - insegurança e vingança>

<ser - um sentimento inevitável que pode causar rupturas nas relações e perpetuar-se a partir delas>

<ser - um sentimento inerente ao amor e à paixão e, além disso, paradoxalmente natural e destruidor de relações perfeitas e utópicas>

H35:

<ser - um sentimento venal que corrói paulatinamente as relações humanas>

<ser - um sentimento limítrofe entre o amor e o ódio e causa um desgaste psicológico e uma perturbação mental a quem o sente>

<ser - sentimento de posse em relação ao parceiro>

<ser - um sentimento corrosivo universal e atemporal>

<ser - um sentimento paradoxal, pois ao mesmo tempo é proteção e fragilidade do ser humano ao sofrimento e às decepções sentimentais>

H36:

<ser - um sentimento já embutido numa pessoa, é como sentir sede ou sono>

<(pode) ser - sutil ou avassalador.>

<ser - um sentimento existente tanto em relações conservadoras quanto em relações conturbadas>

<ser - um sentimento comum>

<ser - sinônimo de não se sentir correspondido>

<ser - um sentimento que pode trazer consigo o sentimento de vingança, desespero, vergonha>

B25:

<ser - um sentimento tão habitual quanto o amor>

<ser - um sentimento que compõe todas as relações, mesmo que imperceptivelmente>

<ser - geralmente pivô de muitas crises e fins de relacionamento>

<ser - um sentimento normal desde que em pouca quantidade>

<ser - bom e natural, desde que na dose certa>

B26:

<ser - um verme que consome a alma>

<ser - um sentimento que pode dar origem ao desejo de controlar e de conhecer as ações que o parceiro venha a tomar>

<ser - algo que prejudica tanto o enciumado quanto aquele de quem se tem ciúme>



<ser - algo que pode gerar ressentimentos que servirão para alimentar este verme da alma>

<ser - um sentimento de natureza egoísta que pode despertar o desejo de vingança e o revanchismo>

<ser - algo que está ligado à perda da felicidade e da capacidade de produzir idéias produtivas>

<ser - um demônio>

<ser - um sentimento que está fortemente arraigado a outros sentimentos>

B27:

<ser - um sentimento tão humano quanto o amor e o ódio e faz parte de toda uma gama de manifestações a que os seres de nossa espécie podem estar vulneráveis>

< (pode) ser - um sentimento bom>

< (pode) ser – causador de brigas, separações, acidentes e até mesmo mortes>

<ser - um fator que pode causar-nos desequilíbrios emocionais>

<ser – doentio e semelhante aos pensamentos dos idólatras e dos terroristas (religiosos extremistas) e pode fazer dos sentimentos uma razão para submeter os outros à tortura ou à morte>

<ser – positivo, desde que estreite laços de amor e amizade>

B28:

<ser - uma moléstia sempre presente, responsável pela completa desgraça do homem outrora feliz>

<ser - um sentimento camuflado e contido e meio a um mar de limitações sociais, emotivas e psicológicas>

< (pode) ser um controlador de uma relação saudável, sobretudo amorosa>

<ser - desconfiança, desprezo, raiva e remorso>

<ser - prova de afeição>

B29:

< ser - a causa de sofrimentos nos diversos tipos de relações humanas, em especial, nas amorosas>

<ser - um sentimento sufocante>

B30:

<ser - desencadeador do ódio ou intensificador do amor>

<ser - comparável a uma arma de fogo, pois pode ser usado pro bem ou pro mal>

<ser - um sentimento que na medida em que invade a privacidade ou tentar conter as liberdades individuais, pode culminar com a revolta do parceiro>

<ser - proveniente da insegurança>

<ser - um momento em que a auto-confiança é insuficiente para permitir que se confie no parceiro>

B31:

<ser - uma manifestação emocional que está alheia à nossa vontade ou a uma lógica própria>

<ser - arrebatador e irracional>

<ser - medo do amor não correspondido>

<ser - a consciência da incapacidade de ser monogâmico>

<ser - medo de perder o amante e medo de experienciar o insuportável vazio causado pela solidão>

<ser - uma manifestação autoritária do amor, uma declaração romântica feita às avessas>

B32:

<ser - amor, inveja, autoritarismo e outras manifestações da alma humana>

<ser - um sentimento que transita entre os sentimentos primitivos e de auto-ajuda, inerentes à espécie humana>

<ser - um pedido de atenção ou socorro>

<ser - um ato de martírio e masoquismo num nível patológico de manifestação>

<ser - um revelador da preocupação com as ações e sentimentos do parceiro>

<ser - um reflexo do desejo de manipulação de um sobre o outro>

<ser - a vontade de amoldar o parceiro>

B33:

<ser – insegurança>

<ser - algo inerente a qualquer amor>

<ser - a dúvida, o ressentimento, a paixão má, a fúria, a dor>

B34:

<ser - um sentimento que permeia as relações humanas em todos os seus níveis>

<ser - uma reação de auto-afirmação, como tentativa ou desejo de ser aceito, de se manter no foco das relações pessoais e no controle delas>

<ser - um sentimento que, na maioria de suas manifestações, dá vazão à necessidade de se exercer domínio sobre o objeto de admiração>

<ser - elemento de exercício de poder, de domínio e por isso não pode ser legitimado como um desdobramento do amor>

<ser - um sentimento que gera ressentimento e malefícios para ambos numa relação>

B35:

<ser - um sentimento de grande abrangência que pode abalar estruturas vistas como seguras e prejudicar o raciocínio coerente>

<ser - causador de diversas desavenças familiares>

< (pode) ser – o que impede a felicidade do enciumado>

< ser a privação do companheiro da liberdade e faz dele uma posse, o que anula a individualidade do ser>

<ser - um sentimento que ultrapassa o controle racional e lógico>

B36:

<ser - o sentimento que revela a fragilidade do querer humano e o estado de ruptura da alma na sua incansável luta em tentar possuir o que, ontologicamente, não pode ser integralmente possuído: o outro>

<ser - a sombra da dúvida e da insegurança>

<ser - um tormento cuja degenerescência pode ser traduzida em esquizofrenia ou paranóia>

Nas 36 redações analisadas, verificamos que todas trazem definições bem delimitadas a respeito do ciúme. Ilustraremos abaixo algumas primeiras constatações:

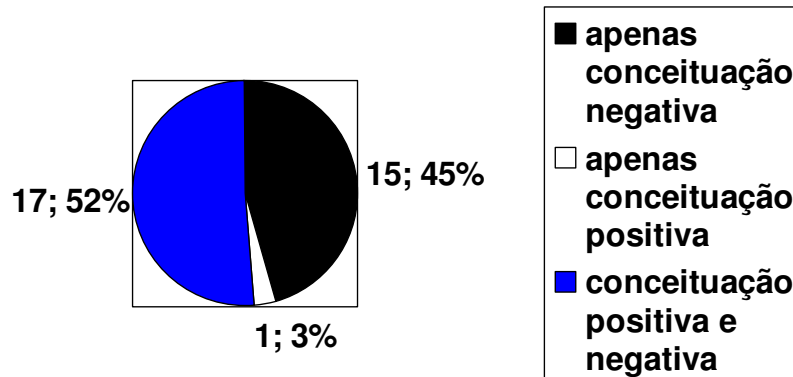
As redações: E30, E34, E35, H26, H27, H30, H31, H33, H34, H36, B26, B29, B33, B35 e B36 trouxeram noções predominantemente negativas de ciúme.

A redação E28 é a única que trouxe noções abundantemente positivas de ciúme.

Portanto, os textos identificados como: E25, E27, E29, E31, E32, E33, H25, H28, H29, H32, H35, B25, B27, B28, B30, B32 e B34, trazem uma mescla de noções positivas e negativas.

O gráfico a seguir traz uma visão mais ampla dessa contagem:

Tabela 2



Exemplificação:

A. Conceituação negativa:

“Raramente o ciúme resulta em bons resultados, os mais comuns são os sentimentos de raiva, dor, ressentimentos ruins para a pessoa.” (E30)

“É preciso ter um certo desprendimento das pessoas, dos bens materiais, e assim se livrar desse sentimento que consome a pessoa e destrói relações de trabalho, amizade e principalmente amorosas.” (E35)

“Apesar do estereótipo, o que segue é comum a todos os ciumentos: depressão, ressentimento, vingança, despeito.” (H26)

Cenas de ciúmes ao vivo, ao telefone celular ou à Internet, sentimentos possessivos e obsessivos que culminam em assassinatos, escândalos até nas páginas de jornais e revistas.” (H33)

“Podemos definir o ciúme como uma insegurança que possuímos, um medo de perda e da ausência de algo que para nós tornou-se indispensável...” (E29)

### B. Conceituação positiva:

“O ciúme em termos evolutivos teria função primordial na perpetuação gênica de um indivíduo. O homem ao sentir ciúme de sua mulher dedicaria mais tempo e proteção à sua companheira não permitindo que outros homens a fecundassem, a mulher por sua vez sentindo ciúme, e agindo como tal, teria mais chances de ser atendida pelo homem e ter sua proteção garantida e principalmente de sua cria.” (E28)

“O ciúme é parte de todo ser que ama e do próprio amor, amor sem ciúme não é amor. Ele é fundamental na valorização do próximo amado e na revitalização do amor...” (E28)

### **Comentário geral:**

Após essa breve verificação das incidências de conceitos positivos, negativos e mistos que permeiam a noção de ciúme, pudemos perceber que os conceitos (as noções em si) se repetem, com isso, o que tentaremos fazer no próximo capítulo é mostrar como estas noções vão tecendo os textos escritos, ora com bons resultados (textos de alto desempenho), ora com maus resultados (textos de baixo desempenho)

Parece-nos que a grande questão que está por trás deste trabalho são as marcas léxico-gramaticais que demonstram as aproximações e distanciamentos dos sujeitos enunciadorees em relação às noções ora negativas, ora positivas que eles atribuem ao termo ciúme.

Dada a grande quantidade de textos que compõem o nosso corpus, provavelmente nos restringiremos a uma análise mais profunda de alguns poucos e a partir deles tentaremos demonstrar como as noções constroem os textos argumentativos.

## Uma análise da produção textual sob a ótica nocional

O texto é comumente tido enquanto uma elaboração de uma série de frases e que tem uma intenção comunicativa prévia e que a linguagem é o que permite a expressão do pensamento. Para Culioli (1973), o texto funciona não como transmissão de um conceito de um falante para seu interlocutor, mas como uma seqüência de representações que resultam de um conjunto de operações realizadas por um sujeito enunciador que, numa situação de enunciação (que inclui os interlocutores e um momento), busca constituir um sentido, e ela (a enunciação) enquanto um conjunto de co-localizações de enunciados exhibe a ação simultânea de dois sujeitos, um primitivo e outro designado pelo discurso, cujo objetivo é o de transmitir sentidos.

Os conceitos, ou as noções são frutos das vivências dos sujeitos enunciadores e o texto por sua vez oferece uma visão referencial, contextual e situacional, colocando em cena estes valores extralingüísticos.

Das várias preocupações do professor de língua portuguesa em relação ao ensino da produção textual, merece destaque a ausência de conteúdo programático, isto é, a falta de sistematização dos conhecimentos e a deficiência dele na utilização dessa atividade. Os livros didáticos sempre concernem em relação à finalidade, à formação moral, ao senso crítico, ao ensino da gramática, à criatividade; mas não chamam a atenção dos alunos para os processos a serem percorridos rumo à construção das significações. O que há na verdade é pouca margem para a reflexão e excesso de aplicação de pré-estruturas textuais que garantem o “sucesso” da boa escrita.

De acordo com os preceitos mais clássicos da lingüística textual<sup>29</sup> o texto de qualidade é concebido como aquele cuja leitura se torna fluente e de fácil compreensão por organizar-se de forma coesa e coerente e apresentar-se com uma linguagem adequada ao tema que, nele, está sendo desenvolvido. Forma e conteúdo ou, como

---

<sup>29</sup> Alguns desses preceitos podem ser encontrados, principalmente, nos trabalhos de Kock (1996), Kock & Travalia (1996), Charolles (1978) entre outros, os quais apontam os elementos textuais imprescindíveis para a organização do texto.

comumente se prefere, significante e significado devem fundir-se num todo harmonioso. Assim, a esse todo caberá apresentar suas partes devidamente ordenadas e agindo, não de modo isolado, cada uma por si, mas, de forma integrada, em função da nova unidade constituída.

Com efeito, um texto será bem “articulado” enquanto for redigido de forma que contenha as qualidades imprescindíveis da coesão, coerência, adequação da linguagem e, por extensão, da clareza e aceitável correção. Em outras palavras, o texto apropriado teria razoável qualidade, ou seja, características de legibilidade e de entendimento decorrentes de uma estrutura coesa e coerente e que apresente uma linguagem adequada ao tema em si.

Do lado contrário, um dito texto ruim é aquele que se ausenta da tradição, isto é, de práticas que levem à produção de textos e de condições necessárias de conhecimento e de incentivo para a confecção do mesmo. Dito de outra forma, seria um texto que se apresenta de forma ilegível, incompreensível e ilógica, pela falta de coesão, coerência e de uma linguagem não adequada ao tema e à situação propostos. Tratar-se-ia de um compilado de palavras que não se sustenta como estrutura lingüística capaz de transmitir informação.

Levando a discussão um pouco mais para os textos de vestibular, os quais constituem o corpus que dá bases de análise para esta pesquisa, Cipro Neto (2000), em sua coluna jornalística *Inculto & Bela*, é categórico ao afirmar: “Nas provas de português dos bons vestibulares, é cada vez mais comum que se exija do candidato a percepção da lógica e da coerência (con) textuais.”

Analisando os manuais de ensino encontramos um senso quase que unânime quanto à solução do problema: estabelecer práticas pedagógicas que levem o estudante a redigir um texto que, teoricamente, apresente uma evolução qualitativa quanto à estruturação que inicialmente apresentava, ou seja, um texto mais coeso e mais coerente e, portanto, um bom texto.

A crítica a ser feita é a de que o texto escolar é fomentado por um discurso preestabelecido que as instituições de ensino repassam como modelo pronto, para que, assim, se tente cumprir uma tarefa quase que mecânica: a de “resolver o problema da redação”. Nesse caso, pelo fato de não se dominar as tais técnicas de produção textual



e de não se possuir as informações necessárias (bagagem cultural), pela falta de leitura e de estudo sobre o tema que irá focar, o texto constantemente acaba por parecer irreal e descontextualizado.

O que queremos mostrar nesta etapa do nosso estudo é que aparte deste infundável círculo vicioso que se cria ao redor da produção do texto e conseqüentemente do ensino do mesmo, é que além de considerarmos que texto de bom desempenho é aquele ancorado em boa leitura e em domínios básicos de estruturação textual, considerarmos, também, o sujeito (e seus percursos enunciativos rumo à representação de suas percepções físico-psicológicas – as noções) enquanto a própria fonte para o seu estudo.

Em nenhum momento queremos negar que leitura e escrita se complementam numa relação interdependente, pois nós, estudiosos incansáveis das línguas naturais, sabemos melhor do que ninguém que escrever é uma atividade que requer prática constante e aprender, e sobretudo, o aprimoramento da língua também requer o uso de manuais, gramáticas e dicionários.

Como já pré-anunciamos um pouco acima, nosso mérito (se houver) será o de inserir o sujeito na discussão estabelecida pela lingüística textual, pois para a TOPE, a reflexão que o sujeito enunciador pode fazer sobre seu próprio texto encerra o mais alto grau da riqueza da linguagem, uma vez que está teoria tenta teorizar exatamente a reflexão sobre a linguagem.

Assim, o trabalho (esforço metalingüístico) do aluno no sentido de reconhecer e interpretar seu próprio texto torna-se importante ao habilitá-lo para a produção (fala e escuta, redação e leitura) de textos orais e escritos.

No ensino, o ato da observação deve ser o primeiro caminho para fazer com que o aprendiz de línguas mergulhe no complexo universo da linguagem por acreditarmos que é através dos observáveis que se chega à teorização e à conscientização daquilo que está sendo abordado.

Aqui, o termo coerência assume um sentido um pouco diferente daquele da lingüística textual clássica, pois de acordo com Le Goffic (1981), por exemplo, diríamos que a coincidência exata entre o sujeito que produz e o sujeito que recebe o enunciado é impossível, haja vista que a significação de um enunciado não é palpável e tão pouco

mensurável. Assim, coesão e coerência são dois domínios muito relativos dentro da TOPE, pois as perguntas que comumente cabem aqui são: Para quem se escreve? Para o outro ou para si próprio?

Como fazer então para resolver o ensino do texto?

Uma maneira interessante é lançarmos mão de paráfrases<sup>30</sup> e glosas<sup>31</sup> para trabalhar o texto, ou segundo Onofre (1994):

O objetivo é chamar a atenção do aluno sobre as sutilezas lingüísticas que cada situação enunciativa exige, levando-o a perceber tanto a identidade semântica quanto a diferença semântica que podem ser estabelecidas a partir de uma cadeia parafrástica. (p.159)

Portanto, aprender língua (e conseqüentemente todas habilidades que constituem tal processo, entre elas, a escrita e a leitura) é também mergulhar nela para se chegar à linguagem e procurar as propriedades e os processos generalizáveis. E é o empírico que vai nos levar a isto, ao contexto e à situação, pois:

A atividade de produção e de reconhecimento de enunciados se faz sempre entre os sujeitos colocados nas situações às vezes empíricas e ao mesmo tempo ligadas às representações imaginárias do estatuto de alguns sujeitos para remeter ao outro, para remeter a uma sociedade, para remeter ao texto, para remeter aquilo que se poderia chamar de “um discurso intertextual”, esta espécie de discurso ambiente com os valores que estão ligados às palavras. (CULIOLI, 2002, p.92)

A temática do texto e as questões dedicadas ao conhecimento gramatical não assumem importância tão grande quanto o questionamento proposto sobre ele. Assim, questões ligadas à capacidade de ler, escrever e refletir sobre a linguagem, assumem uma urgência ímpar no tratado do ensino e da produção textual. Em poucas palavras,

---

<sup>30</sup> A paráfrase é uma atividade lingüística dos sujeitos, isto é, um trabalho de interpretação e de reformulação de enunciados.

<sup>31</sup> Glosas são enunciados produzidos pelo sujeito enunciatador com o intuito de explicitar para o sujeito co-enunciatador o sentido de um enunciado anterior.

acreditamos que a reflexão da construção da significação e do sentido proliferam textos melhores do que aqueles que se atêm, prioritariamente, a questões estruturais, como já mencionamos anteriormente, a adequação gramatical por exemplo.

A criatividade textual mais é uma capacidade de perceber o universo externo do indivíduo do que a construção de enunciados inusitados e inéditos. Dessa forma, as representações das noções só são possíveis graças a uma representação interior de memórias associativas, de pensamentos e linguagens simbólicas. A experiência sociopsicológica é a grande fomentadora da criatividade lingüística. O trabalho com o texto (montagem, desmontagem, reestruturação, etc), tanto culmina no desenvolvimento da interpretação como na compreensão da funcionalidade do mesmo, pois este processo ativa a linguagem e traz à tona todo seu caráter infinito.

Escrever é organizar noções e experiências de mundo e, desta forma, o texto não é somente um composto interpretativo, mas sim um elemento de representação, regulação e referenciação do sujeito que o produz.

Com efeito, o estudo do texto focado na reflexão sobre o mesmo (processos constitutivos, percursos enunciativos, atividade parafrástica, etc) estabelece a ponte entre a criatividade e o extralingüístico de um lado e a norma lingüística do outro, sendo que tal ponte estimula a utilização de mecanismos lingüísticos, os quais atribuem maior fluência na produção textual.

Portanto, ao professor caberá incentivar o aluno a trabalhar a reconstrução do texto por meio da reorganização de períodos e enunciados com base em recursos como o apagamento, o deslocamento, a negação, a interrogação e a inserção de outros elementos lingüístico-textuais. Já as questões de gramática, ao nosso ver, devem ser elaboradas a partir do texto, pois assim, ele, o aluno, estará trabalhando a partir de conceitos lingüísticos sociais e, desta forma, mais motivado para tal tarefa. Isso sem contar que é o texto é o grande fomentador das manifestações tanto de recursos gramaticais e sintáticos quanto estilísticos de uma dada língua.

Uma outra maneira interessante de abordar o estudo do texto em sala de aula é, além de explorar as experiências prévias, fazer associações de tais experiências com as atividades textuais. Daí, remetemo-nos novamente a um conceito que julgamos fundamental nesta pesquisa, o de que o texto é o resultado de um trabalho sensível e

abstrato que passa obrigatoriamente pela transformação de noções de cunho psicológico, sociológico, cultural e até científico em representações lingüísticas.

A linguagem verbal é um sistema de signos produzido por meio de processos de produção cultural e conseqüentemente de práticas que o homem cria, reproduz e transforma. Por isso não podemos enxergar os produtos da linguagem humana como simples efeitos mecanicamente dependentes da infra-estrutura econômica de uma sociedade. Essas são produções específicas com dados inocentes e transparentes sem a roupagem da retórica e da ilusão do novo.

As produções culturais são resultados de múltiplas determinações internas, o que lhe confere como conseqüência o estatuto de autonomia relativa quanto às determinações de base produtiva econômica. As sociedades contemporâneas de exploração e dominação têm colocado o trabalhador intelectual diante de impasses que não podem ser escamoteados sem profundas conseqüências sociais. Para os teóricos da linguagem, enfrentar a reflexão é uma das questões de base das condições reais em que as sociedades de dominação têm colocado às produções sígnicas. Essa reflexão nos leva aos intrincados caminhos da arte ocidental, principalmente no momento, em que há evidências de qualquer criação de linguagem só procede sob o desígnio da ruptura e da transgressão.

À parte das reflexões que poderíamos propor como geradoras de discussões que nos levem a aproximar texto e ensino, arriscaremos uma ligação com a lingüística textual - para a qual, como já dissemos, um texto será bem “articulado” enquanto for redigido de forma que contenha as qualidades imprescindíveis da coesão, coerência, adequação da linguagem e, por extensão, da clareza e aceitável correção - tentando mostrar que sujeito, enunciação e situação enunciativa fazem parte de um tripartite indissociável, principalmente no estudo e no ensino do texto, o qual é pura representação desta relação.

Assim, julgamos que o sucesso da comunicação verbal está também relacionado a questões que concernem às propriedades físico-culturais de cada sujeito e que os recursos lingüístico-textuais citados acima são o pano de fundo da organização destas propriedades, em outros termos, as noções.

Traremos agora algumas reflexões baseadas nos desmembramentos de quatro textos (sendo dois de baixo desempenho e dois de alto desempenho) que compõem o nosso corpus por meio de glosas dos diferentes enunciados que trazem o termo ciúme como o bojo das construções feitas pelos sujeitos enunciadorees. Cada análise é composta por uma análise separada dos enunciados<sup>32</sup> mais relevantes no tocante à construção das noções de ciúme e de um comentário geral de cada texto.

Logo, tendo em mente que o nosso objetivo primordial é delinear a forma como as noções formam os textos escritos, partiremos para o estudo dos textos lembrando que as análises em si fornecem significativos subsídios práticos para o tratado do texto junto àquilo que a lingüística textual já vem fomentando em seu legado. A grande inserção de nossa parte é, sem dúvidas, a tomada do próprio sujeito e as representações lingüísticas de suas percepções (sobretudo culturais) como o ponto de partida de todo o processo enunciativo que será descrito nas próximas páginas.

### **Texto 01(baixo desempenho):**

B 01

*O ciúme em nossas vidas comessa (sic) bem cedo, na disputa entre irmãos. Nessa fase ele não passa de ser um sentimento de quem ama o seu próximo.*

*Se passa alguns anos, na fase dos 15 anos comessa (sic) a despertar dentro das pessoas um sentimento mais forte uma pelas outras que é chamado de amor. A partir pequenas mostras de ciúmes vão se aparecendo pelas pessoas. Um amigo mais próximo, do jenro (sic) e assim por diante. Essa pequena dosagem de ciúme numa relação pode aumentar muito de forma que possa ocorre (sic) brigas ou mais concências (sic) prejudicando o casal. O ciúmes pode se tornar doentil (sic) de forma que um dos parceiros do casal possa não deixar o outro sair e assim por diante.*

<sup>32</sup> As análises partirão dos enunciados meramente reestruturados quanto à correção ortográfica. Manteremos, contudo, coesão e coerência e estruturas originais dos mesmos.

*Numa relação amorosa ciúmes é bom, mas nada em exagero que pode acarretar mais problemas, como a angustia (sic) a raiva. Se você tiver ciúmes exageradamente, procure um médico, você está doente.*

***“O ciúme em nossas vidas começa bem cedo, na disputa entre irmãos. Nessa fase ele não passa de um sentimento de quem ama o seu próximo.”***

Neste enunciado, observamos que a noção de ciúme que o enunciador tenta registrar é um tanto clara <ciúme – ser – sentimento>. No entanto, por meio de glosas do mesmo, tentaremos demonstrar como o enunciado pode ser trabalhado envolvendo a questão da noção e da organização dos domínios nocionais.

É também importante salientar que a expressão aspectual “*não passa*” é um recurso léxico-gramatical utilizado pelo sujeito para aproximar ciúme de sentimento, é como se ele estivesse destacando que ciúme só pode ser sentimento, nada mais além disso, eliminando, assim, associações do tipo <ciúme – ser- doença> , <ciúme – ser – posse>.

Façamos alguns trabalhos com este enunciado para, assim, tentarmos chegar mais próximos ao tipo de ciúme que o sujeito enunciador tenta expressar:

*“O ciúme em nossas vidas começa bem cedo, na disputa entre irmãos. Nessa fase é um sentimento de quem ama o seu próximo.”*

A partir daqui, podemos constatar que a noção de ciúme é um conceito flutuante para este sujeito, pois, de acordo com ele, é na fase da infância que ele (o ciúme) se associa ao amor. Se dermos um complemento ao enunciado, esta noção fica ainda mais clara:

*“O ciúme em nossas vidas começa bem cedo, na disputa entre irmãos. Nessa fase ele não passa de um sentimento de quem ama o seu próximo. Passam-se alguns*

*anos e começa a despertar dentro das pessoas um sentimento mais forte umas pelas outras, que é chamado de amor”.*

Considerando a importância da negação nos estudos referentes à noção, utilizaremos deste recurso para mais uma vez demonstrarmos a busca pela noção de ciúme no enunciado em questão:

*“O ciúme em nossas vidas começa bem cedo, na disputa entre irmãos. Nessa fase ele não é um sentimento de quem ama o seu próximo”.*

Percebemos, que mesmo com o recurso da negação, a relação entre ciúme e sentimento é mantida, no caso: <ciúme – não ser- sentimento>.

A busca do tipo (a noção em si) faz emergir palavras, bem como expressões discursivas que arranjam o pensamento e a comunicação humana, pois como o próprio Culioli ressalta, as próprias palavras e os textos que nos levam às noções. Com isto em mente, faremos a seguir algumas outras glosas envolvendo seus domínios.

A construção de diferentes ocorrências da predicação <ciúme – ser - x> nos mostra que a noção de ciúme é organizada ao redor do termo sentimento:

*Ciúme não passa de um sentimento.*

*Ciúme não é mais que um sentimento.*

Daí, concluímos que o centro atrator de ciúme é, de fato, sentimento.

As relações de identificação e diferenciação também ajudam a comprovar isto. Tomando primeiramente a questão da identificação, podemos lançar uma pergunta do tipo: *Na disputa entre irmãos, o que é o ciúme?* Obteremos qualquer resposta do tipo: *é um sentimento de posse, é um sentimento de inveja, é um sentimento comum, etc.*

Já na relação de diferenciação, poderíamos ter algo semelhante a: *Ciúme é um sentimento de quem ama o seu próximo ou um mero sentimento de posse?*

Ressaltemos que novamente o termo sentimento aparece latente neste tipo de construção.

Buscando as possíveis ocorrências identificáveis com o centro atrator de ciúme levando em contas os conceitos de Interior, Exterior, Fronteira, e Gradiente teríamos:

Interior: *Ciúme é um sentimento de quem ama seu próximo.* (onde ciúme é exatamente um sentimento relacionado ao amor)

Exterior: *Ciúme é um sentimento de quem odeia.* (onde ciúme é exatamente um sentimento que não está relacionado ao amor)

Fronteira: *Ciúme é um sentimento.* (onde ciúme é apenas um sentimento)

Gradiente: *Ciúme é um grande sentimento.* (onde ciúme é um sentimento de grau elevado)

***“Essa pequena dosagem de ciúme numa relação pode aumentar muito de forma que podem ocorrer brigas ou mais conseqüências prejudicando o casal.”***

De início, o que é interessante observar aqui é a relação que o enunciador instaura entre o adjetivo pequena e o verbo aumentar, na qual o adjetivo, no caso um gradiente que a priori seria um atenuante do termo ciúme como num enunciado do tipo: *“pequenas doses de ciúme não prejudicam o casal”*, neste caso é envolto numa relação do tipo *“pequena dosagem que pode aumentar”*

É pertinente notar também a significação que o verbo poder (empregado duas vezes) assume no enunciado, o qual é uma marca de modalidade que exprime uma hipótese, a partir da qual o enunciador não assume diretamente seu ponto de vista e que por conseqüência traz também características de uma modalidade epistêmica no sentido de que o verbo poder instaura uma incerteza diante do valor que o enunciador pretende dar à relação entre os termos *ciúme* e *aumentar*.

Glosando este enunciado, teríamos:

*“Essa pequena dosagem de ciúme numa relação pode aumentar muito de forma que podem ocorrer brigas ou mais conseqüências prejudicando o casal”*

*“Mesmo que a dose de ciúme numa relação seja pequena, ela pode ser aumentada fazendo com que ocorram brigas ou mais conseqüências que prejudicam o casal”*



Esta glosa deixa mais claro que a intenção do uso do verbo *poder* é de não dar como certo e verdadeiro o aumento da dose de ciúme. Temos então uma possibilidade lançada pelo sujeito, cuja concretização não é assumida por ele. Fazemos mais um exercício com o referido enunciado, mas desta vez, tentemos eliminar os valores que são marcados pela modalidade:

*“Essa pequena dosagem de ciúme numa relação aumenta muito de forma que ocorrem brigas ou mais conseqüências prejudicando o casal”*

Aqui temos um ato enunciativo que assume que a pequena dosagem de ciúme aumenta e traz danos à relação de um casal. Fica assim demonstrado que o verbo poder distancia o enunciador da assunção de que a noção de ciúme passa de um estágio (pequena dose) a outro (dose aumentada).

***“O ciúme pode se tornar doentio de forma que um dos parceiros do casal possa não deixar o outro sair e assim por diante.”***

Novamente temos um outro enunciado marcado pela questão da modalidade, a qual também traz um distanciamento do sujeito em relação ao que ele enuncia marcada pelo verbo poder. Fazemos uma glosa para demonstrar mais claramente isso:

*“É possível que o ciúme se torne doentio de forma que um dos parceiros do casal não deixe o outro sair e assim por diante.”*

O que também nos parece interessante neste enunciado são as possibilidades de preenchimento que a expressão *assim por diante* pode remeter, pois como pudemos observar no capítulo 3 deste trabalho, a noção de ciúme vai desde uma aproximação com uma doença, com uma relação de posse, uma atitude egoísta, até uma das demonstrações mais sublimes do amor. Fazemos alguns preenchimentos:

*“O ciúme pode se tornar doentio de forma que um dos parceiros do casal possa não deixar o outro sair e criar brigas.”*

*“O ciúme pode se tornar doentio de forma que um dos parceiros do casal possa não deixar o outro sair e ocasionar a separação.”*

*“O ciúme pode se tornar doentio de forma que um dos parceiros do casal possa não deixar o outro sair e, pior, agir violentamente.”*

### **Comentário geral:**

O que fica explícito neste texto são as marcas lingüísticas enquanto geradoras das diferentes ocorrências das noções de ciúme.

No primeiro parágrafo, a marca não passar de, por exemplo ativa um conjunto, embora finito, amplo de possibilidades de noções de ciúme, noções essas que são correlacionadas aos sentimentos humanos (ciúme não passa de amor, ciúme não passa de posse, ciúme não passa de zelo, etc) e que não podem ser mais que isso, impossibilitando, assim, que ciúme seja algo animado por exemplo.

No segundo parágrafo, o verbo poder assume um papel fundamental nas demonstrações das noções neste texto, haja vista as constantes tentativas do sujeito enunciador de se manter dentro do senso comum em relação àquilo que ele enuncia. Desta forma, o verbo poder acaba por instaurar um discurso não assumido, o qual vem a confirmar o ponto de vista do sujeito sem que ele se comprometa com a verdade daquilo que ele está relatando.

Contudo, além de tal verbo fazer com que as noções construídas fiquem num campo hipotético e assim se distanciem de seu centro atrator, onde, por exemplo, ter-se-á <ciúme (pode) – ser – doença> ao invés de <ciúme – ser – doença>; ele também fomenta um leque de possibilidades de complementos nocionais, pois dizer que <ciúme (poder) – ser- doença> deixa aberta a possibilidade de < ciúme (poder) – ser – saudável>. Logo o que fará que uma possibilidade prevaleça sobre a outra (mesmo que provisoriamente) é a construção do texto a partir das diferentes noções.

Já o terceiro e último parágrafo retrata uma linguagem subjetiva em alto grau, principalmente o trecho *“Se você tiver ciúmes exageradamente, procure um médico, você está doente”*, o qual é marcado pela modalidade dita como injuntiva.

**Texto 02 (baixo desempenho):***Pra que ciúmes (H04)*

*Quem de algum modo nunca teve esse sentimento.*

*Ciúmes é um sentimento que toma conta do seu psicológico, a angústia aumenta e a espera se torna cada vez maior. Cada um vivido de modo diferente seja homem ou mulhe (sic), branco ou negro, casado ou não independente do ciúme nem sempre estão com razão.*

*Na vida de hoje o ciúmes é um dos temas mais abordado nas sessões de terapias ou até em baladas, etc.*

*Ciúmes demais não significa confiança e sim insegurança até mesmo uma doença que é capas (sic) de matar ou morre (sic) por amor.*

*Independente de ter ou não ciúme é sempre bom mas um ciúmes sadiu (sic) que não possa sufocar ambas as partes.*

*Ciúmes sim mas com inteligência.*

***“Ciúmes é um sentimento que toma conta do seu psicológico, a angústia aumenta e a espera se torna cada vez maior.”***

A estrutura <ciúme – ser – x> é preenchida neste enunciado pelo termo sentimento, logo temos <ciúme – ser – sentimento>. A noção de ciúme enquanto um sentimento é tão clara que a elipse do termo não altera o sentido geral do enunciado, haja vista que as próprias noções dos termos psicológico e angústia imbricam uma relação com a noção de sentir:

*“Ciúme toma conta do seu psicológico, a angústia aumenta e a espera se torna cada vez maior.”*

O que também nos chama a atenção é a ausência de qualificação da noção de ciúme por parte do sujeito enunciadador. Não há qualquer atribuição qualitativa ao ciúme.

Embora ter o psicológico dominado não seja necessariamente uma conotação negativa, façamos algumas glosas que completem as possíveis intenções desse sujeito:

*“Ciúme é um sentimento ruim que toma conta do seu psicológico, a angústia aumenta e a espera se torna cada vez maior.”* (adição do termo ruim, portanto negativo)

*“Ciúme é um sentimento complexo que toma conta do seu psicológico, a angústia aumenta e a espera se torna cada vez maior.”* (adição do termo complexo, portanto neutro)

Notemos, por fim, que a noção de ciúme é assumida pelo sujeito enunciador como verdadeira, não há distanciamento entre ele e a assunção.

***“Na vida de hoje o ciúmes é um dos temas mais abordado nas sessões de terapias ou até em baladas, etc.”***

A noção de ciúme neste excerto encerra-se de acordo com o esquema <ciúme – ser - tema>, todavia, tal noção não é definida com exatidão pela falta de confluência entre as noções de sessões de terapia e baladas. Façamos glosas para compreendermos o que ocorre aqui:

*“Na vida de hoje o ciúme é um dos temas mais abordados nas sessões de terapias por causar transtornos nas pessoas”.* (eliminação do termo balada, seguido de complementação).

*“Na vida de hoje o ciúme é um dos temas mais abordados nas baladas por causa das paqueras que acontecem.”* (eliminação da expressão sessões de terapia, seguido de complementação)

Fica observado então que o sujeito, embora tenha se utilizado da enumeração dos adjuntos, não tratou do mesmo tipo ao construir suas representações lingüísticas.

***“Ciúmes demais não significa confiança e sim insegurança até mesmo uma doença que é capaz (sic) de matar ou morrer (sic) por amor.”***

A priori, o que nos chama a atenção neste trecho é a possível associação estabelecida entre o ciúme e a confiança, duas noções que tendem não confluir. O que vemos deste enunciado é algo como <ciúme – ser - confiança> mas <ciúme em excesso – não ser confiança>, ou seja é o gradiente que parece mudar a noção de ciúme para este sujeito. É o mesmo que afirmarmos que ciúme só significa confiança enquanto for tão e somente ciúme, e quando esse passa a ser demasiado (excessivo), torna-se insegurança.

A glosa a seguir ilustra melhor o que pretendemos deixar registrado aqui:

*“Ciúmes não significa confiança e sim insegurança...”* (eliminação do gradiente)

Ao eliminarmos o gradiente fica visível que ciúme só pode ser insegurança, logo uma construção do tipo <ciúme – ser – confiança> torna-se inaceitável pelo fato da polissemia do enunciado estar justamente arraigada na marca demais.

Seguindo pelo enunciado, o que se vê é um arranjo léxico-gramatical que atribui à noção de ciúme a capacidade tanto de matar quanto de morrer: <ciúme –ser – doença capaz de matar ou morrer por amor>.

À parte das questões relacionadas à coerência e à coesão, podemos estabelecer duas possíveis leituras deste trecho.

Uma primeira na qual, de fato, ciúme é uma doença capaz de matar e morrer de amor e uma segunda na qual o ciúme é uma doença capaz de matar e fazer alguém morrer por amor. Se nos remetermos às nossas experiências psico-culturais, diríamos que a segunda é mais verossímil que a primeira pelo simples fato do verbo morrer estar associado aquilo que é animado (pessoas, no caso em questão). Eis a glosa que demonstra mais claramente a segunda possibilidade de leitura:

*“Ciúme demais não significa confiança e sim insegurança, até mesmo uma doença que é capaz de matar ou fazer morrer por amor.”* (adição do verbo fazer)

Embora não dê para afirmarmos que o sujeito enunciador tinha esta ou aquela intenção ao construir as noções ao redor do termo ciúme, pensamos valer as possibilidades comunicativas estabelecidas a partir dos arranjos léxico-gramaticais por ele realizados. Mesmo que nos pareça atípica a concepção de ciúme como uma doença que morre por amor, vale-nos mais a construção lingüística que possibilite tal interpretação do que ela própria.

### **Comentário Geral:**

A noção de ciúme, enquanto um sentimento <ciúme – ser – sentimento>, é claramente demonstrada ao longo do texto, tal demonstração é bem visível no fim do primeiro parágrafo e início do segundo.

O primeiro parágrafo, embora traga tal noção amparada pela modalidade interrogativa, a qual demonstra que o sujeito enunciador não se sente capaz de validar por si só a enunciação, traz a marca aspectual de algum modo que prenuncia um texto marcado pela certeza de que, por parte do sujeito, ciúme é inerente ao ser humano. A verificação disto se dá já no segundo parágrafo no qual ele tem a intenção de demonstrar, por meio da exemplificação com pólos (homem / mulher, negro / branco), que ciúme é sentimento dominador *“que toma conta do seu psicológico, a angústia aumenta e a espera se torna cada vez maior”*.

Já no terceiro parágrafo, embora não haja argumentação aparente, a marca temporal na vida de hoje remete a situação enunciativa às percepções psicosociológicas do enunciador, a quais encerram também o alto grau da construção dos domínios nocionais. Trata-se de uma marca que conduz a enunciação a um centro atrator que ativa noções muito peculiares de ciúme se comparadas a outras épocas, por exemplo, pois obviamente a noção de ciúme não se relacionaria a uma balada se se estivesse falando de um outro momento que não o atual (representado pelo termo hoje).

No quinto parágrafo, o que nos chama a atenção é a construção de uma noção positiva de ciúme (*“ciúme é sempre bom mas um ciúmes sadio”*) que não elimina a

possibilidade de que haja uma noção negativa de ciúme que seria aquela que “*sufoca ambas as partes*” Temos aí uma modalidade assertiva por meio da qual o sujeito enunciador valida seu ponto de vista e se coloca na assunção ao estabelecer a verdade em questão, haja vista o uso da marca aspectual sempre (“*ciúme é sempre bom...*”)

E por fim, o último enunciado confirma o mais alto grau da asserção por meio do uso da marca sim, a qual além de ser a própria validação do ponto de vista do sujeito enunciador, também atribui um caráter altamente subjetivo ao texto, funcionando, inclusive, como uma marca gramatical da modalidade injuntiva.

### **Texto 03 (alto desempenho):**

#### *O lado não-romântico do ciúme (H26)*

*Diz-se da geração de agora que é alienada e conservadora e que isso é ainda ressaca do espírito revolucionário das gerações de 60 e 70. Os anos do “amor livre” pretendiam revolucionar os ideais burgueses de romantismo excessivo e castidade, mas é imutável o fato de que, não importa o tempo, há de existir alguém que desperte em cada um de nós o sentimento do amor. Somemos a este sentimento atemporal a insegurança inerente ao ser humano na atualidade e obteremos, em pleno século XXI, o ciúme como crescente tendência das relações amorosas – que tendem a ser cada vez mais efêmeras.*

*Crimes passionais? Associações de pessoas que amam demais? Psicologia do ciúme? A verdade é que não é difícil entender porque a insegurança nos relacionamentos tem tomado proporções tão incontroláveis. Basta que um casal assista à tv ou folheie uma revista junto para que se compreenda que o culto à forma e a banalização têm relações diretas. A busca de parceiros para serem expostos como troféus, ou o receio de que o parceiro esteja a buscar em outra pessoa exatamente isso, constitui uma das causas do ciúme, porém não a única.*

*O ciúme é, muitas vezes, causado mais pelo reflexo de si mesmo que pelas atitudes do companheiro. Um momento de análise pessoal em que se questione o*

quanto seria capaz de manter a fidelidade nas mais variadas situações, pode ser o suficiente para despertar esta voraz sensação. A quem acredita nutrir o maior dos amores, descobrir-se vulnerável às tentações é descobrir que todos o são.

É legítimo considerarmos também que amor e ciúme não dependem um do outro. Da mesma forma que existe o amor equilibrado, existe o ciúme que vem do sentimento de posse e do fato de encarar que um ex-companheiro esteja apaixonado por outro alguém como “a perda de uma disputa”. Aliás, há quem acredite que o ciúme está mais ligado à vaidade que à paixão, o que justifica o ciúme entre amigos, familiares ou no ambiente de trabalho.

Primeiro, a incerteza. Depois, mulheres prometem submissão, enquanto homens destratam seus amores e prometem vingar-se do amante da amada. Apesar do estereótipo, o que se segue é comum a todos os ciumentos: depressão, ressentimento, vingança, despeito. Chico Buarque escreveu “olhos nos olhos” para contar a volta por cima da personagem de “atrás da porta”. Após o desgaste de uma relação movida pelo ciúme, ou o fim é mesmo a separação ou uma “cena de sangue num bar da avenida São João”.

**“Somemos a este sentimento atemporal a insegurança inerente ao ser humano na atualidade e obteremos, em pleno século XXI, o ciúme como crescente tendência das relações amorosas – que tendem a ser cada vez mais efêmeras.”**

A noção de ciúme neste enunciado só é visível enquanto uma articulação entre a noção de amor e a noção de ser humano. O verbo somar é por excelência a marca lingüística que demonstra a construção da noção de ciúme neste excerto, pois de acordo com o sujeito enunciador em questão, a soma de amor e insegurança resulta em ciúme.

A partir do esquema de *lexis* <ciúme - ser – soma de amor e insegurança> faremos algumas glosas para, assim, compreendermos melhor como o texto é construído por intermédio da noção de ciúme:



*“Ciúme não é a soma de amor e insegurança.”* (negação)

*“Ciúme é a soma de ódio e segurança.”* (construção por meio dos antônimos dos termos amor e segurança)

*“Ciúme é a subtração de amor e insegurança”.* (construção por meio do antônimo do termo somar)

***“A busca de parceiros para serem expostos como troféus, ou o receio de que o parceiro esteja a buscar em outra pessoa exatamente isso, constitui uma das causas do ciúme, porém não a única.”***

A expressão exatamente isso, a qual encerra em si uma modalidade tida como assertiva, revela o alto grau da noção de ciúme nesse enunciado, haja vista que tal expressão topicaliza a própria noção. Glosando, teríamos algo do tipo:

*“Ciúme é exatamente isso: buscar parceiros para serem expostos como troféus.”*

Por hora, diríamos que fica provado por meio do emprego da construção exatamente isso no referido trecho que embora os sujeitos (em especial, os que estão sendo analisados nesta pesquisa) tentem sempre argumentar por meio de uma linguagem menos subjetiva possível, suas impressões físico-culturais saltam aos seus textos.

O que também nos chama a atenção neste enunciado é a marca uma das, a qual, além de distanciar as noções de ciúme do centro atrator (do tipo), também distancia o sujeito enunciativo de ter que enunciar com univocidade, por exemplo, dizer que a causa do ciúme é x.

Tal marca, associada ao predicado porém não a única possibilita uma amplidão de causas de ciúme no texto. Vejamos duas possibilidades:

*“A busca de parceiros para serem expostos como troféus, ou o receio de que o parceiro esteja a buscar em outra pessoa exatamente isso, constitui uma das causas do ciúme, porém não a única, uma outra causa pode ser a perda do amor próprio.”*

*“A busca de parceiros para serem expostos como troféus, ou o receio de que o parceiro esteja a buscar em outra pessoa exatamente isso, constitui uma das causas do ciúme, porém não a única, há ainda a questão do desequilíbrio emocional como uma das causas.”*

Fica assim demonstrado que o sujeito enunciador, ao utilizar esse tipo de predicação, mantém-se incólume quanto ao que ele asserta, pois dizer que x constitui uma das causas de y, porém não a única, é o mesmo que dizer que x constitui uma das causas de y, assim como y', y'', etc.

***“O ciúme é, muitas vezes, causado mais pelo reflexo de si mesmo que pelas atitudes do companheiro.”***

Neste trecho temos um esquema de *lexis* mais ou menos como <ciúme – ser – reflexo de si>. Notamos, contudo, que a assunção da noção de ciúme é apenas parcial, haja vista o emprego da marca muitas vezes, a qual, distancia o sujeito enunciador do compromisso de assumir toda idéia gerada a partir desse esquema. Por fim, façamos duas glosas para registramos como esta marca infere a noção de ciúme:

*“O ciúme é, muitas vezes, causado mais pelas atitudes do companheiro que pelo reflexo de si mesmo.”* (alternância)

*“O ciúme é, muitas vezes, causado mais pelo reflexo de si mesmo que pelas atitudes do companheiro, e outras é causado por nenhum.”* (negação)

***“É legítimo considerarmos também que amor e ciúme não dependem um do outro. Da mesma forma que existe o amor equilibrado, existe o ciúme que vem do sentimento de posse.”***

A construção é legítimo, a qual é uma marca aspectual, remete a validação do enunciado ao senso comum, pois o sujeito, por meio dessa marca, garante a valia de

sua afirmação sem se comprometer com a asserção. Trata-se de um recurso que faz com que aquilo que está sendo dito, se distancie de marcas subjetivas de um único sujeito enunciador e se aproxime de uma asserção mais coletivizada, a qual também é garantida pelo uso da primeira pessoa do plural.

Ao glosarmos este enunciado, temos maiores condições de deixar registrada a função desse recurso léxico gramatical no mesmo:

*“É possível considerarmos também que amor e ciúme não dependem um do outro...”*

A troca do termo legítimo pelo termo possível ameniza esta aproximação do que está sendo dito com as concepções sócio-culturais do sujeito enunciador, pois a própria noção do termo legítimo já imbrica um arranjo de condições que levam aquilo que está sendo legitimado a assumir um caráter verídico, incontestável; diferentemente do termo possível que imbrica sempre uma incerteza, algo perene.

Seguindo mais um pouco neste mesmo enunciado, o verbo existir (nos dois empregos) abre precedentes para diferentes noções de ciúme, pois a existência de uma noção X, não implica a não existência de uma noção Y, ou Z. Glosando:

*“Da mesma forma que existe o amor doentio, existe o ciúme que vem do sentimento de posse.”*

*“Da mesma forma que existe o amor equilibrado, existe o ciúme que vem de um sentimento de bem-querer.”*

*“Da mesma forma que existe o amor doentio, existe o ciúme que vem de um sentimento de bem-querer.”*

Notemos, contudo, que a assunção de uma noção de amor (seja ela enquanto um equilíbrio, seja ela uma doença) e de uma noção de ciúme (seja ela de posse, seja ela de bem querer), não anula enunciações em que uma seja substituída pela outra ou até mesmo numa asserção na qual elas sejam usadas concomitantemente. Vejamos o resultado desta constatação:

*“Da mesma forma que existem amores equilibrados e doentios, existem ciúmes que vêm do sentimento de posse e do bem-querer.”*

***“Aliás, há quem acredite que o ciúme está muito mais ligado à vaidade que à paixão, o que justifica o ciúme entre amigos, familiares ou no ambiente de trabalho.”***

Este enunciado tende a registrar um dos mais altos graus de distanciamento do sujeito em relação à sua enunciação. Aqui, o verbo haver além de possibilitar a impessoalidade da construção da noção de ciúme <ciúme – ser – algo ligado à vaidade>, também atribui um certo caráter hipotético ao enunciado. Na verdade, a construção há quem acredite é uma marca típica de uma escrita de terceira pessoa, a qual é um fator de bom desempenho em textos dissertativos.

Tal construção se opõe a uma construção do tipo: *“Aliás, há pessoas que acreditam que o ciúme...”*, a qual traz uma maior aproximação entre asserção e enunciador.

Contudo, o termo aliás pode ser visto como uma marca aspectual que insere a crença, por parte do sujeito enunciador, de que realmente há quem acredite que a noção de ciúme está associada, de alguma forma, à noção de vaidade, ficando evidenciado que os atos enunciativos são providos de uma certa subjetividade mesmo quando a intenção clara do sujeito é a de manter-se o mais imparcial possível.

### **Comentário Geral:**

Logo no primeiro parágrafo observamos uma tentativa por parte do sujeito enunciado de construir um texto altamente objetivo e distante de marcas pessoais, haja vista a indeterminação do sujeito do verbo dizer, o qual abre um parágrafo marcado pela construção da noção da geração atual presa ao senso comum social <geração atual – ser – alienada e conservadora>. Já a expressão mas é imutável o fato de que

preconiza a construção de uma noção de amor com um caráter mais subjetivo, haja vista o emprego do pronome nós, o qual marca a inserção dele mesmo no processo descrito < x – ser - alguém passível de amar>.

A primeira noção de ciúme (ainda no primeiro parágrafo) é um construto resultante da soma entre amor e insegurança, ambos concebidos enquanto sentimentos humanos.

O segundo parágrafo é iniciado por algumas indagações, as quais também não deixam de contribuir para a construção de um texto no qual o sujeito não deva trazer juízos de valores pessoais, pois lançar uma pergunta como Crimes passionais? não implica na obrigatoriedade de uma resposta afirmativa ou negativa por parte do sujeito. Trata-se de uma forma de desvencilhar de si a responsabilidade de construir noções a respeito de ciúme, mesmo tendo baseado tais perguntas em suas próprias percepções sociopsicológicas.

Ainda no mesmo parágrafo, apesar de não ficar claro qual o referente do termo isso da expressão exatamente isso, temos que o enunciador assume seu ponto de vista ao descrever uma possível causa para ciúme mas que ao mesmo tempo se distancia da assunção total ao lançar a construção porém não a única. É portanto uma expressão que valida e ativa outras possíveis ocorrências de noções de ciúme.

Como já descrevemos anteriormente, no quarto parágrafo a marca aspectual muitas vezes distancia enunciador e enunciação no que se refere à verdade absoluta. Trata-se de uma marca que gradua a asserção. Não qualitativamente, mas quantitativamente. Seria uma marca semelhante a “quase sempre”, “freqüentemente”, marcas essas que também descomprometem os enunciados nos quais são empregadas.

No último parágrafo temos a enumeração de algumas noções de ciúme que evidenciam uma das nossas hipóteses de pesquisa, que a de que os sujeitos enunciadores, mesmo ao produzirem bons textos (levando em consideração os critérios aqui adotados, os quais dividem as redações em baixo e alto desempenho) remetem-se aos conceitos arraigados em suas culturas: “*o que se segue é comum a todos os ciumentos: depressão, ressentimento, vingança, despeito*”. Logo, notamos que esta

noção de ciúme está intimamente associada a tais concepções, tanto que é afirma-se ser um fato comum a todos.

**Texto 04 (alto desempenho):**

*A brisa, a borboleta e o lobo (B33)*

*O ciúme é insegurança, algo inerente a qualquer Amor, um instante, um hiato entre a intensidade do sentimento e o desejo de que “seja, infinito, enquanto dure” É a dúvida! Dúvida de que aquilo, tão belo, possa ser irreal. Mentira, ilusão, equívoco.*

*Por vezes, passa silenciosa e imperceptível, como a brisa. Porque o sentimento não é tão intenso, ou não há, mesmo, qualquer desejo de “infinito”... coisas não raras num mundo de paixões descartáveis, amores enlatados, em vários sabores, nas melhores casas do ramo. Não raro num mundo onde o Amor engorda, não fortalece.*

*Por vezes, a dúvida passa, também silenciosa, mas com alguma graça, qual fugaz borboleta, porque há Amor intenso e “infinito...” mas que foi construído sobre firmes bases de confiança, respeito e liberdade, o que não abre espaço para grandes dúvidas, o que faz com que as pequenas dúvidas tornem-se mais um charme no relacionamento.*

*Mas algumas vezes, poderia mesmo dizer muitas, a dúvida surge voraz, como um lobo, terrível e sedenta. Quando o desejo é maior que o sentimento, quando o Amor confunde-se com posse, ganância. O amador, longe de transformar-se em coisa amada, transforma-se em chicote egrilhão.*

*E tão maior e mais voraz a dúvida, o ciúme, quanto menor a segurança, o respeito, a auto estima que tem o “amador” por si, quanto menor o Amor à Liberdade, própria e alheia. Para este é ainda mais terrível a tortura do “se...”, a cruel mordida da perspectiva, do lobo que ronda, do rosnar que aterroriza.*

*Neste momento, quando as trevas cegam e os uivos ensurdecem, o ciúme, de sentimento, ressentimento, paixão má, fúria, torna-se garra, presa, crime... povoando os jornais de manchetes e os corações de dor e morte.*

***“O ciúme é insegurança, algo inerente a qualquer Amor, um instante, um hiato entre a intensidade do sentimento e o desejo de que “seja, infinito, enquanto dure” É a dúvida! Dúvida de que aquilo, tão belo, possa ser irreal. Mentira, ilusão, equívoco.”***

Estamos lidando com um texto altamente marcado por ocorrências de noções de ciúme, haja vista este enunciado que traz bem delimitadamente pelo menos cinco noções diferentes. São elas: <ciúme – ser - insegurança>, <ciúme – ser – algo inerente (ao amor)>, <ciúme – ser – instante>, <ciúme – ser – hiato>, <ciúme – ser - dúvida>.

A marca aspectual qualquer, por trazer em si a idéia da existência de “mais que um”, abre um leque de tipos de amor (amor fraterno, amor carnal, amor platônico, etc). Façamos algumas glosas:

*“O ciúme é insegurança, algo inerente a todo Amor”* (substituição por todo.)

Tal glosa mostra que o arranjo léxico-gramatical proveniente do uso de advérbios indefinidos (sejam eles qualquer, todo, nenhum, etc) ativa os diferentes tipos do termo modificado por tal advérbio:

*“O ciúme é insegurança, algo inerente a qualquer Amor, tanto o carnal quanto o platônico”* (ilustração de dois tipos de amor)

Assim, temos verificado por meio desta análise que a noção de amor, para este sujeito enunciativo, é caracterizada pela existência de diferentes tipos, e mesmo que eles não tenham sido explicitados no enunciado, a marca qualquer mostra um percurso enunciativo que passa, necessariamente, por percepções físico-culturais, isto é, noções.

Apesar de haver várias noções de ciúme, como já chamamos a atenção anteriormente, o texto é construído a partir de analogias e metáforas construídas a partir da noção <ciúme – ser – dúvida>, a qual chamaremos de *p*

No segundo parágrafo temos a concepção de ciúme resumida de acordo com um esquema derivado de *p*, o qual chamaremos de *d* (derivado). Assim, a partir da noção *p* <ciúme – ser – dúvida> estabelecida no primeiro parágrafo obtem-se *d* <dúvida – ser –

brisa>. A partir daí, todas as noções construídas são meras associações com a noção de brisa, por exemplo: <brisa – ser – silenciosa e imperceptível>.

No terceiro temos a concepção de ciúme é resumida no esquema *d* <dúvida – ser – borboleta >. A partir daí, todas as noções construídas são meras associações com a noção do que é uma borboleta, por exemplo: <dúvida borboleta – ser – silenciosa e graciosa>.

Já no quarto parágrafo temos a concepção de ciúme resumida no esquema *d* <dúvida – ser – lobo> A partir daí, todas as noções construídas são meras associações com a noção de lobo, por exemplo: <lobo – ser – voraz, terrível e sedenta>

Tal texto encerra o mais alto nível de demonstração de como as noções são construídas, aliás, ele também prova que de fato noções não são dadas e sim construtos oriundos de percepções físicas e psicológicas ancoradas na cultura dos sujeitos enunciadorees.

Associar ciúme à dúvida e por conseguinte dúvida ora à brisa, ora à borboleta, ora a lobo, é tarefa resultante da busca de um centro atrator que concentre noções pertencentes tanto a x (dúvida), quanto a y (brisa, borboleta e lobo). A visão de mundo - o ponto de vista - é a essência de todo jogo metafórico realizado ao longo de todo o texto.

### **Comentário Geral:**

O texto que aqui analisamos é quase todo construído por meio de noções de ciúme que se aproximam da dúvida, ou como já ilustramos anteriormente <ciúme – ser – dúvida>, algo que fica principalmente demonstrado no seguinte trecho: *“É a dúvida! Dúvida de que aquilo, tão belo, possa ser irreal. Mentira, ilusão, equívoco.”*

Com efeito, trata-se de um texto um tanto metafórico, haja vista o segundo, o terceiro e o quarto parágrafos que apresentam construções que associam à dúvida (o ciúme, portanto) noções de brisa, borboleta e lobo.



As marcas por vezes (segundo e terceiro parágrafos) e mas algumas vezes (quarto parágrafo) dão provas de que o enunciador vê a noção de ciúme de três formas diferentes:

Uma mais silenciosa (a brisa), a qual remete à noção de um ciúme oriundo de um amor não tão forte: *“Porque o sentimento não é tão intenso, ou não há, mesmo, qualquer desejo de “infinito...”* Assim poderíamos arriscar um esquema representacional do tipo <brisa – ser – menos amor>.

Uma intermediária (a borboleta), a qual remete à noção de um ciúme originário de um amor prototípico: *“porque há Amor intenso e “infinito...” mas que foi construído sobre firmes bases de confiança, respeito e liberdade”*. Para tal noção poderíamos arriscar um esquema mais ou menos como: <borboleta – ser - amor>.

E, por fim, uma que ultrapassa o próprio “tipo” de amor e se aproxima da noção de posse: *“...a dúvida surge voraz, como um lobo, terrível e sedenta. Quando o desejo é maior que o sentimento, quando o Amor confunde-se com posse, ganância”*. Daí uma possível representação como <lobo – ser – não amor>

### **Uma conclusão:**

Seria irreal afirmarmos ser coincidência o fato dos dois primeiros textos serem ao mesmo tempo de baixo desempenho e versados por meio de uma ortografia desviada da normal padrão da língua portuguesa. Também não nos parece ser coincidência serem os textos de alto desempenho aqueles dois que, apesar de também não se distanciarem dos acordos sociais quanto à noção de ciúme, são versados por meio de enunciados bem formulados que nada mais são do que o resultado da organização dos domínios nocionais. Assim, é mister dizer que um enunciado como *“Apesar do estereótipo, o que se segue é comum a todos os ciumentos: depressão, ressentimento, vingança, despeito.”* (Texto 03, alto desempenho, H26) apresenta, ao nosso ver, pelo menos duas características positivas:

A primeira é a consciência, e não obstante a isto, a assunção do sujeito enunciator de estar recorrendo às suas concepções sócio-culturais (as quais são, sobretudo, evidenciadas por meio do emprego do termo estereótipo).

A segunda, a qual não deixa de ser uma conseqüência da primeira pelo fato da reflexão que o sujeito enunciator se permite durante o seu percurso enunciativo, é a adequada organização das noções de ciúme, as quais são representadas lingüisticamente a partir de um recurso textual simples - o uso de dois pontos com a enumeração das características logo a seguir: ...”*o que se segue é comum a todos os ciumentos: depressão, ressentimento, vingança, despeito.*”

Por outro lado, um enunciado como “*Numa relação amorosa ciúmes é bom, mas nada em exagero que pode acarretar mais problemas, como a angustia (sic) a raiva*” (Texto 01, alto desempenho, B01) apresenta algumas características que demonstram a desorganização dos domínios nocionais de ciúme, destaquemos:

Apesar de, a priori o sujeito enunciator atribuir uma noção positiva ao ciúme <ciúme – ser - bom> “*Numa relação amorosa ciúmes é bom...*”, o mesmo emprega o termo mais um pouco mais adiante, o qual além de fomentar noções de ciúme (as quais não são explicitadas) que comprovem tal asserção, não conflui com a noção positiva por ele atribuída ao ciúme. Na verdade faltam noções que deveriam ser organizadas de forma que comprovassem o emprego do mais, o qual por sua vez não condiz com o termo bom.

Em suma, o que comumente se encontra denominado como argumentos, aqui podemos entender como a organização nocional. Desta forma, um texto seria bem sucedido enquanto trouxesse noções bem organizadas e um texto ruim seria aquele que apresentasse conflito ou até mesmo ausência da organização das noções.

Obviamente, coesão e coerência são contribuintes diretos para que nós, os leitores dos textos, consigamos buscar as próprias noções de ciúme com menor probabilidade de má compreensão. Na verdade o ato da escrita agencia percursos enunciativos bem mais complexos do que aqueles que a lingüística textual comumente categoriza como coesão, coerência e correção gramatical.

Por hora, encerramos esta seção com uma indagação que nos pareceu pertinente desde o início deste capítulo, e porque não deste estudo: não seriam as

noções dos termos *coesão* e *coerência* para a lingüística textual algo como a TOPE denomina de organização de domínios nocionais?

À parte de respostas possíveis, registramos aqui algumas reflexões que ao menos colocam tudo isso numa zona de interação: o texto.

## Considerações Finais

Abrimos esta última seção com uma reflexão a respeito de algumas constatações por nós feitas durante nossa pesquisa a propósito da obra de Antoine Culioli. Para nós, foi fundamental compreender que apesar do Culioli (1973) propor a distinção entre sentido (relação entre objetos lingüísticos que se referem a objetos extralingüísticos) e significação (relação complexa entre enunciados, uma situação de enunciação, um sentido e valores referenciais), o mesmo não separa radicalmente sentido e referência, o que nos permitiu observar agenciamentos semânticos nas operações de referenciação (processo complexo pelo qual o sujeito constrói e (re)constrói a significação lingüística, na relação representação-referente).

Pudemos observar também que para Culioli (1990), a análise lingüística de um enunciado subentende exercícios de modulação e abstração. Sempre com o objetivo de re (construir) sentidos. Por isso, quando buscamos co-localizar os traços do sujeito enunciator, numa situação de enunciação, as operações (enunciativas e predicativas) não devem ser negligenciadas, mesmo porque toda a construção metalingüística é indissociável da enunciação, em outros termos, do momento da interlocução.

Durante nosso estudo, pudemos perceber que além de Culioli aproximar a noção de significação à de enunciação, ele deixa registrado o caráter contraditório que ambas trazem arraigadas em si pelo fato do enunciado exibir “um agenciamento bem mais simples do que aquele que corresponde às operações que o produziram”. (1973, p.86)

Fuchs bem descreveu o que a teoria predicativa e enunciativa de Culioli traz como um de seus maiores tesouros para a lingüística moderna:

... rejeição da oposição língua / discurso (em prol de uma problemática da linguagem e das línguas); rejeição da oposição sintaxe / semântica / pragmática (em prol de uma problemática das operações predicativas e enunciativas); rejeição, enfim, da oposição função referencial / funções intersubjetivas (em prol de uma problemática da co-enunciação) (1984, p. 77)

Por hora, faremos algumas considerações finais, a quais têm uma mera intenção de pontuar, não conclusões, mas algumas constatações que por ventura são frutos de um estudo que em hipótese alguma se finda, ao contrário, trata-se tão e somente de um prenúncio de uma pesquisa lingüística de fôlego incansável.

Embora redundante, haja vista as páginas que outrora trouxemos aqui a respeito das noções, é mister fazermos algumas colocações finais a respeito das mesmas. Falar de noções é sempre falar de construção e reconstrução de significações e embora uma noção não seja um dado, sua apreensão (bem como sua estabilização) se torna possível por meio de ocorrências lingüísticas.

Pudemos observar também que o conceito de noção fomenta, direta ou indiretamente, a abertura de um caminho maior para o estudo de outras categorias gramaticais da língua, a nós, cabe dar maior destaque ao estudo da modalidade, talvez por termos optado por trabalhar com textos dissertativos, os quais o tempo todo brotam os diferentes posicionamentos que os sujeitos enunciadorees tomam perante seus textos.

Dos inúmeros aprendizados que tiramos deste estudo, podemos citar três de maior relevância, são eles:

Tratar dos domínios nocionais é, de fato, tratar do alto grau das representações das ocorrências abstratas.

Dar minimamente conta de um estudo a propósito dos domínios nocionais é dar um grande salto nos estudos que foquem a complexidade da enunciação e, por conseqüência, da linguagem.

Lidar com noções, é indubitavelmente lidar com conceitos, não conceitos no sentido universalista do termo, mas no sentido de serem representações das atividades simbólicas das línguas.

A hipótese de que por mais que os sujeitos se esforcem para enunciar de uma forma mais singular possível, eles sempre se remetem às noções primitivas de sua cultura levou nos a considerar que o texto é, de fato, focado em sentidos e significações que se direcionam a um centro atrator, isto é, a um construto sócio-cultural.

Tal evidência fez-se presente, sobretudo, durante o trabalho de pinçamento das noções de ciúme apresentadas em cada texto. A partir de tal trabalho saltaram aos nossos olhos noções de ciúme (tanto negativas, quanto positivas) que se repetem em textos tanto de baixo, quanto de alto desempenho. Noções como ciúme – ser – posse, doença, demonstração de amor, normal, medo de perda, entre outras, fazem as bases dos atos enunciativos em questão.

Se arriscássemos uma justificativa para delimitar o que distingue um texto bem formulado de um texto mal formulado, diríamos que são as organizações das noções que pulsam como o maior fator distintivo. De forma alguma tivemos a intenção de defender que não são relevantes coesão, coerência, correção gramatical e outras questões de cunho organizacional dos textos e por conseguinte das próprias noções.

Por ventura, voltamos nosso olhar para a questão do sujeito enunciativo no ato da construção da significação lingüística, a qual dá conta desde a noção (o tipo em si, os percursos enunciativos (que são sobretudo resultados dos arranjos léxico-gramaticais) até o texto em si (o qual é a própria representação das noções já alicerçadas a partir da tripartite *ego*, *unc* e *nunc*).

Ao considerarmos um texto de alto desempenho que traz a noção <ser – doentio> (E 27) e um texto de baixo desempenho que também traz a noção <ser - doença que causa dor nos seres humanos> (H10) cabe nos compreender que os sujeitos buscam o tipo cristalizado em suas culturas para construírem as atividades lingüísticas que são símbolos de suas representações mentais, representações estas que são condicionadas pelos construtos de ordem psico-social, em outros termos, as noções.

Já as quatro análises que são o ápice do quarto capítulo foram uma das reais tentativas de contribuição deste trabalho por serem a própria aplicação do que seria o percurso que vai da noção ao texto. O que nos chamou profundamente a atenção nestas análises não foi o fato de um ou outro desvio de coesão, coerência e ortografia não ter desmerecido uma boa atribuição de nota aos textos três (H26) e quatro (B33), mas enunciados bem formulados por terem produzido representações lingüísticas a partir das noções primárias de ciúme (as quais não fogem ao senso comum).

Por outro lado, não podemos descartar os desvios lingüísticos dos dois primeiros textos como contribuintes para os baixos conceitos avaliativos a eles atribuídos. Parece-nos que há indícios de que há um conjunto de fatores adjuntos ao da enunciação, entre eles as operações de linguagem e os processos cognitivos da linguagem, que fazem que uma simples noção como <ciúme – ser – doença> culmine num enunciado bem formulado.

Sumarizando, os processos que constituem o enunciado e, por conseqüência, o texto - arranjos léxico-gramaticais, atividades de construção e reconstrução de sentido, estruturação, operações predicativas e enunciativas - são os que regulam, referenciam e representam as noções que o sujeito enunciator atribuí ao resultado de todo o percurso enunciativo que tanto mencionamos neste trabalho, em outras palavras, o texto, ou ainda, o construto lingüístico de noções.

## Referências bibliográficas

AUROUX, S. (org.) *Histoire des idées linguistiques*. v.1. Bruxelles: Pierre Mardaga, 1989.

BOUSCAREN, J. (Org.) *La théorie d'Antoine Culioli: ouvertures et incidences*. Paris: Ophrys, 1992.

BOUSCAREN, J.; FRANCKEL, J.; ROBERT, L. *Langues et langage*. Problèmes et raisonnement en linguistique. Mélanges offerts à Antoine Culioli. Paris: PUF, 1995.

CAMPOS, M. H. C. Enunciação mediatizada e operações cognitivas. In: SILVA, A.S. (Org.) *Linguagem e Cognição: A Perspectiva da Lingüística Cognitiva*. Braga: APL/UCP - Faculdade de Filosofia de Braga, p. 325-340, 2001.

CAMPOS, M. H. C. São as representações cognitivas primitivas ou construídas? *Revista Portuguesa de Humanidades*, v. 3, n. 1-2, p. 11-23, Braga: Faculdade de Filosofia da UCP, 1999.

CULIOLI, A. La communication verbale. In: *L'homme et les autres*, n. 4, *Encyclopédie des sciences de l'homme: l'aventure humaine*. Paris: Grange Batelière, 1967, p.65-73.

———. , FUCHS, C., PECHEUX, M. Considérations théoriques à propos du traitement formel du langage. *Documents de linguistique quantitative*, n. 7, Centre de linguistique quantitative de la faculté des sciences de l'Université de Paris, 1970, 49 p.

———. Sur quelques contradictions en linguistique. *Communications*, n. 20, p. 83-91, 1973.

———. *Transcription du séminaire de D.E.A. - 1975-1976*. Paris: Université de Paris VII. D.R.L., 1976. 270 p.

———. Valeurs modales et opérations énonciatives: à propos de certains emplois de "bien" et "fort bien". *Le français moderne*, v. 46, n.4, p. 300-317, 1978.

———. Lecture notes, Département de recherches linguistiques, Université de Paris VII, 1978/1979.

———. Sur le concept de notion. *Bulletin de Linguistique Appliqué e et Générale*, v. 8, p. 62–79, 1981.



- . Remarques finales en guise de conclusion. *Modèles linguistiques*. v.6, n.1, p.239-248, 1984.
- . *Notes du séminaire de D.E.A. - 1983-1984*. Paris- Poitiers, 1985, 112p.
- . *Pour une linguistique de l'énonciation - Opérations et représentations*. Paris: Ophrys, Tome 1, 1990.
- . De la complexité en linguistique. *Le gré des langues*, v. 3, p. 8–22, 1992.
- . La linguistique de l'énonciation. In : ALONSO, C. L.; SERE DE OLMOS, A. (Eds.) *Où en est la linguistique? Entretiens avec des linguistes*. Paris: Didier Erudition, p. 25–57, 1992.
- . *Cognition and representation in linguistic theory*. In: Current issues in linguistic theory, 112. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 1995.
- . Subjectivité, invariance et déploiement des formes dans la construction des représentations linguistiques. In: FUCHS, C., ROBERT, S. (orgs.) *Diversité des langues et représentations cognitives*. Paris: Ophrys, 1997a, p. 43-57.
- . A propos de la notion. In: GROUSSIÈRE, M.L., RIVIÈRE, C. (orgs.) *La notion*. Paris: Ophrys, 1997b, p. 9-24.
- . *Variations sur la linguistique*. Entretiens avec Frédéric Fau – Klincksieck, 2002
- CULIOLI, A. et NORMAND, C. *Onze rencontres sur le langage et les langues*. Paris:Ophrys, 2005.
- DESCLÉS, J.P. Schéma de Lexis. In: BOUSCAREN, J., FRANCKEL, J.J., ROBERT, S. (orgs.) *Langues et langage. Problèmes et raisonnement en linguistique*. Mélanges offerts à Antoine Culioli. Paris: PUF, 1995, p.57-71.
- . *Pour une linguistique de l'énonciation: formalisation et opérations de repérage*. Paris: Ophrys, 1999. v. 2.
- . *Pour une linguistique de l'énonciation: domaine notionnel*. Paris: Ophrys, 1999. v. 3.
- . Subjectivity, invariance, and the development of forms in the construction of linguistic representations. In: FUCHS, C.; ROBERT, S. (Eds.) *Linguistic diversity and cognitive representations*. Amsterdam: John Benjamins. 37–51, 1999.

- FÁVERO, Leonor L. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo, Ática, 1991.
- FRANCKEL, J.-J.; PAILLARD, D. Aspects de la théorie d'Antoine Culioli. *Langages*, v. 129. p. 52-63, 1998.
- FUCHS, C. C. *La paraphrase*. Paris: PUF, 1982.
- . O sujeito na teoria enunciativa de A.Culioli: algumas referências. (Trad. L.Rezende). *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, UNICAMP, 7, p.77-85, 1984. Original francês.
- . As problemáticas enunciativas: esboço de uma apresentação histórica e crítica. *Alfa*, v. 29, p. 111-129, 1985.
- FUCHS, C.; ROBERT, S. (Eds.) *Language diversity and cognitive representations*. Amsterdam: John Benjamins, 1999d.
- GERALDI, J.W. *Portos de passagem*. Martins Fontes, 1991.
- GROUSSIER, M.L. e RIVIÈRE, C. (orgs.) *La notion*. Paris: Ophrys, 1997.
- GROUSSIER, M. L.; RIVIERE, C. *Les mots de la linguistique: lexique de linguistique énonciative*. Paris: Ophrys, 1996.
- GROUSSIER, M.-L. On Antoine Culioli's theory of enunciative operations. *Lingua*, v. 110, p. 157-182, 2000.
- KOCH, Ingedore V. & TRAVAGLIA, L. C. *Texto e coerência*. 2ª ed. São Paulo, Cortez, 1993.
- MAINGUENEAU, D. La stylistique Culiolienne. In: BOUSCAREN, J., FRANCKEL, J.J., ROBERT, S. (orgs). *Langues et langage. Problèmes et raisonnement en linguistique*. Mélanges offerts à Antoine Culioli. Paris: PUF, 1995, p.493-500.
- ONOFRE, M. B. *A indeterminação na linguagem: inconsciência e manipulação*. Araraquara. 1994. 173 f. Dissertação de mestrado em Letras - Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".
- OSU, S. *Opérations énonciatives et problématique du repérage: cinq particules verbales ikwere*. Paris: L'Harmattan, 1998.
- REZENDE, L.M. Operação de predicação e construção de alguns objetos lingüísticos. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, UNICAMP, n.5, p.111-125, 1983.

- . Estudo do instrumento de avaliação: prova de comunicação e expressão do vestibular, VUNESP, 1987. Pesquisa n.1, São Paulo, 1988.
- . Relatives et notions constitutives de la principale. In: GROUSSIER, M.L., RIVIÈRE, C. (orgs.) *La notion*, Ophrys: Paris, 1997, p.223-228.
- . A natureza dialógica da linguagem. *Revista Brasileira de Letras*, UFSCar, v. 1, n.1, p.45-47, 1999.
- . A indeterminação da linguagem : léxico e gramática. *Alfa*, v. 44, p. 349-362. São Paulo – 2000.
- . Léxico e gramática: aproximação de problemas lingüísticos com educacionais. Tese de Livre-docência. UNESP, Araraquara, 2000 (não publicada).
- . Operações da linguagem e algumas construções nominais. *Alfa*, n. 46, p. 111-127, 2002.
- . *A indeterminação da linguagem e a instabilidade-estabilidade dos valores gramaticais*. *Estudos Lingüísticos*, XXXII, 2003, CD-ROM.
- . Causalidade, propriedade diferencial e construção de domínios nocionais. *Alfa*, v. 47-2, p. 21-39, 2003.
- . *Produção de texto no ensino superior: a identidade cobrada*. Texto publicado pela Associação Nacional de Pesquisa na Graduação em Letras – ANPGL – v. 1, p. 21-30, 2004.
- . *Diversidades experiencial e lingüística e o trabalho do professor de língua portuguesa em sala de aula*. *Linguagem e Línguas naturais*. Diversidade experiencial e lingüística. Rezende, L.M., e Onofre, M.B.,(orgs.), pp. 11-21. Pedro e João Editores, São Carlos, 2006.
- . *Ensino de língua: relação teoria e prática*. Teoria da operações enunciativas e o ensino de línguas. Versão Beta, n. 40, pp.8-14, São Carlos , 2006.
- . *Gramática e ensino de línguas*. Teoria da operações enunciativas e o ensino de línguas. Versão Beta, n. 40, pp.15-30, São Carlos , 2006.
- . *Atividade epilingüística e o ensino de língua portuguesa* - Comunicação apresentada no XI Simpósio Nacional de Letras e Lingüística e I Simpósio Internacional de Letras e Lingüística- Uberlândia, MG, 2006

VIGNAUX, G. Entre linguistique et cognition: des problématiques de l'énonciation à certains développements tirés de l'oeuvre d'Antoine Culioli. In: BOUSCAREN, J.; FRANCKEL, J.-J.; ROBERT, S. (Eds.), *Langues et langage: problèmes et raisonnement en linguistique: mélanges offerts à Antoine Culioli*. Paris: Presses Universitaires de France. 565–582, 1995.